

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE

MUSEU NACIONAL

DEPARTAMENTO DE ANTROPOLOGIA

PROJETO EMPREGO E MUDANÇA SÓCIO ECONÔMICA NO NORDESTE

RELATÓRIO FINAL

COORDENADOR: MOACIR GRACINDO SOARES PALMEIRA

Convênio:

Financiadora de Estudos e Projetos	(FINEP)
Instituto de Planejamento Econômico e Social	(IPEA)
Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística	(IBGE)
Universidade Federal do Rio de Janeiro	(UFRJ)

Rio de Janeiro

1977

PROJETO EMPREGO E MUDANÇA SÓCIO ECONÔMICA NO NORDESTE

RELATÓRIO DE PESQUISA

"PROLETARIADO E VIDA URBANA: RELATÓRIOS INTERMEDIÁRIOS DE
PESQUISA

" P R O L E T A R I A D O E V I D A U R B A N A :
R E L A T Ó R I O S I N T E R M E D I Á R I O S D E
P E S Q U I S A

Apresentação

RECIFE: RELATÓRIO INTERMEDIÁRIO

Luiz Antonio Machado da Silva

Amélia Rosa Sá Barreto Teixeira

Ademir Figueiredo

Filipine Chinelli

1

RELATÓRIO INTERMEDIÁRIO DE PESQUISA EM UM GRUPO

OPERÁRIO NO GRANDE RECIFE

Maria Rosilene Barbosa Alvim

José Sergio Leite Lopes

60

UM ESTUDO DE REPRESENTAÇÃO OPERÁRIA NUMA GRANDE CIDADE

REGIONAL

Jorge Eduardo Saavedra Durão

82

A P R E S E N T A Ç Ã O

Os artigos aqui reunidos sob a forma de "relatórios intermediários de pesquisa" tiveram por objetivo a discussão pela equipe do Projeto de dados obtidos em uma primeira ida a campo. Como relatórios semelhantes já foram incorporados no Relatório Intermediário entregue às instituições financiadoras em junho de 1976 (3 relatórios individuais de pesquisa referentes à parte rural do Projeto, constituindo o vol. III daquele Relatório Intermediário) ou foram incorporados no Projeto "Habitos Alimentares em Camadas de Baixa Renda" (o relatório referente a Campina Grande), este volume constitui-se de três relatórios individuais de pesquisas referentes à parte urbana do Projeto que tiveram um primeiro período de campo com uma duração superior ao prazo de entrega daquele primeiro Relatório Intermediário. No entanto para além das contingências do cronograma de pesquisas do Projeto, os artigos apresentados neste volume têm por unidade a análise das dificuldades de constituição do objeto de pesquisa e de entrada em campo enfrentadas pelos pesquisadores e o registro dos seus primeiros resultados de pesquisa versando sobre diferentes aspectos do modo de vida de grupos proletários urbanos. Por outro lado, os relatórios presentes neste volume tratando de aspectos da vida proletária na área do Recife apresentam informações preliminares sobre essa área que não é coberta pelo relatório do "survey" realizado pela equipe do Projeto e que constitui outro volume do Relatório final de pesquisa do Projeto.

RECIPE: RELATÓRIO INTERMEDIÁRIO (*)

Luiz Antonio Machado da Silva
Amélia Rosa Sá Barreto Teixeira
Ademir Figueiredo
Filipina Chinelli

Aspectos técnicos: os problemas da entrada no campo

Descrição da Entrada nas Várias Áreas

A) os critérios de seleção

Antes da descrição da entrada propriamente dita, são necessárias algumas observações a respeito da forma de seleção das diversas áreas onde se desenvolveram os trabalhos de campo. Em primeiro lugar, é necessário salientar que a equipe está formada por pesquisadores do Rio e de Recife, e que a chegada a Recife dos pesquisadores cariocas não foi conjunta, mas processou-se em duas etapas. Na primeira, apenas um dos pesquisadores do Rio entrou em contato com os de Recife, realizando algumas reuniões preliminares quando, além da discussão dos objetivos gerais da pesquisa, foram escolhidas algumas áreas a serem visitadas antes da chegada dos demais pesquisadores do Rio. Na segunda etapa, com todos os membros presentes, repetiram-se as reuniões de discussão dos objetivos gerais da pesquisa e de como desenvolver os trabalhos de campo, para em seguida discutir-se especificamente os problemas relativos à seleção das áreas.

Ficou decidido que, sendo a pesquisa sobre a área metropolitana do Recife, dois critérios seriam utilizados. O primeiro deles, selecionar bairros que se localizassem tanto no município de Recife quanto nos municípios de maior população. O segundo, escolher, a partir do primeiro critério, bairros que fossem geograficamente distantes entre si. A estes critérios, e a fim de economizar tempo, agregou-se o princípio de que, tanto quanto possível, seriam selecionados bairros que já tivessem sido visitados durante a primeira etapa acima mencionada. Deve-se agregar que este critério, embora do ponto de vista formal seja meramente instrumental, na realidade apoia-se substantivamente na experiência e no conhecimento dos membros da equipe radicados e/ou nascidos na cidade do Recife.

Os critérios mencionados no parágrafo acima supõem um critério anterior, que já constava do próprio projeto de pesquisa. O objetivo central desta é analisar as estratégias de vida das cinco categorias que, segundo dados censitários, reúnem maiores proporções de trabalhadores que, individualmente, recebem renda igual ou inferior a dois salários

mínimos. A opção por selecionar bairros, e não as ocupações escolhidas, prende-se ao argumento de que, escolhendo-se bairros reputados como "pobres", seria alta a probabilidade de que se encontrasse pessoas exercendo as ocupações selecionadas; e que, na medida em que não impunha a priori o requisito de desempenho da ocupação selecionada, seria possível pelo menos uma primeira idéia de como estas se articulam às demais ocupações existentes no bairro. O critério fundamental, portanto, é o da maior flexibilidade possível na escolha e seleção dos informantes. Vale a pena acrescentar que uma das ocupações que o censo apresenta como reunindo alta proporção de pessoas com renda igual ou inferior a dois salários mínimos, até o momento não está representada (ou seja, nenhum dos entrevistados a desempenham): "Mecânicos de motor a explosão". De qualquer forma, por si só esta já é uma informação importante, cuja elaboração, porém, considera-se prematura.

B) a estratégia-padrão e o discurso-padrão inicial

Ficou estabelecido que o primeiro contato no bairro obedeceria, sempre que possível, a uma estratégia-padrão: procurar a ou as instituições existentes no bairro, com a finalidade dupla de apresentação do pesquisador e explicação da pesquisa. Note-se que por "instituição local" não se designa apenas aquelas controladas por moradores do bairro, mas também as que, embora controladas por organizações "supra-locais", possuem agências no bairro ou suas proximidades (uma delegacia de polícia, por exemplo). É evidente que este procedimento não se aplicou nos casos em que tais instituições não existiam, ou não agiam em todo o bairro. Para uma primeira avaliação das vantagens e desvantagens da estratégia acima descrita, veja-se a próxima seção.

Além da estratégia geral de entrada nas áreas selecionadas, pode-se constatar que existiu também um discurso-padrão utilizado por todos os pesquisadores mas que, ao contrário da estratégia (previamente decidida) só foi percebido como tal a posteriori, através de conversas entre os pesquisadores. Havia, é claro, sido discutida uma série de princípios gerais, mas que supunha-se serem simples balizamentos, que poderiam ser diferentemente aplicados nas diversas instâncias concretas em que ocorria o primeiro contato. (Este fato sugere não uma grande homogeneidade entre os pesquisadores, mas antes uma forte semelhança entre as várias situações concretas em que se processa o primeiro contato. Acredita-se que esta afirmativa mantenha-se verdadeira mesmo quando se atenta para o fato de que o grau de tensão entre os contatos iniciais nos diferentes bairros foi extremamente variável, como se verá oportunamente).

Quanto ao conteúdo do discurso-padrão, é claro que sua reconstrução só pode ser feita através de seus principais itens, que são os seguintes:

- a) Comunicação de que a pesquisa será realizada, ou permissão para sua realização. O primeiro caso ocorre quando a instituição não é controlada pelos moradores, e o segundo quando o é.
- b) Exposição a mais sucinta possível dos objetivos da pesquisa, agregando-se detalhes apenas na medida em que sejam solicitados pelo interlocutor.
- c) Explicitação do procedimento: conversas informais a respeito de assuntos que o entrevistado se disponha a comentar; eventual uso do gravador, quando o entrevistado o permitir; anotações durante e/ou depois das conversas; visitas recorrentes, mas apenas aos entrevistados que as aceitarem.
- d) Explicitação de que os temas das conversas não correspondem a promessas de qualquer tipo associadas a eles, nem estão associados a objetivos políticos.
- e) Explicitação de que os entrevistados, permanecerão incógnitos para qualquer outra pessoa que não o próprio pesquisador, incluindo-se aí os próprios moradores do bairro e pessoas de fora. Quando diretamente questionada a respeito, o pesquisador reafirma que, embora não controle a utilização do relatório de pesquisa, pode e vai exercer censura sobre as informações que constarão do relatório.
- f) Indicação de que o relatório, uma vez elaborado, será franqueado aos moradores interessados em lê-lo.

Concretamente, verificaram-se tres formas alternativas de entrada: a) o pesquisador, sem nenhuma mediação, procura a instituição existente de que têm notícia anterior; b) o pesquisador, através de algum contato anterior à entrada no bairro, chega à instituição existente; c) o pesquisador aciona conhecimentos anteriores, que de certa forma substituem a instituição, que não existe no bairro.

C) os problemas de segunda fase

Nesta parte do relatório preliminar, a preocupação central é a discussão dos problemas relacionados à entrada no campo. Mas seria excesso de formalismo não fazer referência a problemas que surgiram, em algumas áreas, durante o mês de trabalho e que, embora posteriores à entrada, compõem o momento inicial da relação pesquisador-bairro selecionado.

Assim é que, em dois bairros onde a entrada ocorreu relativamente sem incidentes, surgiu uma forte tensão, (pelo menos de parte dos

respectivos pesquisadores) após certo período de permanência na área.

O primeiro destes casos ocorreu quando o pesquisador, após haver estabelecido uma relação com uma das pessoas contactadas que reputou como boa, marcou data para começar a gravar as conversas. Após algumas desculpas pouco convincentes, o entrevistado afirmou que havia ouvido de alguém que poderia ter problemas se gravasse uma entrevista (e mesmo se mantivesse relações com o pesquisador), pois este agia "feito de tetive". É impossível saber-se como se resolveria o problema, pois na época o pesquisador desligou-se da equipe, e a atuação foi temporariamente suspensa.

O segundo caso ocorreu pouco mais tarde, quando o pesquisador recebeu uma velada acusação por ter supostamente participado de uma reunião com os membros de um órgão (e na sede deste) encarregado da remoção de favelas. Como este fato era inverídico, o pesquisador negou-o, e dias depois a pessoa que havia feito a acusação (que não era morador do bairro, mas conhecia muitos moradores, e estava reiniciando um trabalho no local) afirmou haver um engano. Durante o "mal-entendido" o pesquisador continuou frequentando o local, sem perceber qualquer influência do incidente sobre seu relacionamento com as demais pessoas com as quais entrava em contato.

Comentários Sobre os Problemas, Erros e Acertos

A) entrada e entidades locais

Numa visão global da receptividade da pesquisa nas várias áreas, pode-se identificar tres padrões de recepção. Admitamos as seguintes expressões para identificá-los: "resistência ativa", "resistência passiva" e "aceitação (mais/menos) desconfiada".

Com efeito, seguindo a estratégia-padrão já referida anteriormente, em um dos bairros em que havia interesse de realizar a pesquisa, a instituição local, quando consultada, deixou bastante claro que a presença dos pesquisadores não seria bem-vinda, apesar de não ter havido recusa explícita. Esta é a forma de recepção que se está chamando, por falta de outras palavras de "resistência ativa". Neste caso, desistiu-se de realizar a pesquisa no bairro.

Em um dos outros bairros selecionados, apesar de algumas questões levantadas no primeiro contato pela instituição local, a realização da pesquisa foi aceita. No entanto, qualquer tipo de demonstração neste sentido - como, por exemplo, a simples apresentação dos pesquisadores a pessoas que moram no local - foi, senão recusada, pelo menos muito dificultada. As formas que a diretoria da instituição encontrou para impor barreiras ao conhecimento de moradores pelo pesquisador, no

entanto, jamais foram diretas ou explícitas ("não tenho tempo", "procure fulano", "porque voce não assiste à reunião do dia tal e então pergunta se alguém não quer apresentá-lo", etc.), mas foram evasivas. A este tipo de resistência denominou-se "resistência passiva". No terceiro padrão de recepção incluem-se os bairros em que a aceitação foi imediata e ativa (por "ativa" entendendo-se a disposição de apresentar outros moradores), embora em alguns casos tenha havido uma certa agressividade inicial durante o primeiro contato, e em alguns outros tenham surgido problemas - já mencionados anteriormente - num segundo momento da pesquisa.

Parece ser perfeitamente clara a associação entre os padrões de recepção e a existência/inexistência de instituições locais atuantes. O sentido desta associação pode ser assim descrito: quanto mais capacidade de mobilização dos moradores, maior a possibilidade de resistência. Assim, a aceitação foi mais ampla e "ativa" justamente nos bairros onde não existem instituições locais; isto é, onde o primeiro contato foi realizado com pessoas e não com organizações.

Deve-se ainda acrescentar que os problemas surgidos no segundo momento da entrada - já mencionados anteriormente - ocorreram exatamente em bairros onde existe uma instituição local, mas que possui pouca penetração entre os moradores. Tal fato sugere que nestes casos a resistência poderia ter sido maior no momento da entrada propriamente dita; o fato de isto não ter ocorrido pode estar relacionado à escassa força da instituição. Poder-se-ia também imputar à fraqueza desta o reduzido efeito que os problemas surgidos no segundo momento produziram sobre os trabalhos de campo.

Uma outra questão a ser levantada com relação aos problemas surgidos no segundo momento diz respeito à existência de um certo nível de articulação entre as diversas entidades locais, através de alguma organização "supra-local". Que esta articulação existe é fora de dúvida, assim como é fora de dúvida que o bairro em que ocorreu a "resistência ativa" tem sua organização vinculada a uma dessas entidades "supra-locais". Embora ainda não se possa oferecer uma resposta, é pertinente indagar se esta não pode ter sido a razão para os problemas ocorridos no segundo momento em outros bairros. Em outras palavras, levanta-se a hipótese de "contaminação", com os problemas de um dos bairros podendo afetar os demais. Para confirmá-la, no entanto, seria preciso fazer uma história natural dos problemas surgidos, o que supõe informações de que ainda não se dispõe. Em todo caso, a hipótese fica reforçada pelo fato de que, em um dos bairros onde surgiram problemas no segundo momento da entrada, a fonte destes foi uma pessoa que não é moradora do bairro, tendo ligações com uma entidade supra-local.

As considerações acima permitem problematizar, num primeiro nível, a estratégia padrão. Em outras palavras: em que medida a entrada na área escolhida, através de outro tipo de contato que não a instituição local, poderia ser mais produtiva? Note-se que, ainda quando muito atuante, ela obviamente não pode ter o controle completo do bairro, de modo que este pode ser abordado através de outros canais, sendo a instituição local contactada apenas num segundo momento, depois de já se ter conquistado a confiança de alguns moradores. (É claro que estes comentários restringem-se a um raciocínio meramente instrumental. Problemas de ordem ética foram propositadamente omitidos).

Mas existe também uma outra ordem de problemas que podem ser levantados no que diz respeito às relações entre entrada e instituições locais. Trata-se do fato de que estas são contactadas em função e a partir do conhecimento prévio de sua existência e de suas características. Mas é claro que estas informações são superficiais e incompletas, de modo que a entrada pode se fazer através de uma instituição pouco importante na área (no caso de existir uma ou mais outras, que sejam mais fortes); ou de uma facção que se encontre em posição de inferioridade (no caso de existir uma luta interna). No que se refere à presente pesquisa, ambas as possibilidades parecem ter ocorrido.

É evidente que, ainda quando as relações estabelecidas durante o primeiro contato não impliquem qualquer tipo de aliança - o que, por sinal, fazia parte da estratégia-padrão - as duas possibilidades acima descritas projetam uma imagem no mínimo menos positiva do pesquisador. No entanto, convém acrescentar, os problemas que estas duas formas de entrada podem criar não parecem ser intransponíveis, a julgar pela experiência deste primeiro período de campo.

B) entrada e sexo do pesquisador

Nesta seção, o termo "entrada" deve ser entendido de maneira mais ampla da que vem sendo utilizada até aqui, englobando não apenas os primeiros contatos na área, mas também as primeiras conversas com cada nova pessoa com a qual se entra em contato.

Pelas conversas entre os pesquisadores, uma observação foi consensual, embora se deva tomá-la com uma certa cautela, pois ela possivelmente merece reflexão mais detida. Trata-se do fato de que existiria uma maior facilidade de entrada na casa dos entrevistados quando o pesquisador é do sexo feminino. De fato, constatou-se que, ainda quando existe um bom relacionamento pesquisador/entrevistado, quando aquele é do sexo masculino os convites para frequentar a casa (almoçar, tomar café, simplesmente visitar, etc.) costumam mais a serem feitos. Isto

é verdade mesmo quando o primeiro contato se realiza na própria casa do entrevistado: o convite para retornar é mais reticente e, quando o dono da casa não está, sua mulher hesita em receber o pesquisador, ou recebe-o com excessiva cerimônia. No caso de pesquisador do sexo feminino, por outro lado, quando o contato é feito com o dono da casa, a extensão do relacionamento para abranger a mulher é quase natural. Porém o mais comum parece ter sido o estabelecimento de relação inicial com a mulher, na própria casa, de modo que o pesquisador acaba conhecendo o marido.

Neste sentido, nota-se que, em nenhum caso, pode-se observar qualquer demonstração de ciúme por parte do membro do casal de sexo igual ao do pesquisador (homem ou mulher). Dai imaginar-se que as barreiras para frequentar a casa sentidas pelos pesquisadores homens deva-se antes ao medo que as mulheres tem dos comentários maldosos que os vizinhos possam fazer, do que a qualquer imposição do marido. No caso de pesquisador de sexo feminino esse tipo de comentário dificilmente poderá ocorrer, uma vez que as mulheres geralmente estão em casa.

Deve-se reiterar que estas observações são ainda muito preliminares, precisando ser mais elaboradas. Assim, por exemplo, é possível que no caso de casais muito idosos esta situação não se manifeste, que frequentar a casa de pessoas solteiras torne-se difícil para pesquisadores do sexo feminino, etc.

Sociedades Benéficas

Constatamos a existência de uma ou mais sociedades benéficas na maioria dos bairros de Recife em que mantivemos contatos (1) e também naqueles que não trabalhamos efetivamente. As informações que se seguem foram obtidas através de associados, geralmente pessoas que fazem parte de mais de uma sociedade, como sócios e/ou compondo as diretorias, variando às vezes o cargo que ocupam em cada uma delas. Assim uma mesma pessoa pode se filiar à várias sociedades, da mesma maneira que pode ser presidente de duas sociedades ao mesmo tempo, ou ocupar o cargo de tesoureiro em uma e ser o primeiro secretário em outra, mesmo que essas sociedades estejam localizadas num mesmo bairro ou em bairros diferentes.

Todas as sociedades são regidas por estatutos internos que podem sofrer modificações periódicas, de acordo com suas necessidades. Essas modificações são sempre aprovadas em assembléia geral e incorporadas aos estatutos em forma de aditivos, compostos de artigos, dos quais constam a criação de novas "séries" ou "categorias" de sócios e/ou as "leis" que regulamentam e determinam os deveres e direitos de cada associado. A filiação de associados se dá mediante o pagamento de uma "con

tribuição", isto é, de uma quantia que varia de uma sociedade para ou tra e dentro de uma mesma sociedade, conforme a "série" de sócio em que a pessoa se inscreveu, podendo o associado mudar de série através do tempo, como veremos mais adiante. No ato da inscrição o pretendente a sócio paga a "contribuição", cuja metade corresponde a uma taxa de expediente e a outra metade equivale a uma mensalidade.

Em geral, encontramos dois tipos de sócios: aqueles que pagam ga rantias mensais, chamados de "sócios contribuintes"; e os sócios "be neméritos", o mesmo que, "remidos", em algumas sociedades.

Os "sócios contribuintes" podem se tornar "remidos" ou "beneméritos", basicamente das seguintes formas:

- a) Mediante o pagamento de uma quantia estipulada;
- b) Completando 15 anos de filiação à sociedade, sem retirar nenhum be nefício, devendo ter pelo menos 36 meses de permanência numa determi nada série (2). Caso não tenha ainda completado esses 36 meses, de verá pagar uma quantia de acordo com a série em que está inscrito.

Até agora, apenas em uma sociedade, constatou-se uma excessão. Ne la, coexiste junto com a forma b, uma outra alternativa: o associado terá de apresentar à sociedade cinquenta novos sócios, no prazo de um ano, além de pagar duas mensalidades vencidas (3).

Esse ítem foi aprovado em assembléia geral e incorporado ao esta tuto dessa sociedade, a partir da observação de que a mesma estava sen do prejudicada financeiramente com a aquisição do título de benemerên cia. Segundo seu presidente, os sócios para se tornarem beneméritos, pa gavam quantia estipulada de acordo com a série de sócios em vigor na quele momento - por exemplo, Cr\$ 0,50 - e desapareciam da sociedade. Passavam-se vários anos, a sociedade já havia criado novas séries de sócios, mais caras, por exemplo de Cr\$ 5,00. Acontecia, então a morte do associado ou de membros de sua família. Nesse momento, o associado ou a sua família passava a reclamar por um funeral correspondente à sé rie atualizada, na medida em que, uma vez tornado benemérito, a dife rença de categoria desaparecia. Ora, disse seu Y, "como pagar enterro ao preço de hoje? Tudo subiu nesse espaço de tempo: o material do a taúde e as despesas com o funeral. E a sociedade arcava com o prejuízo da diferença entre o que foi pago na época da aquisição do título de benemerência e a despesa atual" (4). Assim, ficou resolvido que sô se tornaria benemérito, o associado que levasse cinquenta novos sócios e pagasse duas mensalidades vencidas.

Em algumas sociedades, os sócios podem ser do sexo feminino e/ou do sexo masculino. Essas recebem o nome de sociedades mistas. Mas, en contramos o caso de uma sociedade que sô aceita associados do sexo mas culino, o que talvez, possa ser explicado pelo fato de que ela é uma

das mais antigas do Recife.

Todas as sociedades garantem "direitos sociais" aos seus associados, extensivos às suas famílias, sejam eles "beneméritos" ou "contribuintes". No caso destes últimos, desde que não seja interrompido o pagamento das mensalidades. Esses direitos consistem no fornecimento de funeral e de assistência médico-dentária ao associado e seus "dependentes", e no pagamento do auxílio doença. Esse auxílio é um direito restrito ao associado que está impedido de comparecer ao trabalho por motivo de doença.

Em geral, são considerados "dependentes", a "esposa ou companheira, genitores, filhos menores de quatorze anos e filhas solteiras que vivem honestamente em companhia dos pais".

Esses direitos, em termos da garantia e da qualidade do que é oferecido aos sócios, variam tanto externamente, conforme os recursos disponíveis por cada uma, quanto internamente, segundo a categoria em que se está inscrito e a posição que a pessoa a ser beneficiada ocupa na família, em relação ao associado. Assim, uma sociedade pode fornecer o ataúde ou quantia equivalente à classe do funeral a que o associado ou membro da família têm direito, de acordo com a categoria em que o primeiro está inscrito. Por exemplo: o associado da série A tem direito a um funeral de primeira classe ou Cr\$ 800,00; a sua esposa ou companheira a um funeral de segunda classe ou Cr\$ 400,00; os seus genitores ou filhos menores de 14 anos a um funeral de terceira classe ou Cr\$ 300,00 e sua filha solteira ou feto a Cr\$ 250,00. Em algumas sociedades, o sócio ou seus dependentes podem optar entre receber o ataúde ou a quantia equivalente ao mesmo. Em outras, o sócio ou seus dependentes receberão somente a quantia estabelecida para cada classe de ataúde.

Em geral, o sócio e seus dependentes adquirem direito à assistência médica e dentária a partir do pagamento da primeira mensalidade. O mesmo vale para o auxílio doença. Mas, esse é um direito restrito apenas ao associado e também varia proporcionalmente em relação a quantia mensal por ele paga.

A medida em que novas séries de sócios vão sendo incorporadas aos estatutos, os "contribuintes" e os já "beneméritos" das séries anteriores, só passarão a usufruir os benefícios dessas novas séries, se reajustarem as suas mensalidades ou a quantia estipulada em relação à benemerência no aditivo que promulgou a nova série, ficando vedada a entrada de novos sócios nas séries anteriores. Com relação aos sócios que fazem parte da diretoria, que podem ser contribuintes ou benemerentes, esses entram no gozo dos direitos das novas séries sem nada pagar, a partir de vinte e quatro horas de sua aprovação no quadro da diretoria,

o que é extensivo aos seus dependentes. No entanto, aqueles que renunciaram ou foram destituídos de seus cargos e quiserem usufruir dos direitos das novas séries, ficarão obrigados ao reajuste estabelecido pelo aditivo que promulgou as mesmas.

Assim, uma das vantagens de se pertencer à várias diretorias ao mesmo tempo, principalmente quando isso ocorre por vários anos, é que os benefícios relativos à assistência médica e dentária, auxílio doença e notadamente ao funeral, serão aumentados em qualidade e em quantidade em todas as sociedades de que se fizer parte da diretoria sem nada dispender. Isto pode ser uma das explicações para o fato de uma mesma pessoa, ao longo dos anos, ocupar cargos na diretoria de várias sociedades. Encontramos o caso de uma mesma pessoa que é presidente de uma sociedade há mais de dez anos e vem ocupando outros cargos em outras sociedades, no mesmo período.

A vantagem de se pertencer à várias sociedades ao mesmo tempo, reside no direito que essas garantem aos seus associados de preferirem entre a realização do ritual do enterro ou a retirada da quantia correspondente, o que é válido também para seus descendentes.

Sendo assim, as sociedades funcionam como uma espécie de seguro de vida. Além disso, quando o associado, que morreu também é filiado ao INPS, a sociedade que providenciou seu enterro ou um membro da sua família poderá encaminhar o atestado de óbito a esse Instituto e receber o auxílio funeral que o mesmo fornece.

Encontramos o caso de uma pessoa que é aposentada pelo INPS e sócio de pelo menos quinze sociedades, em algumas já benemérito, "por merecimento", segundo ele, isto é, porque passou 15 anos sem retirar nenhum benefício. Além dele, outros membros da sua família também são sócios de várias sociedades. Daí ele dizer: "No caso de minha morte a família pode fazer o meu enterro pela sociedade A e receber o dinheiro correspondente do meu funeral nas outras".

As sociedades vivem da contribuição dos seus sócios. As mais ricas possuem bens, geralmente imóveis que são alugados a essa renda, a crescida às mensalidades pagas, proporciona elevação dos benefícios.

Recebem muito poucas subvenções do governo. Segundo o tesoureiro de uma das sociedades, dá tanto trabalho recebê-las e o dinheiro é tão pouco que a diretoria não faz nenhum esforço para obtê-las.

Algumas sociedades dispõem de um serviço de funeral bastante eficiente e sofisticado. Já em outras, o serviço médico se realiza através de convênios com clínicas particulares localizadas no centro de Recife. Encontramos também aquelas sociedades mais pobres que dispõem apenas de um miserável aparelhamento médico na sua própria sede e o serviço se realiza através de contrato com um médico que atende nesse local os seus associados.

Nem todas as sociedades têm sede própria. Algumas funcionam na casa de um dos seus diretores.

As sociedades mantêm sistema de cobrança através de cobradores que mensalmente vão às casas dos associados receber suas respectivas contribuições. Os cobradores são geralmente pessoas que fazem parte da diretoria, recebem 35% sobre o que é arrecadado, ficando o restante para a sociedade. Conhecemos o caso de um cobrador de tres sociedades ao mesmo tempo, sendo que em uma delas ele é responsável pela arrecadação da contribuição de mil sócios inscritos em séries de Cr\$ 3,00, Cr\$ 5,00 e Cr\$ 10,00. Em algumas sociedades, o cobrador é empregado em regime de CLT. Não sabemos, porém, se essa pessoa recebe um salário fixo, além da comissão de direito, ou seja os 35%.

Verificamos que é realmente importante para as pessoas manterem em dia suas mensalidades. Tivemos oportunidade de presenciar o pagamento de mensalidades atrasadas por parte dos sócios que se deslocam às vezes de bairros muito distantes do da sociedade a que são filiados, depois do cobrador já ter passado pelas suas casas. Estavamos no mês de agosto e dona X veio de Dois Carneiros, num domingo de manhã, com seus filhos para colocar em dia o seu débito. Seu Y (cobrador) virou-se para mim e disse: "tá vendo aí, o que é pobreza? Passei por lá em maio e ela não tinha Cr\$ 5,00. Veio hoje colocar em dia a mensalidade". O que foi confirmado por dona X que disse: "É verdade. São não pago quando não tenho. Mas assim que consigo o dinheiro, pago o atrasado".

Em outra sociedade, assistimos a um caso contrário ou seja, pessoas que pagam adiantado as suas mensalidades, o que parece ser muito comum, conforme a explicação do seu Y: "o sujeito tem um dinheiro e antes que apareça em que gastar, salda logo seus compromissos, o que demonstra sua honestidade".

As sociedades se reúnem uma ou duas vezes por semana para bate-papo informal. Apesar dessas reuniões serem abertas a qualquer sócio, tivemos oportunidade de constatar que o comparecimento é mínimo. Geralmente, comparecem as mesmas pessoas que acorrem às sociedades nesses dias, aquelas ocupam cargos na diretoria. Aproveitam esses dias para realização de tarefas correspondentes aos cargos que ocupam, como passar atas a limpo, colocar fichário e livros de contabilidade em dia, etc.

As sociedades também realizam reuniões mensais e anuais. Nas primeiras, se presta contas ou se decide sobre modificações estatutárias. Essas reuniões têm o caráter de assembleias. As segundas, são sessões solenes, onde se comemora o aniversário de fundação da sociedade. Tivemos oportunidade de assistir a duas dessas comemorações em sociedades diferentes, as quais relatamos mais adiante.

Essas são as únicas a que os sócios comparecem em massa. Segundo um informante, ele não vai gastar dinheiro com transporte, além de deixar de assistir suas novelas para comparecer às reuniões. Só comparece quando sabe de antemão que o assunto é muito importante.

A ligação entre as sociedades é bastante estreita. Sempre encontramos as mesmas pessoas nas diversas sociedades. Uma dessas disse que seu entrosamento em várias sociedades acontece porque "existe uma ética" que nós (as pessoas que compõem as diretorias) (5) estamos por dentro e que para outras pessoas entrarem (para a diretoria das sociedades) tem que ter um treinamento, que começa quando o sujeito entra para sócio. Se ele se interessar, vai aprendendo. Quando está treinando assume um cargo da diretoria até que esteja preparado para assumir a presidência se for o caso" (6).

O fato das mesmas pessoas fazerem parte de várias diretorias ao mesmo tempo, por um lado, possibilitou-nos tomar conhecimento de pelo menos dois grupos que lutam pelo controle do poder dentro das sociedades. Um grupo que parece ser conservador e o outro mais combativo.

E por outro lado, obter informações sobre a competição existente entre as sociedades. Essa competição foi expressada a todo momento pelas pessoas que compõem os grupos dirigentes, em termos de diferenciação estabelecida pelos informantes, entre as várias sociedades.

Assim, ficamos sabendo que algumas sociedades privilegiam o fornecimento de funeral. Outros enfatizam a qualidade do serviço médico e dentário que oferecem. E ainda, as mais pobres que afirmam ter obrigações de prestar esclarecimentos aos seus associados nos assuntos que eles necessitam. Seu Y falou assim: "essa sociedade é diferente das outras. Consta dos nossos estatutos a prestação de esclarecimentos aos nossos associados. Aqui a participação é muito maior. Basta eu bater o sino aí na rua que todo mundo comparece ao meu chamado" (7).

Assistimos a duas sessões comemorativas. Passamos, agora, a descrever uma delas (8):

A solenidade seguiu uma programação composta de vinte itens, li da logo após a chamada das pessoas que comporiam a mesa que presidiria a sessão. Fizeram parte dessa mesa o presidente e o vice-presidente da sociedade e alguns convidados: um presidente e pessoas da diretoria de "sociedades congêneres", um candidato a vereador.

Iniciou e terminou com todos os presentes de pé, ouvindo o hino nacional. Acabado o hino, houve a leitura do Salmo 23, feita pelo presidente e logo após, foi pedido um minuto de silêncio pela morte da genitora do primeiro ou segundo secretário. A seguir, foi franqueada a palavra ao orador oficial da sociedade (uma das pessoas mais moças que compõem a diretoria) e depois, a uma infinidade de pessoas: todos os

que faziam parte da mesa que dirigia a sessão, todos os representantes de "sociedades congêneres" presentes, a representante da liga feminina das sociedades e inúmeras pessoas, velhos "companheiros de lutas", vereadores e candidatos a vereador.

Entre um discurso e outro, uma moça recitou uma poesia, duas outras cantaram. As seis horas, foi colocado um disco que tocou a Ave Maria. Foram chamadas as princesas e a rainha das sociedades e as candidatas a rainha para que o público as aplaudisse.

O salão estava lotado de gente. Havia pessoas tanto sentadas, como em pé. Durante toda a solenidade, as pessoas conversaram umas com as outras, inclusive aquelas que faziam parte da mesa que dirigia a sessão. Aparentemente não estavam se incomodando com o que estava acontecendo. O entrar e sair de pessoas não parava. Às vezes, se levantavam para cumprimentar pessoas que avistavam pela primeira vez ou para ir até a sala dos fundos, onde se encontravam as comidas e bebidas e saíam com os seus respectivos embrulhos.

Num determinado momento, foi servido champanhe só para a mesa diretora e para os convidados especiais que estavam sentados nas quatro primeiras filas. Estavam presentes pelo menos quatro candidatos a vereador dos dois partidos, MDB e ARENA. O presidente ia franqueando a palavra e assim, discursaram no mínimo umas vinte pessoas.

Os pontos mais recorrentes nos discursos foram: apelos para que se permitisse o ingresso de mulheres no quadro de associados, uma vez que, conforme foi colocado (9) elas podem ser muito úteis para mobilizar as sociedades; a necessidade de maior participação dos associados não somente nos dias de festa, mas também nas reuniões semanais e mensais; assim como a diretoria tem obrigação de prestar conta aos sócios esses devem contribuir com propostas e planos para a manutenção das sociedades.

Existe a campanha do mais um, lançada para que a sociedade sobreviva e continue. O apelo também é feito aos jovens que também devem procurar participar. As sociedades não devem somente se preocupar com funeral e saúde. Devem também promover festas de São João, briles através das quais as pessoas têm possibilidade de se reunir e conhecer.

Existe uma preocupação visível com a continuidade das sociedades e até se verbaliza a necessidade de "reorganização" das mesmas, embora não tenhamos ouvido falar de nenhum caso de sociedade extinta.

Ficou demonstrada uma forte preocupação em relação ao crescimento do INPS. Segundo diversos oradores, a tendência dessa instituição de vir a substituir as sociedades ou o "socialismo beneficente" (10), como foram chamados por todos os oradores, os benefícios por elas oferecidos, principalmente agora que o governo tem dado ênfase à extensão

e aos melhoramentos que o INPS pode proporcionar aos seus filiados. Com isso as sociedades perdem sua razão de ser. Ao mesmo tempo que enfatizam esse ponto, levantam outros para demonstrar a necessidade de não se deixar que as sociedades acabem. Por exemplo, as sociedades atendem aqueles que não têm emprego. O atendimento é melhor e mais barato. A prestação paga na sociedade é menor e pode ser atrasada.

Em uma outra ocasião, o presidente de uma sociedade nos disse que o INPS copiou o modelo das sociedades beneficentes, apenas com algumas diferenças. O INPS é mais abrangente do que as sociedades. Essas são restritas quanto ao pagamento das mensalidades e é justamente esse pagamento que seleciona os associados. O pagamento das mensalidades do INPS é muito caro, 8% do salário mínimo. Só pode pagar quem tem emprego certo. Os desempregados não são beneficiados. Só aqueles que têm emprego regulamentado é que podem pagar. Enquanto que, nas sociedades o pagamento das mensalidades não é estabelecido igualmente para todos, variando conforme a série de Cr\$ 3,00, Cr\$ 5,00 e Cr\$ 10,00. Quando o associado não tem dinheiro para pagá-las, ele atrasa sem problemas (11). O mesmo não acontece com o INPS e, caso acontecesse, acarretaria uma série de consequências para essa instituição.

Alguns oradores aproveitaram a presença dos vereadores para fazerem queixas de que há muito tempo não recebem subvenções. Outros para elogiá-los como "representantes do povo" na Câmara e, portanto, cuidar dos seus interesses. Isso era dado como feito pelos vereadores. Mas, em outra oportunidade ficamos sabendo que a última subvenção que essa sociedade recebeu foi há quatro anos, cujo valor foi apenas de Cr\$ 1.000,00 .

Foi recorrente também nos discursos, a ênfase dada à legalidade das sociedades que, segundo eles são legais porque permitidas por lei.

Parece que por ocasião de eleições as sociedades se mobilizam mais. Nesse sentido, são aproveitados dias de festas e reuniões para campanhas políticas.

É utilizada também politicamente a campanha para eleição da rainha das sociedades que se realiza durante todo o ano da seguinte maneira: cada sociedade apresenta uma candidata à rainha e todas elas vendem votos o ano todo. Quem vender mais votos, será a rainha (12) e aquelas que conseguirem o segundo e o terceiro lugares na vendagem dos votos serão as princesas.

Presenciamos uma reunião que teria como objetivo a inscrição das candidatas à rainha. Era uma reunião semanal, não tendo, portanto, o caráter de assembléia. Quando um bom número de pessoas já estava reunido, o senhor Y, sentou-se à mesa e pediu o livro de presença para que as pessoas assinassem. Isto foi contestado pelo encarregado do li

vro porque, segundo ele, não se tratava de uma reunião formal, uma vez que seria necessário tirá-la em assembléia, e isto não tinha acontecido. A confusão se instalou na reunião, discutindo-se se ela seria realizada ou não, o que acabou acontecendo.

Ela foi transformada numa espécie de comício, sob o protesto da diretoria da sociedade.

A existência da rainha e princesas nas sociedades é uma novidade do ano passado. Parece que foi uma das maneiras encontradas pelas sociedades para atrair os jovens e ampliar sua área de atuação, isto é, além de fornecer beneficências, tentar proporcionar também aos seus associados recreação.

A outra solenidade se realizou nos moldes da primeira descrita acima, apenas com algumas diferenças.

A sede dessa sociedade se encontra localizada numa igreja protestante e parece que todos os seus associados são crentes, pois tratam-se uns aos outros de irmãos.

O número de presentes nessa festa foi bem menor do que na primeira. Aí também, estavam presentes representantes de sociedades congêneres e todos eles discursaram. Interessante notar que o conteúdo dos discursos mudou. Os oradores, incluíram Deus nos seus discursos e passagens da Bíblia eram citadas. Algumas delas foram consideradas pelo pastor dessa igreja, um verdadeiro testemunho da realidade.

Houve a apresentação de cantos e poesias pelos representantes da ala jovem. Da mesma maneira que na outra festa, os retardatários chegavam e cumprimentavam os seus conhecidos, inclusive as pessoas que faziam parte da mesa que presidia a solenidade, mesmo que naquele momento alguém estivesse discursando. Acabada a solenidade foi servido um "lanche" aos presentes.

Parece que nessa festa não havia nenhum vereador, nem candidatos a vereador presentes. Não sabemos o motivo dessa ausência.

Famílias Múltiplas

Decidiu-se chamar de "famílias múltiplas" este item, na falta de uma outra expressão que designasse melhor um padrão de família e casamento detectado nas áreas em que estamos trabalhando. Assim é que desde o início deste período de trabalho de campo, notamos uma grande recorrência do fato do homem casado - legalmente ou não - ter uma ou outras mulheres, sendo frequente a existência de filhos nestas relações. Na verdade, poder-se-ia dizer que é muito comum a existência concomitante de mais de um núcleo familiar a partir de um mesmo homem, conforme se pode perceber na seguinte passagem de diário de campo:

"... Então, esse cara começou a dizer que ele tinha 3 mulheres. Quer dizer... que a gora só tinha duas, porque começou a ha ver problemas entre as duas que não a mulher oficial dele. Que as duas começaram a brigar. Então, ele largou uma delas. Disse que todas as três eram do mesmo bairro e que ele tinha uma certa manobra para manter isso..." (13)

Porque estes novos núcleos familiares são estabelecidos? Não temos ainda praticamente nenhum dado que nos possibilite levantar as rações da recorrência deste padrão. Talvez, fosse útil perceber as situações em que o surgimento destes novos núcleos se dá, no sentido de se detectar as especificidades do fato, o que só deveria ser possível numa fase mais adiantada do trabalho de campo.

Mas embora os nossos dados sejam ainda pouco detalhados, parece que o homem só chega a estabelecer novos núcleos familiares - ou seja, quando "sustenta" outra mulher e para ela "monta" uma casa, podendo, inclusive, dela ter filhos - quando tem ou passa a ter condições econômicas para tanto, conforme se pode perceber na passagem de diário de campo que se segue:

"...Ela falou também que antes do marido arranjar esta mulher, tudo ia muito bem para eles, que eles conseguiam tudo, que ele estava querendo fazer uma reforma na casa e que ele tinha arranjado um emprego na firma que esta - se não me engano construindo o reservatório de água do... (do bairro) me parece que ela disse que ele ganha uns Cr\$ 7.000,00 por mês. Aí, ela disse que quando ele se viu com tanto dinheiro, arranjou outra mulher..."

"...Ela disse que por não ter família grande, tinha sido mais fácil prá ele, Sr. Y, arranjar outra mulher. Ela colocou, então, que se eles tivessem mais filhos, ele não poderia... Eles teriam mais despesas em casa. Então, ele não teria dinheiro para sustentar, para dar tudo para outra mulher, como ela disse que ele dá..."

E ainda na narração de uma entrevistada:

"... Eu tenho saudade daquele mocambo ...

A gente não tinha problema. Depois que viemos prá aqui, que ele começou a fazer essa casa... Aí, ele começou a trabalhar mais, a ganhar mais... Não sei. Houve um troço qualquer aí que ele ficou... prá mim, ele ficou diferente. Aí, vem o problema das cartas (referindo-se às cartas anônimas que disse receber diariamente, acusando o marido de ter uma amante).

Estas passagens evidenciam também que as mulheres percebem as novas relações estabelecidas pelos maridos como disruptoras do cotidiano conjugal, tanto em termos afetivos, quanto econômicos. Aliás, esse último ponto nos pareceu ser mais enfatizado. Foi muito recorrente as mulheres acionarem o não cumprimento das obrigações familiares como consequência do marido passar a sustentar outra mulher. E essas obrigações referem-se principalmente aos filhos ou seja, dividindo-se a renda da família com outro núcleo familiar, o sustento dos filhos até a idade em que podem começar a trabalhar que já é difícil, torna-se ainda mais problemático. Com relação a isto, a narração abaixo de um dos pesquisadores poderá ser esclarecedora:

"...Um dia desses (o marido) arrumou uma namorada. Perguntei e ele jurou que era mentira. Tava se preparando prá casar. Disseram à namorada dele que ele era casado e tinha quatro filhos. Ele disse prá ela que era mentira e ela acreditou. Quando foi um dia, eu disse: -"Quer saber de uma coisa? Eu vou lá" : Me arrumei e fui bater na casa da pessoa que me contou. Ela me mostrou a casa da namorada dele. Cheguei lá, batí a palma e ela veio atender.

"...- É aqui que mora fulana? Ela disse: - Sou eu. -É você que vai casar com fulano? É sim. -Olhe. Você pode casar com ele. Agora, eu vim só lhe avisar que você vai ter que tomar conta dos quatro filhos dele.

...Ela disse que não queria mais não. Quando ele soube deu brabo comigo. Disse que eu não tinha nada que me meter na vida dele. Mas, eu só fui avisar..."

Ou ainda o que disse uma das entrevistadas:

"Y (marido), tá precisando comprar sapato prá Y (o filho) "-Vigi Maria. Eu não posso parar em casa. Eu trabalho, me esforço, ganho pouco prá dá tudo prá vocês e vocês ainda vem pensar em sapato?" Aí, pegava o carro e saia. Ele já inventava um barulho prá ir dormi lá..." (na casa da outra mulher).

Aliás, temos duas situações em que fica claro que os filhos sabem e participam do fato do pai ter outra ou outras mulheres. Isto evidencia um padrão bastante diferente do de classe média, em que este tipo de problema é bastante escamoteado, uma vez que parece existir a ideologia de que amantes e separações podem afetar psicologicamente os filhos. E em ambas as situações, os filhos, notadamente os mais velhos, tomaram atitudes de aliança com a mãe, no sentido de forçar o pai a desistir da nova relação. Eis o que narrou uma das entrevistadas:

"...Elas (na verdade a filha e o filho mais velho) tinham feito uma chantagem... porque ela pediu ao pai ... prá deixá a mulher e me pediu a mim prá aceitá o pai dela prá gente vivê como antigamente, sem problema nenhum... foi os dois: tanto ela como Y..." (os dois filhos fugiram de casa, deixando uma carta, na qual diziam que só voltariam, caso o pai abandonasse a amante).

E ainda uma passagem de diário de campo:

"...Ela elogiou muito as filhas. Disse que elas a estão ajudando muito nessa fase difícil. Disse que, se ela não tivesse as filhas, não saberia como suportar coisas todas. Ela comentou também que as meninas ficaram revoltadíssimas com o pai. Disse que a filha mais velha, então, fala mesmo com ele, que briga com ele por causa disso e que essa menina que eu conheci hoje... estava a fim de trabalhar. Mas, quando soube que o pai estava fazendo isso, que tinha arranjado outra mulher tinha decidido não trabalhar e que ela, como mãe, tinha apoiado inteiramente a decisão da filha..."

Chamou-nos ainda a atenção, a facilidade com que as entrevistadas falaram das relações que os maridos tinham com outras mulheres com as pesquisadoras do grupo, a quem estavam vendo, às vezes, pela primeira vez. Uma das pesquisadoras narrou o seguinte em seu diário de campo:

"...Eu perguntei a ele, é... quando ele não estava lá no fiteiro, se ficava fechado... Ele disse que não, que uma moça amiga dele ficava tomando conta ... Aí, X (a mulher do dono do fiteiro) saiu da cozinha com uma raiva danada... e disse que ela não gostava daquela mulher e que tinha uma raiva danada dela e que ela a tinha humilhado várias vezes, tinha falado mal dela, tinha falado mal das costuras dela, tinha falado mal dela com o próprio Y (o marido). O Y disse que não era verdade... Eu fui ficando gelada: "-Pô, estou provocando um grilo aqui sem ter culpa..." X (a mulher de Y) continuou dizendo que ela (a mulher a quem estava acusando) e uma outra mulher queriam tirar o Y de casa e que ele passava dias na casa dela. Dias inteiros..."

Não sabemos se atitude seria a mesma, caso o pesquisador fosse do sexo masculino. De qualquer forma, esta atitude parece contrastar com a descrição com que os homens tocaram no mesmo assunto.

Vale ainda ressaltar que algumas entrevistadas, ligaram o fato de seus maridos manterem relações com outra mulher, a estarem sofrendo dos "nelvos" (14).

Não se constatou nenhum caso em que a mulher casada legalmente ou não - participava de mais de um núcleo familiar ao mesmo tempo. Ao que parece, ela só estabelece uma nova relação conjugal, quando se dá o rompimento da anterior.

Apenas em tres casos - excetuando-se aqueles em que ocorreu a morte do marido - a iniciativa do rompimento partiu da mulher. Neles, os motivos acionados foram "marido ruim" - em termo de maltratos - e não cumprimento das obrigações familiares, conforme se poderá ver nas passagens de diário de campo que se seguem:

"...X conta então a história de uma conhecida dela. O marido era ruim. Não da

va nada em casa. Ela vivia trabalhando para sustentar os filhos. O marido bebia e ainda passava com outra na cara dela. Quando foi um dia, ela resolveu ir embora, fugir de casa. Combinou com a mãe, comprou passagem pra São Paulo. Deixou os filhos tudo arrumado pra dormir. Beijou um de cada vez e foi embora. Quando ele chegou, disse que não ia tomar conta dos filhos e mandou tudo para um sítio onde morava a mãe dela. Essa moça foi e com 3 meses já tava mandando dinheiro pra casa. Arranjou depois um viúvo com posse. O viúvo disse que tomava conta dos filhos dela. Quando foi um dia, o carro bateu na casa da mãe dela. Ela e o viúvo vieram buscar os filhos..."

"...Não sei bem porque, o assunto era sobre os meninos. Então, eu comentei a diferença de idade entre X e Y (os filhos). Ela riu e falou assim: "- Boba. Sabe o que que é? Os três mais velhos são do meu primeiro marido que eu larguei porque ele era muito ruim... Estava dando, sendo muito trabalhoso para mim tratar desses menino. Então, eu me amiguei com o rapaz que morreu no mar para ter uma pessoa que ajudasse nas despesa. Dele, então, tive esses dois últimos. Ele morreu e me deixou com mais dois filhos".

Hã, ainda, o caso de uma mulher que não suportando mais os maltratos do marido, assassinou-o :

"...Tem outra que se livrou do marido também. Deu dois tiros nele. Ele trabalhava na cana. Ele só chegava em casa para bater nela. Sei que ela juntou um dinheiro, comprou um revólver, botou duas balas dentro. Quando ele chegou, já foi com uma ripa e foi dizendo: "-Vã tirando a roupa que hoje você vai apanhar. Ela disse pra ele: "Também hoje é a última surra que você me dá..." "-Porque? Você

vai fugir? Eu vou onde você tiver e trago de volta!" "-Não sei. Só sei que ho je é a última surra que você me dá! Ele pegou a ripa e meteu a cipoada prá cima. Ela tava com o revólver no seio. Tirou o revólver e deu-lhe um tiro... Ela deixou ele lá e foi na casa do dono do engenho. O dono do engenho sabia que ele dava ne la. Aí, foi na delegacia. Ela mostrou as costas que dava uma chaga só. Aí, o delegado disse que tinha sido por defesa. O dono do engenho pagou Cr\$ 500,00 e ela ficou solta, livre dele.

Tomamos conhecimento apenas de um caso em que uma mulher mantinha relações com outro homem, além do marido com quem ela continuava vivendo:

"...Fiquei conversando com uma vizinha . Ela me disse que Dona X não tinha hora de chegar, nem nos domingos, pois ela tem um amante e pode ser que no domingo, ela saia com ele, logo após deixar o serviço."

Filho adotivo

A "adoção" de crianças foi uma outra constatação bastante recorrente durante este período de trabalho de campo. Estamos usando a palavra "adoção" para designar a inserção de crianças em famílias não consanguíneas, sem dar-lhe qualquer conteúdo legal, uma vez que ainda não dispomos de dados que evidenciem qualquer formalização desta ordem. De qualquer forma, os entrevistados quando se referiam ao fato usavam as expressões "criar" ou "filho de criação".

Parece não existir relação entre adoção de crianças e nível de renda, uma vez que pessoas bastante pobres tinham filhos de criação, do mesmo modo que famílias em melhores condições financeiras. Do mesmo modo, também não parece existir relação entre adoção e inexistência de filhos ou pequeno número de filhos. Soubemos do caso de uma mulher, visivelmente pertencente a uma das camadas mais altas do bairro em que mora, que apesar dos 8 filhos, quer adotar uma criança.

Porque, então, pessoas que tem na sua grande maioria, uma renda muito baixa e já possuem filhos, adotam crianças? Os dados de que dispomos evidenciam muito pouco a respeito. Ao nível do discurso de

alguns entrevistados, a adoção se dá porque crianças dão "alegria" ou porque se "gosta muito".

"...A conversa sobre filhos continuou, X disse que fulana estava maluca porque já tinha 8 filhos e queria "criar" mais um! Fulana disse que não estava maluca não, que gostava muito de crianças. X disse que a empregada dela (de fulana) não ia aguentar ter de cuidar de mais um. Fulana disse que já falara com ela e ela lhe respondeu que não se importa porque gosta muito de crianças. X acrescentou que ela (fulana) tinha as filhas mais velhas para ajudar...

Mas, também soubemos de vários casos em que, quando se dá a ruptura do homem com núcleos familiares posteriores a um casamento ou mesmo quando ele não "monta" casa para outra mulher, mas tem com ela filho (s), é comum que a mulher anterior aceite "criar" a criança(s), conforme fica claro no que disse uma entrevistada:

"...Minha irmã me chamando aqui". "- X (a entrevistada), acorda que Dona X (a sogra da entrevistada), mandou te chamar. Tua sogra, mandou te chamar com pressa. X (a amante do marido), tá lá com a menina. Parece que deixou a menina lá. " Aí, eu disse: "-Então, eu vô buscã ! Eu crio..."

...aí, eu perguntei prá X: (a filha da entrevistada que mora em casa); "- Você que cria? X (a filha): "-Eu crio"...Aí, nós fomos buscã a menina".

Neste caso, parece que houve o rompimento da relação, ficando a mulher sem condições econômicas de sustentar a criança. É possível que a entrevistada tenha accito criar a menina numa tentativa de salvar o casamento.

As circunstâncias em que se dá a adoção, indicam sempre uma impossibilidade da mãe de ficar com a criança, quer por razões de ordem econômica quer familiar. No primeiro caso, temos vários exemplos.

"...A menina queria quaranã para levar para escola. Já estava na hora dela sair. Eu perguntei se eram filhos (as duas crianças).

Ele: "-São. Eles nos chamam de pai e mãe. Mas, somos ó avós. Eles são filhos de um filho meu com uma empregada. Resolvemos registrar-los e mandá-la (a empregada) embora, se não ia ser um filho atrás do outro".

"-Ela não quíz ficar com eles?"

"-Ela não tem condições para criá-los. É empregada doméstica em Olinda e vem aqui de vez em quando vê-los".

"...Uma vez outra senhora estava com uma criança muito linda no colo. Eu pensei que fosse avó ou babã. Mas, não. O nenem é filho adotivo. A mãe (que não é casada) não tinha condições para criar a filha. Ela a adotou e é a alegria dela e do marido. Ambos já idosos, ela está com 53 anos".

Parece que a falta de condições econômicas para sustento do filho, pode estar associada ao abandono da criança pela mãe, na rua, ou na porta de alguma casa. Temos dois exemplos disso:

"...Aproximou-se uma garotinha. Brinquei com ela. O senhor perguntou ao rapaz se era dele. Respondeu que era irmã de criação. Sua mãe a ganhou num orfanato. O pai da guria não quíz reconhecer a paternidade. A mãe abandonou-a com um bilhete: "-Filha de cabra safado não se cria. Mata".

"...Enquanto conversamos, chega um rapaz preto com uma criança morena clara nos braços. Calculo 1 ano. "-De quem é a menina? Pergunta Y.

"-É menino. É da gente.

"-Quem já viu nego ter filho branco" diz Y em tom brincalhão.

"-É que a gente tá criando. A mãe dele deixou..."

O segundo caso, ou seja, a impossibilidade da mãe permanecer com o filho por motivos familiares, é menos frequente. Chamamos de motivos familiares aqueles de ordem não estritamente econômica e que envolvem para os entrevistados, considerações de ordem moral. Tal é o caso da filha de um fazendeiro que só poderia continuar morando na casa de um tio para onde seu pai mandara quando soube que estava grávida, se desse a criança que iria nascer, que uma entrevistada - aquela que já tem

8 filhos - pretende adotar:

"...Cheguei na casa de X... X adotou uma criança... A cunhada dela que é enfermeira disse: "-Eu tô com um problema com uma moça - Essa moça se perdeu com um trabalhador do pai dela. Porque o pai dela é fazendeiro, sabe? O pai nem quer ver ela. Então, ele mandou ela prá casa de um tio. Mas o tio não quer a criança. Ele mandou ela dar a criança... Eu disse:"Ah, eu tenho 8, mas, eu quero".

Ou ainda o que narra uma das entrevistadoras acerca de uma mulher que "engordou" e que queria casar-se.

"...Uma amiga dela, moça (virgem) ficou esperando nenem e para não ser descabaçada porque quer se casar, fez cesariana, o que deixou uma cicatriz enorme..."

Pode ainda dar-se o caso, mas é ainda mais raro, da própria criança decidir ingressar em outra família, motivada principalmente por problemas econômicos. Tal é o caso de uma menina cujo pai "perdeu o juízo", após a morte da mãe, o que teria provocado uma crise econômica na família:

"...A gente tinha de tudo lá. A terra era do meu pai. Com a morte da minha mãe, meu pai perdeu o juízo... Com a sua morte resolveu-se mudar prá Pernambuco e vendeu tudo. Depois de tudo vendido, resolveu não se mudar mais. Foi trabalhar na terra dos outros como meeiro e deu prá beber. Tudo foi se acabando e nós passando fome..."

...Falei prá mulher que queria ficar com ela. Ela me botou para dentro e me deu um prato de comida.

Esta mulher era bem de posse... Meu pai apareceu. Eu quase morri de medo de ter que voltar com ele. Mas, ela tanto pediu que meu pai concordou em me deixar..."

(A informante disse ainda que os outros irmãos... foram sendo distribuídos")

Trabalho

Aprendizagem

A) aprendizagem formal e informal

Ao responder a pergunta de como aprenderam suas profissões, os depoimentos dos entrevistados indicam haver duas possibilidades: aprendizagem através de um curso tomado por conta própria (iniciativa do próprio entrevistado) ou oferecido pela firma em que trabalha - que chamar-se-á aprendizagem formal; e a que se denominará "aprendizagem informal", isto é, a que se dá na ausência de realização de um curso.

"Dona X disse que aprendeu a costurar quando foi despedida de uma fábrica em que trabalhava, tirou diploma na(15). Também tem diploma de cabelereira. Ambos os diplomas se encontram emoldurados e pendurados na parede da sala". (Passagem de diário de campo)

Em outra passagem, o Sr. Y nos disse que era maquinista de trem :

"Tomei um curso na Rede, além da reciclagem que faço de dois em dois anos" (Passagem de diário de campo, em que se procura repetir as palavras do entrevistado)

Quanto à aprendizagem informal, disse uma costureira:

"Não tenho diploma, aprendi olhando. Mesmo assim muitas costureiras com diploma vem aqui para eu cortar uma calça, uma camisa, ou uma roupa difícil". (Passagem de diário de campo em que se tenta repetir as palavras do entrevistado)

"Aprender olhando" parece que é uma expressão equivalente a "aprender na prática", ou a "dedicar-se a um trabalho para aprender uma profissão" (v. ilustração a baixo). Ao mesmo tempo em que estas expressões parecem resumir os diferentes processos por que as pessoas passaram para aprender suas profissões, elas nos indicam também que não houve exposição a nenhum curso, pelo menos no início da aprendizagem. Assim o Sr. Y, que trabalha há 34 anos como técnico de raio X, afirmou: "aprendi na prática no hospital, depois fiz um curso". Aqui, o curso parece

apenas legitimizar os conhecimentos práticos já adquiridos anteriormente.

Outro entrevistado disse que, já que não podia mais estudar, resolveu "se profissionalizar", dedicando-se a um trabalho para aprender uma profissão.

Um terceiro entrevistado, carpinteiro, depois de afirmar que "aprendeu o ofício olhando", disse:

"Fui criado sem pai e sem mãe. Onde arranjava amizade me encostava... (saiu muito cedo de casa)... comecei a trabalhar cuidando da cozinha, fazia comida para um pessoal que trabalhava numa serraria, depois passei a faxineiro depois fui ajudante de carpinteiro na serraria... (levava madeira de um lado para o outro para o pessoal), depois é que fui carpinteiro, depois é que consegui uma colher de chá do mestre e aprendi uma profissão". (Passagem de diário de campo que procura reproduzir as palavras do entrevistado).

O trecho acima indica que apenas "olhar" não é suficiente para a aprendizagem informal. Foi necessário também uma "colher de chá do mestre".

Em alguns casos é necessário até saber ler:

O Sr. Y nos disse que, por saber ler, trabalhou como medidor de plantação de cana, aprendendo assim a ser cabo de sulco. (Passagem de diário de campo)

Em outra passagem, a "inteligência" entra como requisito para que seja possível "aprender olhando":

"Eu comecei também fazendo roupa de boneca, quando meus meninos eram novinhos. Vivia olhando os outros costurarem e chegava em casa e fazia. Fui entrando no bordado por inteligência, ia olhando, de olho duro"... (Passagem de diário de campo, em que se tenta reproduzir as palavras do entrevistado)

Encontramos o caso de uma profissão que "não se aprende, vem de berço". O entrevistado é poeta de cordel, e disse o seguinte:

"Para ser poeta é preciso ter um dote .

A poesia não se aprende. Meu tio Y, muito conhecido, não sabia um O. Leitura a dianta, mas o dote vem de berço. Não é todos que faz um livro ligeiro feito eu". (Passagem de diário de campo, em que se tenta reproduzir as palavras do entrevistado) (16)

O filho deste poeta, que trabalha com xilogravura (faz as capas para os livros do pai) disse que começou a mexer com isto "olhando ou tros fazerem em Olinda", sem qualquer menção a algo como "um dote".

Em duas passagens, os entrevistados referem-se a "arte", no sentido de "ofício" que aprenderam, ou da "profissão" que não possuem:

"O Sr. Y ainda garoto aprendeu o "ofício de alfaiate"... depois mudou para Recife e disse que trabalhou algum tempo "na arte", isto é, "no ofício" de alfaiate. (Passagem de diário de campo)
"Dona X, quando falava de seus filhos, disse:

"Meus filhos não tem um que tenha uma arte" (no sentido de profissão) (Passagem de diário de campo em que se tenta reproduzir as palavras do entrevistado)

Estas passagens sugerem que se pode considerar os termos "ofício", "arte" e "profissão" como de significado muito próximo embora não tenha sido possível perceber em que contexto cada um deles é a cionado.

B) aprendizagem na infância

A partir do discurso dos entrevistados, pode-se dizer que, quando a aprendizagem se dá na infância, está quase sempre orientada pela atividade exercida por um membro mais velho da família de nascimento ou de criação. Este é, por exemplo, o caso de Dona X, que aprendeu a fazer objetos de barro com sua mãe e até hoje segue esse mesmo "ofício". Ou o caso de uma lavadeira:

"Minha mãe era lavadeira. Eu ia pro rio com minha mãe... Minha mãe me dava uns paninhos e eu ia esfregando..." (Passagem de diário de campo em que se procura reproduzir as palavras do entrevistado):

"Dona X, que é lavadeira, disse que a aprendeu a costurar com o pessoal da casa onde foi criada. Todas as mulheres da casa sabiam costurar" (Passagem de diário de campo)

Foram também encontrados casos em que todos os membros da família de sexo feminino sabiam costurar e outro em que todos eram lavadeiras. Isto pode indicar que certas atividades profissionais, mais que outras, são exercidas por vários membros da família e/ou que algumas atividades estão fortemente associadas ao sexo do trabalhador.

Em alguns casos, a atividade aprendida com membros mais velhos da família (mesmo quando isto não se dá na infância) é considerada temporária. Isso ocorre mesmo quando as pessoas são introduzidas e/ou para elas é garantido um mercado de trabalho já conquistado:

"Seu Y nos disse que seu filho também faz beliscates". "Faz uma coisa, faz outra, já dá prá comprar a roupa dele". O que seu Y não considera trabalho, e seu filho acha que é uma fase temporária, segundo seu pai, porque já tem científico completo e tentou o vestibular uma vez e vai tentar outra vez, esse ano engenharia. (Passagem de diário de campo)
(17)

"Seu Y, é cunhado de um rapaz e este trabalha na serraria com ele". "Tá lá só enquanto espera o exército, porque não gosta muito de carpintaria". O negócio dele é mecânica. Vai tentar aprender no exército". (Passagem de diário de campo)

No primeiro caso, o ponto de ruptura provável com o trabalho do membro mais velho da família localiza-se na educação, isto é, na esperança de passar no vestibular; no segundo caso, o ponto de ruptura é o serviço militar. De passagem, note-se que "servir o exército" parece representar, em vários casos, se não uma ruptura de fato, pelo menos uma expectativa de rompimento com o passado em geral, e não apenas no que se refere ao trabalho (na presente ilustração, o mesmo rapaz espera completar o serviço militar para mudar-se para o sul).

Em certos casos, a ruptura com a ocupação do pai dá-se a partir do insucesso profissional deste. Aqui, parece verificar-se uma rejeição absoluta da profissão dos parentes mais velhos, por ocasião ã

aceitação "temporária" de que se vem falando.

"A mãe é costureira, quando perguntamos se sua filha costurava, ela disse: "Essa daí não quer nem saber, ela diz: "mãe, me criei vendo a senhora costurar, e o é que a senhora tem? nada". Quer pensar no seu futuro e a mãe lhe dá toda a razão, acha que costurar não é serviço para ninguém e a filha vendo sua situação não quer nem saber de costurar". (Passagem de diário de campo)

A Noção de Especialização

Algumas informações, ainda bastante preliminares, indicam que parece haver uma diferença entre "se profissionalizar" e "se especializar". Entende-se pelo primeiro termo dedicar-se a um trabalho para aprender uma profissão (que vai depender da oportunidade, do trabalho efetivamente encontrado); pelo segundo, o momento em que se aprendeu a realizar uma atividade considerada qualificada, dentro de uma hierarquia funcional. Assim, por exemplo, seu Y refere-se ao seu trabalho atual de motorista como "profissional", e a outro trabalho, realizado no passado (mecânico de motor a explosão) como sua "especialização". Eis a sua história :

"Deixei de estudar para entrar para um time de futebol... hoje me arrependi, mas agora não dá mais... já que não podia estudar resolvi me profissionalizar... me dediquei a um trabalho para aprender uma profissão" (numa fábrica de adubos), cheguei até a me especializar em mecânico de motor a explosão. Mais tarde, continua seu Y, saí para trabalhar no Ministério, já como profissional, (isto é, motorista". (Passagem de diário de campo em que se tenta reproduzir as palavras do informante).

Parece que esta passagem está associada a uma outra, em que o entrevistado explicita o que entende por "especialização", de uma forma que não corresponde a seu uso corrente entre "técnicos":

Foi perguntando a Y se havia alguém que trabalhava só com algumas máquinas na serraria. "Tem sim, tem pessoas que são especializadas"

(o que sugere que ele, seu Y, por saber trabalhar com todas, não seria especializado). (Passagem de diário de campo)

Esta seção tem apenas o objetivo de salientar o fato de que expressões tais como "qualificação", "especialização", etc., que são de uso corrente entre cientistas sociais, apesar e além de toda a sua ambiguidade não podem ser tomadas, quando empregadas pelos entrevistados, na mesma acepção de um senso comum que não é o destes.

Vale ressaltar como adendo, o seguinte caso, conforme está registrado em diário de campo:

"Segundo X, além de ter que dar contada produção exigida, 3.800 cigarros por minuto, resultando em 50.000 latões cheios de cigarros, produzidos de hora em hora por máquina, o que é realizado sob fiscalização, cabe-lhe ainda, ensinar o trabalho às novatas.

Nessa fábrica, todas as "meninas" passam por todas as seções, com o objetivo de familiarizá-las com os diferentes tipos de máquinas que ali operam. Por outro lado, todas elas são, ao mesmo tempo "operadora de máquina" e "apanhadeira" (parece que é aquela que recolhe os cigarros feitos pela máquina). Isto possibilita à fábrica um remanejamento de operárias no caso, por exemplo, da eventual falta de uma delas, para que se mantenha o ritmo da produção.

Além disso, anualmente as máquinas são substituídas por outras mais modernas, devendo cada operária, aprender a operá-las de forma tal que também não diminua o ritmo da produção.

Segundo X, ela perdeu sua juventude "correndo atrás de máquinas". Disse ainda que quando ingressou na fábrica, era "gorda, moça e forte" e atualmente é "magra, seca e envelhecida" (ela tem 26 anos e trabalha na fábrica há 8 anos), o que claramente evidencia que as atividades que desempenha, são extremamente desgastantes".

Lamentavelmente os comentários que se seguem não foram registrados pelo pesquisador. Sabe-se, no entanto, que essa operária não se considera "especializada". Para ela a única operária "especializada" da fábrica é uma mulher "muito bacana" que aparece na fábrica de vez em quando. Acrescentou que "ela não fala com ninguém"; sobe nas máquinas e vai consertando qualquer uma, colocando todas para funcionar".

Portanto, parece que para esta operária "especializada" é a pessoa que conserta as máquinas e não ela, que apenas sabe operá-las.

Desempenho de Atividades Econômicas: as Expressões Usadas

Além das várias expressões já indicadas que se relacionam ao desempenho de atividades produtivas, existem diversas outras, que se se rão descritas nesta seção.

"Biscates", "biliscates" ou "bicos" são termos usados pelas pes soas para definir as atividades que executam e que lhes proporciona algum tipo de remuneração. Esta pode ser complementar àquela que re cebem pelo trabalho efetuado no emprego (isto é, complementar ao sa lário), ou a única auferida. Mas, em ambos os casos, está associada ao "trabalho" não regulamentado. O termo trabalho está usado entre as pas propositalmente, pois nem sempre o biscate é considerado um tra balho:

"Quando perguntamos ao Sr. Y quantas pessoas trabalhavam em sua casa ele res pondeu: "Só eu". E logo a seguir nos disse: "Sou aposentado do ministério..., trabalhava na rede ferroviária, recebo Cr\$ 1.300,00, o resto que faço é atra vés de biscates. E mais tarde nos dis se que apura uma renda de Cr\$ 4.000,00, que faz de tudo, faz serviços de marce neiro, encanador e pedreiro e tem 10 bo cas para dar de comer". (Passagem de diá rio de campo)

Outro tipo de atividade econômica que também não parece ser de finida como "trabalho" pode ser ilustrada a partir do comentário de dona X, que vende roupa na feira, sobre um dia de chuva: "fico revo lta da, hoje sábado e eu aqui sem poder ganhar dinheiro, a chuva não deixa". Aqui, a expressão que substitui o termo "trabalho" é "ganhar dinheiro", e não mais biscate, e está associada a uma atividade com ercial.

Deve-se notar que, embora os "biscates" sejam considerados uma remuneração à parte do salário, algumas vezes, como no exemplo aci ma, eles podem ser efetivamente a base da renda familiar. Não se tra ta de uma mera complementação, como o discurso de alguns informantes sugere.

Existe um caso interessante de realização de biscate, e que é reconhecida como tal. O entrevistado é carpinteiro e marceneiro, tra balhando numa serraria com vínculo empregatício. Parece que, devido à importância de seu trabalho para a serraria (trata-se da pessoa, já mencionada acima, que sabe mexer com todas as máquinas), ele obteve

permissão para utilizar a serraria e seus equipamentos para a execução de serviços particulares, desde que fora do horário regular de funcionamento.

Outro caso ilustra a complexidade do problema: as expressões "biscate" e "ganhar dinheiro" não são acionadas, mas por outro lado o termo trabalho também não é empregado para indicar a atividade. O entrevistado, técnico em raio X, utiliza a criação de animais, venda de hortaliças e ovos, como forma de aumentar sua renda, sendo as transações realizadas em sua própria casa. Acredita-se que esta atividade não seja sequer enquadrada pelo entrevistado no que se poderia genericamente denominar de "mundo de trabalho" (que engloba todas as atividades acima mencionadas, inclusive que não são qualificadas como "trabalho").

Embora não se tenha podido encontrar ilustrações a respeito, a experiência de campo sugere que mais dois termos são utilizados para indicar as atividades econômicas dos entrevistados: "Bico" (que parece ser sinônimo de biscate) e "emprego" (que parece indicar um tipo particular de trabalho, o desempenho para empresas constituídas com carteira assinada). Tem-se, assim, 4 expressões acionadas em diferentes contextos: "ganhar dinheiro", "biscate" (biliscate, bico), "emprego" e "trabalho". Com o material disponível no momento, porém, considera-se prematura a análise de como estas expressões estão articuladas, e de qual o seu conteúdo preciso.

Em outra passagem, o significado do termo trabalho aparece ligado aos direitos que o INPS garante:

"trabalhei em fábrica no tempo que era de menor. Tinha 14 anos no tempo que entrei pra fábrica... (saiu). Tive no INPS e perguntaram se eu queria receber o que tinha pago. Disse que sim. Me deram 51 mil reis e me disseram que só teria direito a INPS quando voltasse a trabalhar. Não voltei mais a trabalhar. Por isso quando me perguntam se eu já trabalhei eu digo que não. Tinha carteira de menor, depois troquei por uma de maior, mas não é assinada porque não trabalhei mais"... (Passagem de diário de campo, em que se procura reproduzir as palavras do entrevistado)

No entanto, em uma outra oportunidade X disse:
"...eu trabalho desde pequena. Até o

mês passado lavei

de de sete anos que lavo roupa".

Fica então ambíguo, para ser resolvido, o significado do termo trabalho, que ora aparece ser uma categoria com significado próprio e restrito, e ora parece ser apenas um termo utilizado para denominar qualquer tipo de atividade que exija um esforço físico.

Procura de Emprego

Em quase todas as famílias entrevistadas encontraram-se pessoas que estavam procurando emprego pela primeira vez, ou que já haviam trabalhado e estavam procurando outro emprego. Os que procuram trabalho pela primeira vez, são geralmente jovens que se deparam com vários tipos de dificuldades:

a) Porque são menores:

"A filha de X começou a falar sobre uma fábrica que estava empregando, mas sua filha é de menor, ao que ela retruca, "Estou revoltada, menor come e veste, para trabalhar procura, procura, quando chega lá, ah! é de menor não serve". E ela repetia: Fico revoltada, menor não come e não veste? " (Passagem de diário de campo em que se procura reproduzir as palavras do entrevistado) (18)

b) Porque só encontram "trabalho braçal":

"Assim nos disse Sr. Y, quando falava sobre o problema do desemprego em Recife - "Tirando pela minha família, tendo um filho e uma filha com científico completo, não tem desses que ajude. Saem todo o dia para procurar emprego. Só encontram emprego braçal, para pagar menos que o mínimo, depois de estudar tanto. E então ele diz pros meninos que ainda tem um pai para lhes dar comida. E completa: "Aí se vê que o estudo não vale nada". (Idem)

c) Porque não preenchem um ou mais requisitos ligados às tarefas a desempenhar:

"X vai aprender datilografia, disse-me sua mãe, porque toda a vez que procura emprego, perguntam se ela sabe datilografia. É isso que está faltando para ela se empregar". (Passagem de diário de campo).

"X fez um curso para atendente pediátrica está esperando ser chamada e disse que eles lá só aceitam as pessoas que fizeram o curso". (Passagem de diário de campo)

Parece que para essas pessoas, trabalhar significa ter carteira assinada. De fato, todas já trabalharam, prestando serviços de manicureiro, encanador, ou cortando cabelo e fazendo unhas em suas próprias casas, ou vendendo produtos. No entanto, nenhuma delas se referiu a estas atividades como trabalho ou emprego (v. seção anterior).

Percepção do Trabalho Feminino

Neste ítem, trataremos apenas da percepção que a mulher tem do seu próprio trabalho, uma vez que os dados de que se dispõe, não permitem mais do que isso. Assim, a mulher que mantém a casa praticamente sozinha, isto é, sem ajuda do marido, pensa da seguinte maneira:

"Olhe, eu aguento coisa aqui... mulher trabalha mais e tem responsabilidade dos filhos, tem de dar conta deles". (Passagem de diário de campo em que se tenta reproduzir as palavras do entrevistado)
"Aqui eu sou sozinha, meu marido não ajuda em nada (o marido não trabalha) . Não paga uma luz, não faz uma compra. Tudo sou eu. De tomar conta das crianças, da casa, de levar ao médico, de fazer compra. Tudo sou eu". (Idem)

Já a mulher que trabalha fora de casa, ao que parece, não é bem vista. Uma das mulheres com que se conversou, disse, referindo-se a uma vizinha viúva:

"Ela já vivia vendendo esses negócios antes. Ela não ligava muito pra casa, vivia na rua". (Passagem de diário de campo em que se tenta reproduzir as palavras do entrevistado).

Segundo ela, portanto, não foi a viuvez que obrigou sua vizinha a trabalhar "na rua". Parece, então, que para ela trabalhar fora de casa, implica no descuido das obrigações que a mulher tem para com a família.

Se o marido assume as despesas da casa, quando a mulher trabalha fora, a percepção do trabalho feminino parece ser a mesma da que foi explicitada acima, conforme se pode perceber no exemplo de uma mulher que lava roupa em casa de família:

"...não é bom mulher trabalhar fora de casa, não. Trabalho pra ter um dinheirinho. Não é que nós seja muito precisado, não. (Seu marido ganha Cr\$ 2.700,00 por mês segundo ela). Um dia desses Y adoeceu e se aperreou porque eu tava fora de casa. Disse que eu não ia trabalhar mais, que X (sua filha) não sabia fazer as coisas direito". (Passagem de diário

de campo, em que se procura reproduzir as palavras do entrevistado)

Os exemplos dados parecem indicar que o trabalho fora de casa é percebido como oposto ao bom desempenho doméstico da mulher, o que pode estar relacionado ao fato de que a contribuição feminina para a renda familiar pode ser dispensada, ou pelo menos não é imprescindível. Isto só poderá ser testado quando se conseguir detectar casos em que o trabalho da mulher for indispensável.

Trabalho por Produção

Nesse ítem procuraremos descrever duas situações, em que a relação de trabalho e o tipo de remuneração, possibilitem uma redistribuição das tarefas a terceiros que não tem contato direto com as fábricas.

A) a fábrica de chupetas: a imagem da fábrica, as relações de trabalho, redistribuição de tarefas

Soubemos, através de uma mulher (19) da existência de uma fábrica, na qual ela trabalha ligada basicamente à montagem e embalagem de chupetas e à lavagem e secagem de sacos plásticos, conforme se verá adiante. Não ficou claro se ela eventualmente, desempenha outras tarefas.

Segundo Dona X - a mulher acima mencionada - a fábrica produz, além de chupetas, garrafas, tampinhas, canos plásticos e shampoo. Citou ainda, cola, acetona, detergente e álcool. Mas não sabemos se estes elementos são até produzidos ou se entram na composição dos produtos mencionados.

Ainda não pudemos precisar a localização da fábrica. Mas, tudo indica que ela está situada bem próxima à residência da entrevistada.

Segundo Dona X, a fábrica é "grande"

"...grande. Dá 3 dessa minha casa (20). Tem um prédio lá. Tem o 1º e o 2º andar" ...Porque o prédio de cá era pequeno. Ele fez maior prá caber os materiais todinho, sabe? Porque tem muito material."

Ao que parece, a imagem que, por enquanto, Dona X transmitiu da fábrica, está basicamente relacionada ao aspecto físico do estabelecimento. Apenas muito rapidamente, ela se referiu à distribuição espacial das tarefas que nela são desempenhadas:

"...No térreo, é máquinas... Em cima é embalagens. Agora as embalagens de plástico é lá em cima. A de vidro é lá em baixo".

Dona X informou que trabalham na fábrica "umas 190 pessoas." Não sabemos quantos são os homens e mulheres. Mas, sabemos que "de mulher fichada lá na fábrica dele (referindo-se ao dono do estabelecimento) só tem três...". Ela é uma dessas mulheres:

E - Mulher fichada quer dizer o que?

Dona X - Prá pagar o Instituti, sabe? Só quem paga é 3 de mulher.

"Mulher fichada", portanto, é aquela que tem carteira assinada, o que lhe possibilita o acesso ao INPS, além de outras vantagens, conforme ela própria coloca:

"Então, o pessoal reclama que eu deixe de trabalhar - meus filhos mesmos - que não dá prá nada. Mas, dá. Porque no fim do ano... recebo completo. Então, tem o PIS também... Eu não deixo agora, não. Só deixo quando eu não puder mais..."

Nem sempre Dona X trabalhou para a fábrica com carteira assinada:

"...Vou fazer 2 anos e meio que trabalho de carteira fichada e clandestina, vai fazer 3".

É muito provável, portanto, a existência de trabalhadores que mantêm com a fábrica uma relação de emprego não legalizada. Não temos, porém, números nem outros dados que possibilitem uma primeira caracterização desses trabalhadores.

Conforme Dona X informou, sua carteira é assinada com o salário mínimo (21). Mas na realidade, ela ganha por produção, ou seja, conforme a quantidade de sacos plásticos lavados e secos e de chupetas montadas e embaladas, constituindo-se o salário assinado na carteira numa mera formalidade.

Parece que o pagamento é feito semanalmente. A fábrica paga Cr\$ 0,05 por dúzia de chupetas montadas e embaladas. Dona X disse que normalmente faz "uma produção" por semana:

"...Faço, assim, mil e tanto: quinhentos e quinhentos... Quinhentas dúzias com quinhentas dúzias"

"Uma produção", portanto, equivale à mil dúzias de chupetas. Quanto aos sacos de plástico lavados e secos, a fábrica paga por quilo,

mas não sabemos quanto. Sabemos, porém, que a quantidade de sacos que se consegue atingir é pesada diariamente. Mas, ainda, não temos informações sobre o pagamento: se é diário ou semanal ou, ainda, se existe uma outra forma de efetuar-lo.

A montagem e embalagem das chupetas é sempre feita em casa. O plástico é lavado e seco na fábrica. Temos poucos dados acerca da divisão do tempo de trabalho de D. X em torno dessas duas tarefas. Sabemos que ela não se dedica a ambas no mesmo dia. Parece que, de acordo com o programa de produção da fábrica, há períodos em que ela apenas monta e embala e outros, em que lava e seca plástico. Porém, não sabemos ainda, qual a duração média de tais períodos.

Perguntamos à Dona X porque as chupetas eram sempre montadas e embaladas fora da fábrica. Ela explicou que se esta tarefa fosse realizada na fábrica, não conseguiria alcançar "uma produção" por semana. O noivo de uma de suas filhas acrescentou que :

"se ele (parece que se referia ao dono do estabelecimento) for pagar semanal prá fazer, não dá resultado prá ele. Tem prejuízo. Então, ele chega e entrega prá fazer em casa... Tem mais resultado... Porque aqui, eu faço, ela faz (referindo-se à noiva...)

Desempenhando esta tarefa fora da fábrica, Dona X pode redistribuir as chupetas, o que lhe permite alcançar "uma produção" semanal e, às vezes, mais do que isso, conforme ela própria indica. Mas, porque Dona X frisa tanto isto? Os nossos dados, por enquanto, permitem levantar apenas suposições. É possível que ela tenha que atingir o mínimo de um milheiro de dúzias, por exigência da própria fábrica ou seja, que a "produção" se constitua num padrão de medida da fábrica. Por outro lado, alcançar aquela quantidade, talvez possa significar para Dona X, auferir vantagens que ainda não conseguimos perceber.

A redistribuição das chupetas se dá em dois níveis. Num, recebe "ajuda" - para usar palavras dela - constante do marido e do filho mais novo e esporadicamente de outros membros da família. Seu marido é aposentado e o filho "só estuda". São, portanto, os únicos da família que dispõem de tempo para trabalhar sistematicamente com Dona X, uma vez que os demais filhos - três - tem emprego regular. Percebido basicamente com "ajuda", o trabalho dessas pessoas não é remunerado.

Num outro nível, Dona X entrega parte das chupetas a pessoas que ela recruta na vizinhança. Quando foram colhidos estes dados, Dona X dividia as chupetas apenas com uma mulher (22). A única informação que temos acerca dos princípios que orientam a divisão das chupetas, é que

Dona X encarrega-se da montagem das de cor azul e a outra mulher das de cor de rosa (23). Não sabemos, porém, se isto ocorre sempre.

Esta mulher é paga semanalmente. Não sabemos como é calculado o pagamento. Mas, temos certeza que não é por dúzia de chupetas, conforme a fábrica paga à Dona X :

"Não pago por dúzia, não. Pago uma base assim por semana. Pago 30 contos por semana... Pago uma senhora... Eu pago 40,0 que eu fizer mais... Se eu fizer duas produções, eu pago mais..."

O certo é que Dona X paga menos do que recebe da fábrica porque só ela embala as chupetas e esta diferença se constitui no que ela chama de "lucro" :

"...O menino (seu filho mais novo) (vai tirar (as chupetas) na fábrica e traz no meu carro e bota aqui. Carrinho de mão, sabe? Tem que ficar o lucro porque elas não embalam. Só eu quem embalo. A embalagem é minha... Porque é duas cores, eu faço a azul e elas faz a rosa. Quando está prontinha, no saquinho... aí, eu embalo. Por isso que eu calculo assim. Porque a embalagem é minha".

Esta redistribuição do trabalho, ao que parece, é muito interessante para a fábrica porque, além de arcar com os encargos sociais de apenas um empregado, diminui os custos de sua produção. Pelo o que foi dado a perceber, a mulher com que Dona X divide as chupetas, também é auxiliada por membros da família:

"Daqui, eu e meu marido e meu filho, e lá, 3 da outra. Agora, eu só pago a uma, sabe? Agora, ela é uma pessoa que tem muitos filho. Tudo fica em casa. É que nem eu aqui. Trabalho com meu marido e meu filho e o que eu ganhar, fica em casa..."

Não pudemos perceber se ela assim como Dona X - divide as chupetas entre os membros da família e com outras pessoas.

O marido e o filho mais novo de Dona X também a ajudam na lavagem e secagem de sacos plásticos. Conforme informações do primeiro, parece que a fábrica utiliza sacos provenientes de uma usina de açúcar para produzir o plástico que vai ser transformado em objetos.

Esses sacos vêm sempre sujos de açúcar, sendo necessário lavá-los muito bem e secá-los para que possam ser transformados pela mã

quina. Esta tarefa é sempre desempenhada num grande tanque, situado numa parte descoberta da fábrica. Assim como o marido e filho ajudam Do na X, outras pessoas levam também para lá membros de sua família ou recrutam ajudantes que segundo ele, são geralmente "conhecido", "amigos" a quem pagam Cr\$ 10,00, a Cr\$ 15,00 por semana. A fábrica paga por quilo de plástico lavado e seco e talvez se repita aqui o mesmo que se verifica com relação à montagem e embalagem de chupetas: os ajudantes não familiares devem receber menos do que a fábrica paga ao empregado.

B) a fábrica de tapetes: o grupo de bordadeiras e sua remunera
ção

Num dos bairros em que se está pesquisando, vimos grupos de mulheres bordando tapetes na porta de várias casas. Soubemos, então, que ali existe uma fábrica de tapetes, para a qual trabalham em grupo, mulheres do local. Nada sabemos, por enquanto, sobre a sua localização exata, nem sobre o seu aspecto físico.

Tomamos conhecimento da existência de uma outra fábrica de tapetes em Recife, mais antiga do que a que nos referimos acima. Ao que parece, embora os tapetes produzidos pela primeira fábrica tenham preço mais elevado, estão concorrendo vantajosamente com os da segunda. Isto se deve a uma máquina importada da Alemanha que plastifica os tapetes, tornando-os muito mais duráveis.

Interessados basicamente no tipo de relação de trabalho que as bordadciras (parece que é assim que são designadas) mantêm com a fábrica e em perceber a organização interna dos grupos, conseguimos, por enquanto, levantar os dados que são descritos a seguir.

Conseguimos entrar em contato com membros e a líder de um grupo de bordadeiras. Estamos usando a palavra líder porque desconhecemos se existe uma outra designação do grupo para esta pessoa.

Este grupo é composto de oito pessoas, mais a líder. Como não temos informações sobre outros grupos, não sabemos ainda qual é o nũmero médio de membros que os compõem, nem quantos existem na área.

Todos os membros deste grupo - provavelmente também dos demais - são mulheres. Acreditamos que isto ocorra em função do próprio tipo de tarefa.

A líder é aquela que faz a ligação entre o grupo e a fábrica. É ela quem recebe todo o material necessário à confecção do tapete: lã, tela e o desenho miniaturizado que ela deveria repetir na tela. Este desenho é idealizado na fábrica sendo provável que exista um setor específico para desempenhar esta tarefa. A repetição do desenho consiste em cabordá-lo na mesma escala da tela. Chama-se a isto "riscar o campo".

be às demais bordadeiras "encher os campos" ou seja preencher os espaços brancos, segundo as cores indicadas pela líder, conforme as especificações da fábrica.

No caso do grupo com que se estabeleceu contatos, os membros trabalham na casa da líder. Não sabemos se isto se repete com os demais grupos. Ao que parece, há sempre mais de uma pessoa trabalhando num tapete. Trata-se de um trabalho coletivo, realizado, como faz crer a líder, num clima jocoso, o que não seria possível dentro dos limites de uma fábrica.

Não sabemos, ainda, qual o tempo médio necessário de acordo com as dimensões, para a confecção de um tapete. Mas sabemos que é possível a líder encarregar-se de mais de um ao mesmo tempo. Quando se conversou com a líder que mencionamos, ela mostrou três tapetes que estavam sendo bordados ao mesmo tempo.

Isto pode indicar três possibilidades. É possível que haja mais de um grupo, sendo a coordenação de uma mesma líder, encarregando-se de um de um tapete. Mas, pode ser que os membros de um mesmo grupo se dividam para trabalhar em diferentes tapetes ao mesmo tempo. Ou ainda que se fracione o tempo, conforme o número de tapetes, trabalhando todo o grupo num mesmo tapete de cada vez (24).

Todos os membros do grupo que se entrou em contacto, à exceção da líder, são adolescentes. Não sabemos ainda quais são os padrões de recrutamento. Mas, parece que relações de parentesco e vizinhança nele são básicos. Do mesmo modo, muito pouco sabemos acerca do recrutamento das líderes pela fábrica. Parece ser indispensáveis já saber bordar e riscar o campo.

Parece que saber bordar não é condição indispensável ao ingresso no grupo de bordadeiras, podendo a líder encarregar-se do processo de aprendizagem de seus membros. A primeira etapa é aprender a "encher os campos", passando-se depois a "riscar o campo". É possível que este processo seja influenciado por relações de parentesco e vizinhança. No caso do grupo com que se entrou em contato, a filha da líder já sabe "riscar o campo", o que não acontece com os demais membros.

A remuneração da líder é feita pela fábrica, em função do metro quadrado de tapete bordado. A remuneração das demais bordadeiras é feita pela líder, com base nos novelos de lã que cada uma gastou para "encher os campos". Por exemplo, uma adolescente que participa do grupo a que nos referimos até aqui, utilizou num mês 11 novelos, ganhando .. Cr\$ 44,00 ou seja, Cr\$ 4,00 por novelo. Portanto, tanto a líder, quanto as demais bordadeiras são remuneradas com base na produção que conseguem alcançar.

A líder com que se entrou em contato, não têm carteira assinada

pela fábrica, assim como os demais membros do grupo. Mas, sabemos que, pelo menos algumas líderes, tem com a fábrica uma relação de trabalho legalizada (carteira assinada) .

A líder a quem estamos nos referindo, disse que não tinha carteira assinada porque não queria tornar-se "chefe", como se pretendia na fábrica. Ao que parece, "chefe" é a pessoa que faz ou é encarregada de outras pessoas - ainda não sabemos - que consertam possíveis falhas nos tapetes, ou seja, uma espécie de controle de qualidade do produto. Isto parece indicar que as pessoas que desempenham tarefas dentro da fábrica - além da correção de falhas, ali é feita a forração e a plastificação dos tapetes - podem manter com ela uma relação formalizada de emprego:

C) Conclusão

Os dois casos acima descritos, em que a remuneração do trabalho é baseado essencialmente na produção, evidenciaram que a relação de exploração existente entre a fábrica e o trabalhador com quem ela mantém contato direto, pode repetir-se entre este e as demais pessoas com quem divide tarefas. Poder-se-ia dizer que se dá a exploração da exploração, lucrativa, guardadas as devidas proporções, tanto para a fábrica, quanto para os intermediários.

Migração

Entende-se aqui por migração a qualquer deslocamento geográfico que implique em mudança de cidade. A partir desta definição, sistematizou-se o material coletado segundo os seguintes tópicos:

A Decisão de Migrar ou Não Migrar
Tempo de Migração
O Termo Migração

Cabe ressaltar que, no decorrer desta seção várias referências são feitas a "família nuclear" e "família". Entenda-se, nestas ocasiões, tais expressões como equivalentes às de senso comum indicadas por estes termos.

A Decisão de Migrar ou Não Migrar
A) a decisão de ir para fora

O conjunto de motivos dados como explicativos para esta circunstância apoia-se na família. Três tipos de casos são recorrentes: morte

de membro da família; namoro e/ou casamento; deslocamento prévio de membro da família. A seguir descreve-se cada um destes casos.

Neste caso, todas as passagens sugerem que o chefe da família é a figura central do ato de migrar devido à sua condição de suporte da economia familiar. Esta característica fica clara tanto quando é o pai que morre quanto quando é a mãe.

Assim, tem-se em primeiro lugar o caso em que, da morte do pai, decorrem mudanças nas condições econômico-financeiras da família, explícando-se a partir daí a migração:

"Dona X contou que sua mãe ficou viúva em Ibimirim... Depois da morte dele (pai) sua mãe passou por muita dificuldade, pois não teve quem administrasse o negócio (armazém de cereais)...

Em outro caso, a morte da mãe é acionada para explicar a doença do pai, decorrendo daí uma forte piora na situação econômica da família, que desemboca na migração da filha:

"Eu nasci no interior, no sertão de Alagoas... A gente tinha de tudo lá... A terra era de meu pai... Com a morte da minha mãe, meu pai perdeu o juízo ... (cfr. seção "Sofrer dos nervos")... Com a morte, meu pai resolveu mudar para Pernambuco e vendeu tudo. Depois de tudo vendido resolveu não mudar mais, foi trabalhar na terra dos outros como meeiro e deu prá beber. Tudo foi se acabando e nós passando fome... Aí quando foi um dia eu fui com meu pai para a feira. Ele foi prá venda beber. Eu estava morrendo de fome. A dona da venda falou prá meu pai: - "Dá esta menina prá mim?" -- - "Dou nada". Eu fiquei doida prá ficar, só pensando em ter o que comer... No fim de semana, falei prá meu pai: - "Vou na feira". - "Fazer o que, menina?" - "Comprar banha..." Saí sozinha. Chegando lá fui direto prá venda. Falei prá mulher que queria ficar com ela. Ela me botou prá dentro e me deu um prato de comida... Meu pai apareceu, eu quase morri de medo de ter que voltar com ele. Mas ela

tanto pediu até que meu pai concordou em deixar..."(2) (Mais tarde surgiu uma cena de ciúmes, que culminou com a migração forçada da moça, patrocinada pela família que a acolheu. O deslocamento, por tanto, foi ocasionado pela morte de um membro da família que, através da loucura do pai, afetou profundamente sua situação econômica).

Em ambos os casos ilustrados, portanto, fica claro o papel central que o pai exerce, tanto nas condições econômico-financeiras da família quanto no ato de migrar (ainda que a influência seja indireta). Fica clara, também, a associação que existe entre situação financeira e migração.

Em outra passagem, o informante lança mão de dois motivos, morte do pai e mudança para outra cidade da firma em que trabalhava. Embora no discurso do informante estes dois motivos estejam associados, não se pode aquilatar a influência efetiva que a morte do pai exerceu sobre a decisão de migrar. De qualquer forma, é de se salientar a importância do pai na estratégia de vida familiar; foi com a morte deste que os irmãos que trabalhavam na firma também migraram. Fica, porém, a questão: permanecendo o pai vivo, os irmãos que trabalhavam na firma que se mudou teriam migrado?

"...Tanto ele quanto sua mulher nasceram na mesma cidade no interior de Pernambuco... Aos 17 anos ingressou no distrito (da companhia X) de sua cidade... Contou que a morte do pai se deu mais ou menos na época em que (a companhia X) de sua cidade seria transferida para Recife. Ele e seus irmãos que trabalhavam na (compaⁿhia Y) resolveram vir para Recife."

(1960) (26)

As duas passagens ilustram a morte do pai como único motivo apresentado para a migração:

"...Perguntei a Dona X onde ela havianas do. Respondeu que em Barreiros e que tinha decidido sair de lá após a morte do pai..." (27)

"Eu nasci no Ceará (Joazeiro)... Aí meu irmão foi buscar a gente... Meu pai morreu... Vim para cá moxinha nova." (1965) (28)

Outra classe de motivos refere-se a situação de namoro ou casamento. Fato interessante é que ela foi acionada apenas por mulheres, o que reforça as referências à posição central do chefe de família. Esta centralidade provavelmente decorre da posição privilegiada no mercado de trabalho masculino. Casos desviantes de motivos para migrar, portanto, podem ser cruciais para a compreensão do lugar que a força de trabalho feminino tem no mercado, assim como da contribuição do seu salário para a renda familiar.

Tres possibilidades foram encontradas para explicar a migração quando esta é vista a partir da relação homem/mulher: casamento, rompimento do namoro, e namoro possível. Estas possibilidades são ilustradas nas seguintes passagens:

"...Da filha que mora no Rio de Janeiro, Dona X recebeu Cr\$ 100,00 por mês. Tem uma outra filha em São Paulo. Essa casou com um tocador de conjunto. E ele foi pra São Paulo e iludiu ela, dizendo que estava bem... ele foi e me deu a passagem pra deixar ela lá. Quando chegamos ele estava morando na casa dos outros. Deixei ela e vim embora. Com oito dias que eu cheguei ela estava de volta... Voltou pra onde está ele de novo. Faz uns tres meses. Não mandou dizer nem se chegou em São Paulo ..." (29)

"Depois que se casou veio pra Ribeirão lá morando 16 anos... Faz 14 anos que está em Recife". (30)

"Ela reside em Recife no bairro de Estância... está ali há 4 meses, desde que se casou. Morava em Vitória de Santo Antão, terminou um namoro e foi embora pra São Paulo. Passou dois anos lá, veio passear e reatou o namoro, retornando a São Paulo. Um ano depois o distinto a chamou para que se casassem..."

"...Tem um primo que diz que é namorado dela. Então ela contou que estava a fim de ir para o Rio de Janeiro... pra ver se consegue emprego porque aqui é muito difícil de arranjar... eles (parentes de São Paulo) acham que ela deve ir, para lá

(São Paulo) porque lá ela vai ficar melh^or... é mais fácil conseguir trabalho... pretende ir em dezembro... Aí ela comentou que me mostraria as cartas que o primo manda... eu li... A impres^são que eu estou tendo é que talvez a grande motivação dela seja a busca de emprego. Mas eu acho que o motivo imediato está sendo conhecer o primo...(31).

Neste caso a migração é pensada como função do "chamado" de algum membro da família que já havia migrado:

"...ele disse que eu viesse embora que eles tinham alugado uma casa que cabia a gente... Vim embora prá aqui que meu filho mandou buscar..." (32)

"X é alagoana, saiu para São Paulo juntamente com o restante da família... uma vez que seu pai havia ido na frente, isto é, com dois anos de antecedência..." (33)

Além dos casos em que o deslocamento de algum membro de família é acionado como forma de explicação do ato de migrar, existe uma série de depoimentos que se referem à forma pela qual a migração se processa, todos eles referidos à existência/inexistência de contatos prévios no local de chegada:

a) Ir toda a família sem contato nenhum. Trata-se apenas de uma possibilidade lógica, para a qual não se tem qualquer exemplo. Sua inclusão como uma das alternativas possíveis justifica-se exatamente pelo fato de não estar representada em nenhum dos depoimen^tos colhidos.

b) um membro sem qualquer contato no local de chegada, e mais tarde vai a família:

"...mas quando eu notei que já estava grávida (a mulher) de outro... então eu digo: não dá. Eu vou embora prá Recife... A família ficou lá e eu vim pr'aqui ... passei três semanas parada depois contiⁿuei a trabalhar, trazendo a família pr'áqui..." (34)

"...resolveu ir para o sul... foi sozinho, sua esposa ficou em Recife aguardando até que se firmasse" (35)

c) A família toda quando já existe algum contato prêvio:

"mudou-se prá Brasília em 1969 onde sua família permaneceu até 1975... foi a convite de um cunhado que tinha uma casa de pneus". (36)

d) Ir em companhia de outro migrante, mas enquanto pessoa individual:

"Sua ida para o Rio deveu-se à busca de emprego. Foi pra lá em companhia de um amigo..." (37)

e) Ir sozinho, sem família nem qualquer contato no lugar de chegada. Aqui encontrou-se apenas um caso, em que o informante contou que havia chegado em Recife pela madrugada, e ficou caminhando por perto da rodoviária, quando então conheceu um policial.

Existem ainda dois outros casos em que a família é figura central para a explicação da migração.

Aqui tem-se um caso isolado, porém de grande interesse, pois a decisão de migrar é pensada a partir de duas dimensões não articuladas entre si: na descrição de sua experiência migratória, o informante explica o deslocamento inicial a partir das condições econômicas de sua família; mas as demais migrações são percebidas como iniciativa do "patrão" :

"...Foi quando apareceu a primeira filha, eu acho que não dava prá gente viver. Prá eu viver assim, não daria nada do que eu dei a eles. Nada dei, mas se tivéssemos lá, seria muito pior... Mas, quando eu notei que a mulê já estava grávida de outro... (a primeira nasceu e morreu em Sergipe)... então, eu digo : não dá. Eu vou embora pro Recife..Então a família ficou lá e eu vim pra aqui ... (depois veio a família)... E poucos tempo convivi com a família. Fui embora prá Sergipe... O meu irmão que trabalhava comigo lá... Veio... (1952)... aí levou a família... Em 1957 o serviço parou. Fui indenizado... vim receber aqui (Recife) e a família ficou lá. Eu vim pra aqui e aqui fui arranjar empregos... Depois que eu arranjei serviço, fui buscar a família... trabalhei 5 anos e oito meses ... Depois fiquei parado 1 ano e 8 meses,

sem ter de que viver... Arranjei serviço... em Sergipe novamente. Deixei a família aqui. Passei 3 meses... não foi suficiente prá adquirir um salário ... que desse para gente viver... larguei o serviço e vim embora... Aí fiquei para do novamente. Depois, eu voltei a trabalhar... O meu ex-patrão de Sergipe que ele é daqui de Pernambuco... Antão ele mandou me convidar prá trabalhar... eu (o patrão) quero que voce vá trabalhar na Paraíba. Eu digo: - Eu vô prá qualquer canto. Ô qui leva a família, ô qui deixa. Quero saber se a família tá mantendo o suficiente. Aí eu fui prá Paraíba onde trabalhei 11 meses... O serviço lá terminou. Chegou cá me botou na oficina..." (38)

O interesse deste caso reside no fato de que ele parece romper com as classificações tradicionais dos motivos da migração, que sempre supõem uma ou mais escolhas alternativas (do tipo: causas familiares e/ou econômicas e/ou etc...) Na ilustração acima duas dimensões "incompatíveis" - decisão própria, decisão por delegação - estão presentes no mesmo discurso, para explicar situações diferentes.

A respeito disto tem-se um único depoimento:

"... ele contou que estava muito chateado, que estava com vontade de sair do emprego, esta a fim de ir para São Paulo. Anda discutindo muito com o pessoal, de casa e que no máximo até dezembro iria embora..." (39)

Além dos motivos familiares, há motivos apresentados que se vinculam aos fatores de produção: trabalho e terra.

A possibilidade de se conseguir emprego é dos principais motivos para a migração. Há inúmeras referências a esse fato como determinante da decisão de migrar.

Na passagem que se segue, a certeza do emprego é o motivo da migração. Trata-se aqui de um emprego doméstico conseguido anteriormente, com base em sua relação pessoal:

"...X veio para Recife se empregar com uma família de lá (Campina Grande)...(40)

Em outra passagem, a migração resulta da possibilidade de mudança no tipo de trabalho realizado pelo informante:

"...Veio de Vitória de Santo Antão. Trabalhava na agricultura e cansou de seu emprego. Veio para Recife porque aqui oferecia condições de trabalho por conta própria. Desde que chegou é vendedor ambulante..." (41)

Em outros casos, o entrevistado pensa a migração como uma tentativa de obter emprego, o que pode significar insatisfação com as condições de trabalho no local de origem. Aqui, significativas são as constantes comparações entre a oferta de trabalho no sul e no norte, como se pode observar nas seguintes passagens:

"...Sua ida para o Rio deveu-se a busca de emprego...A sua visão sobre o mercado de trabalho no Rio, é de que a situação é muito boa: "mais trabalho do que gente prá trabalhar..."

"...Então ela contou que estava a fim de ir para o Rio ... prá ver se consegueem prego porque aqui é muito difícil de arranjar..." (42)

As sucessivas migrações que decorrem da ruína da economia familiar originam-se na venda da propriedade e agravam-se pela mudança de atividade do marido.

"...Dona X é do município de Rio Formoso. O marido foi dono de Engenho. "A família era desunida. Quando o pai dele morreu venderam tudo. Só meu marido é que ficou com a parte dele. Era muita terra. Continuou plantando cana. O dono da Usina... que tinha ficado com as terras fez tudo prá meu marido vender e ele não quis. Aí quando viu que não tinha jeito começou a roubar no peso... A deixar a cana no sol, secando e perdendo peso. A gente que não devia um tostão a Usina, ficou devendo. Pronto, não teve geito mais... Era vender a terra à Usina. Vendemos. Daí, meu marido que era mouco, ruim das ouças, começou a afrouxar o juízo. Esse homem chorou muito. Só de pen

sar no que ia fazer. Não sabia fazer ou tra coisa. Tinha nascido dentro da ca na. Isso foi há 18 anos... Fomos morar em Palmares. Lá ele comprou um cinema . Não deu certo. Acabou-se tudo. Ele não sabia o que gastava nem o que ganhava . Só entendia de plantar... Depois de Pal mares, fomos prá Cupira. Lá ele arranhou outro cinema não deu certo. De lá fomos prá Joaquim Nabuco... ele inventou uma barraca na feira... não fez nada... De Joaquim Nabuco voltamos para essa dita Usina que comprou o Engenho, e foi ser empregado dele. Aí ele fraquejou o juí zo. Chorava muito. No corte de pessoal que houve na Usina ele saiu também. Ele tinha família aqui no Recife e a gente veio para cá. Conseguiu emprego no depô sito de lixo no Caçote... Daí prá cá, vez por outra ele tem que ser interna do..." (43)

B) A decisão de voltar

A imensa maioria das entrevistas aponta o clima como o fator fundamental da decisão de retornar. O tema, aliás, é dos mais cor rigeiros em conversas, através da comparação entre o calor do Nor te e o frio do Sul. (São Paulo, Rio e às vezes Paraná). Faz-se dis tinção entre o clima de alguns Estados. Porém, comumente referem-se ao insuportável e constante frio de São Paulo. E, ao insuportável ca lor/frio do Rio de Janeiro.

Ao frio - como explicativo da decisão de voltar - associa -se a doença:

"... O Sr. Y residiu em Nova Iguaçu, tra balhando no Rio como em Niterói. A vida era "muito dura": saía de casa às 5.00 h da manhã, só retornando à noite. Recla mou muito do frio, e deu este como moti vo para sua volta pois adoecera... (44)
 "...O marido dela está bem trabalhando em um Banco, mas como ela não se deu com o frio veio embora..."

"...X¹ chegou agorinha"... Dona X² (mãe de X¹) me explica que X¹ não veio no sãbado porque estava hospitalizada. Levanta a barra da calça de X¹ para mos-trar seus pés que estavam inchados...

"Pergunto se ela gostou de São Paulo: Gostei nada. Uma terra feia. Ninguém vê sol... X conta que logo que chegou adoeceu... Não gostei, não, morava num aperto. Bom mesmo é Pernambuco (45)

É muito provável que as referências ao clima sejam mencionadas para acobertar o "insucesso" do deslocamento. Assim, a associação frio/doença disfarça aspectos como "vida dura", "morava num aperto," etc. O insucesso econômico (ou ocupacional, pois geralmente é a obtenção e o tipo do emprego que estão em jogo), extremamente comum como fator fundamental da decisão de voltar, fica magistralmente verbalizado por um dos entrevistados: "No sul, o sul é norte, no norte o norte é o sul". Migrar é pura ilusão, mas voltar também o é, e o retorno precisa, portanto, ser disfarçado.

"...Resolveu ir para o sul. Foi para Bra-sília, onde ficou trabalhando numa firma durante um ano e quatro meses. Lá estava muito bem, ganhando em torno de Cr\$ 700,00 a Cr\$ 800,00 por semana ... Foi sozinho, sua esposa ficou em Recife aguardando até que se firmasse, isto é, pudesse mandar algum dinheiro e já ter algum lugar (casa) para ela ir... Man-dou Cr\$ 1.000,00... Ela foi mas não se deu bem porque adoeceu... ficou com as pernas inchadas... A doença deveu-se ao frio. Mandou-a de volta e ficou lá para ganhar mais algum dinheiro. Mas o homem que tem uma família não pode viver lon-ge dela, pois tem que dar "carinho e apoio" aos filhos... Quando voltou para Recife, conseguiu trazer um dinheirinho e comprou um "barraco", fato que lhe fa-cilitou muito a vida..." (46)

"...Deve-se ganhar muito dinheiro para levar a família para lá (sul), pois entre "passar miséria lá ou aqui" é o melhor

sa..." (disse Y¹). Sr. Y² comentou que achava isso também, pois é preferível ganhar Cr\$ 3.000,00 aqui do que Cr\$ 4.000,00 em São Paulo. O rapaz que morou em Brasília (da passagem anterior, aqui Y³) disse a mesma coisa, e que principalmente o aluguel pesava muito... Morava num conjunto de casas constituído de pequenos barracos... O preço do aluguel era Cr\$ 250,00, o que achava absurdo ... O Y¹ falou que tem muita vontade de ir para o Paraná. O Y³ disse que era o maior engano que se cometia, pois tanto Paraná, Rio, São Paulo, já estavam cheios. Cheios de nordestinos, de gente de todos os lugares. Que estas cidades foram construídas por gente de outros lugares. Assim, engana-se muito, porque quando se chega no sul, o sul é o norte, e quando se está no norte, o norte é o sul". Portanto, é pura ilusão, o que vale a pena mesmo é ficar aqui, caso se disponha de uma pequena fonte de renda..."

Reforçando, por oposição, a afirmativa anterior: quando a migração é "bem sucedida", as referências ao frio funcionam como símbolo do sucesso (a "situação foi melhorando" porque foram comprados fogão e agasalhos):

"...A mulher contou ainda que estivera em São Paulo com o marido. Disse que tinham ido para tentar "melhorar de vida". Contou que no início foi muito difícil, mas que aos poucos a situação foi melhorando. Compraram fogão e melhoraram os agasalhos (frisou que lá fazia muito frio e que no início tinha sido muito difícil aguentar com poucos agasalhos).

Contou que voltaram de São Paulo porque toda a família de seu marido resolveu transferir-se para São Paulo, indo morar na casa deles. Disse que a situação deles piorou porque eles estavam custando muito a arranjar emprego. Disse ainda que

teve que trabalhar em casa de família. Disse ainda que ela tinha sido criada pela mãe com todo conforto, usando a "moda" antes que qualquer moça". (47)

Na passagem seguinte, embora de forma menos detalhada, tem-se mais uma vez o "sucesso" eliminando o mal estar causado pelo frio:

"...Ela, então, me contou que tem um filho que mora em São Paulo e que logo que foi para lá, mandava dizer nas cartas que não aguentava com o frio, e acrescentou: "... acho que ele agora já está acostumado. Ele nem fala mais nisso nas cartas..." Disse que ele lhe agradece... por tê-lo mandado para São Paulo... (por que?)..." ...Ele aqui só queria saber de futebol e farra. Eu tinha uma família conhecida lá. Aí eu disse que ele devia ir... Foi e se deu muito bem..." (47)

C) impeditivo a migrar

Nesta circunstância, os atores encontram na família nuclear, o principal motivo para não se migrar. A decisão é explicada pela "incerteza" da migração, expondo a família a uma situação inferior a do local anterior.

Num primeiro caso, o informante avalia a migração através dos riscos iniciais:

"...Passar miséria lá ou aqui, é melhor ficar aqui..."

"...Quando Y voltou, disse que gostaria de "correr mundo", "morar em outras cidades", mas que não podia fazer isso porque já tinha família. Ficando então, muito difícil. Pois, ir-se com ela ou deixá-la não muito certo. Caso a família fique, tem-se que deixar na casa dos pais para se ter algum conforto. Caso contrário, não se deve ir, pois pagar o aluguel lá e aqui, fica muito pesado. Principalmente no primeiro mês, pois pode-se levar algum tempo para arranjar

prego... Deve-se ganhar muito bem para levar a família para lá (sul), pois entre "passar miséria lá ou passar miséria aqui, é melhor ficar aqui..."

Em outra passagem, a migração está associada à aventura a que se pode permitir o homem solteiro, sendo que a responsabilidade do casado a desaconselha.

"...Na volta paramos num bar... ficamos conversando com um cara... dizendo este ser de Fortaleza, e que já morou em Salvador, Recife, estando nesta última cidade há algum tempo. Disse que não pretende sair daqui, pois... "Andar é prá quando não se tem família..." (48)

Num terceiro caso, a situação "ilegal" do casamento contrapõe-se ao "...inscrito há 17 anos no cartório..." sendo para o último impeditivo. Embora a decisão esteja representada através da "situação jurídica" do casamento, parece-nos que ela decorre da situação de desemprego do informante.

"...O Sr. X, falava com um rapaz que não sabia como uma família, podia viver com salário mínimo... O rapaz contou que havia saído do emprego, porque a firma havia se transferido de bairro e que então teria que pagar mais uma passagem... Falou com o Sr. X que ele não era casado, mas que não tinha compromisso embora tivesse família... "ele podia sair pelo mundo"... então, o Sr. X disse que ele não. É casado e tem 7 filhos e já está inscrito há 17 anos no cartório..." (49)

D) conclusão

A migração entendida como deslocamento geográfico, é um processo no qual se pensa como uma sequência de decisões sobre ir/vir, não ir/não vir. No decorrer desse relatório, este processo foi cortado para facilitar a análise, quebra-se então a sequência, pensando então apenas em só ir, só vir, não ir ou não vir. Perde-se, portanto, o sentido ambíguo do processo migratório, o que fica evidenciado pelo fato de que depoimento do mesmo entrevistado foram usados para ilustrar seções diferentes deste documento. (50)

O Termo Migração

Devido ao caráter preliminar deste relatório e à sua pouca elaboração teórica, os limites do campo de relações sociais especificado pelo termo "migração" - que aqui é entendido simplesmente como deslocamento geográfico - são vagos. De qualquer forma, foi possível elaborar uma primeira descrição de como se processam esses deslocamentos e de como eles são pensados em associação como os motivos que estariam na base do ato de migrar.

Mas a ambiguidade do conceito aqui utilizado tem como contrapartida o próprio entendimento, a nível de senso comum, do termo migração. Assim, numa situação de campo em que o termo foi utilizado para explicar os motivos da pesquisa, um informante, após dizer "por falar em migração", passou a discutir com a esposa a respeito das vantagens e desvantagens de mudar de bairro dentro da mesma cidade.

... A conversa prossegue com Sr. Y - "por falar em migração" - dizendo então que não gostava de se mudar, que por ele, moraria no mesmo lugar. Mas que tem gente que muda todo mês (fez referência a pessoas que vivem mudando de bairro). Sua esposa confirmou, dizendo ser ela uma que se pudesse viveria mudando. Não que, não gostasse das pessoas do bairro. Mas que isso era dela...

Na passagem seguinte, migrar significa "correr mundo", "morar em outra cidade":

... Quando Y voltou, disse que gostaria de "correr mundo", "morar em outras cidades", mas que não podia porque já tinha família.

Em outras duas passagens, em que o termo migração não foi utilizado nem pelo pesquisador nem pelo informante, deslocamentos geográficos são pensados como "andar", "sair pelo mundo".

... Na volta paramos em um bar... ficamos conversando com um cara... dizendo este ser de Fortaleza, já havia morado em Salvador e Recife, estando novamente nesta cidade a algum tempo. Disse não pretender sair daqui, pois "andar é prá quando não se tem família..."

... Falou com o outro senhor que não era casado, que não tinha compromisso, que embora tivesse família vivendo com a mulher e dois filhos, podia "sair pelo mundo..."

Embora o material disponível ainda seja insuficiente para uma análise mais elaborada, as considerações acima sugerem que, ainda quando o termo migração é visto apenas enquanto deslocamento geográfico, devem ser distinguidas e articuladas as seguintes dimensões que implica:

- a) O ato (objetivo) de migrar. Aqui, ter-se-á que trabalhar apenas com reconstruções do informante, na medida em que os pesquisadores não têm condições de presenciar o deslocamento. Outra possibilidade, que não mais se situa no plano objetivo, é a identificação e análise dos projetos de futuras migrações.
- b) O modo pelo qual o termo migração é entendido pelos informantes. Na medida em que ele não foi objeto de análise conceitual, detalhada, pode-se dizer que o termo tem sido usado pelos pesquisadores, em suas relações com os informantes, como uma categoria de senso comum, de modo que as respostas dos informantes vêm influenciadas pelo que estes imaginam ser o sentido do termo para os pesquisadores.
- c) O modo pelo qual é pensado o campo de relações sociais definido pelo termo migração, tal como ele é entendido pelos pesquisadores. Aqui, ainda quando permanece ambiguo, o termo já adquire um certo status teórico, e não é diretamente utilizado nem pelos pesquisadores nem pelos informantes. Na realidade, uma coisa já se pode dizer com razoável margem de certeza: nenhum dos informantes usou, por iniciativa própria, o termo, de modo que pode-se dizer que se trata de uma categoria externa ao sistema de categorias de informantes (embora estes sejam capazes de incorporá-la a seu discurso quando acionada pelo pesquisador, ele é desnecessária para que os informantes pensem seus deslocamentos geográficos.

NOTAS

(*) O presente texto foi feito simultaneamente para o Projeto Empre^{go} e Mudança Sôcio Econômica no Nordeste de que L.A.Machado da Silva e Amélia Rosa S.B. Teixeira são pesquisadores, e para a pesquisa "Estratos Ocupacionais de Baixa Renda na Área Metro^{politana} do Recife" resultante de convênio SUDENE/IUPERJ, coor^{denada} por L.A.Machado da Silva e a que estão vinculados Fili^{pina} Chinelli e Ademir Figueiredo.

O trabalho é fruto de pouco mais de trinta dias de pesquisa de campo, dos quais cerca de vinte em atividades exercidas direta^{mente} nos locais selecionados. Seu objetivo é simplesmente reu^{nir} de forma sistemática as informações recorrentes durante es^{te} período.

Deve ficar claro, portanto, em primeiro lugar, que não se pre^{tendeu} emprestar ao documento um cunho analítico, e em segundo que seu objetivo é apenas o de levantar questões empíricas que pudessem orientar a segunda fase do trabalho de campo.

Resta reconhecer que, em certas passagens do documento, apesar de sua expressa modéstia, a leitura pode tornar-se árida, devi^{do} à forma elítica que se foi obrigado a adotar a fim de não in^{dividualizar} pessoas e instituições.

- (1) A atuação dessas sociedades não se limita apenas ao bairro onde estão localizadas. Portanto, são sociedades de bairro apenas em termos de denominação.
- (2) Lembramos que o associado pode mudar de uma série para outra a través do tempo.
- (3) Não sabemos explicar como se dá o pagamento de duas mensalidades vencidas. Supomos que o associado leve um ano sem pagar e quan^{do} consegue cinquenta novos sócios, fica obrigado a pagar duas mensalidades daquele ano.
- (4) Trecho de diário de campo em que o pesquisador tenta reproduzir o discurso do informante.
- (5) Parece que ele chama de "ética" saber organizar e administrar u ma sociedade.
- (6) Trecho de diário de campo, em que o pesquisador tenta reproduzir o discurso de informante.
- (7) Seu Y aí se refere somente às pessoas do bairro. Mas parece que pessoas de outros bairros são sócias também dessa sociedade.
- (8) As duas sessões comemorativas que assistimos, embora realizadas

- em sociedades de diferentes bairros, têm o mesmo presidente.
- (09) Nessa sociedade sô é permitida a entrada de sôcios do sexo masculino.
- (10) Um orador explicitou da seguinte maneira o que ele entende por "socialismo beneficente": se paga tão pouco, Cr\$ 10,00 de jóia e Cr\$ 5,00 por mês, com direito a médico, dentista e funeral para os associados e seus dependentes, que isso só pode ser chamado de socialismo. Em uma outra oportunidade, ouvimos uma explicação que complementa essa. Disse Sr. Y: "enquanto no INPS tem que pagar de acordo com o salário mínimo, na sociedade a mensalidade é mínima, nem todo mundo pode pagar ao INPS."
- (11) No entanto consta dos estatutos das sociedades que os sôcios sô terão direito aos benefícios se mantiverem em dia suas mensalidades.
- (12) A rainha elcita é obrigatoriamente presidente da liga feminina das sociedades.
- (13) Encontramos também casos que evidenciaram que o homem pode, a partir de um núcleo familiar, estabelecer vários e com o decorrerer do tempo, romper com alguns deles, ficando apenas com um e mais tarde, voltar à situação anterior e assim sucessivamente.
- (14) V. ítem em que se fala de "sofrer dos nelvos" e perda do "juízo".
- (15) Citou nome de uma fábrica de máquina de costura.
- (16) Este caso é interessante por dois motivos. Em primeiro lugar, apesar de neste trecho a poesia estar associada a uma visão "artistica" desta atividade, o Sr. Y tem o que se poderia chamar de uma organização extremamente comercial do que faz (esta preocupado em que não encalhe a tiragem e com a redução nos custos dos livros, etc.). Em segundo lugar, embora a poesia seja um dom que não se aprende, seu tio já era um poeta de cordel quando ele ainda era criança.
- (17) Note-se que, neste exemplo embora o filho exerça a mesma atividade do pai, não se pode propriamente falar em profissão, na medida em que seu Y não parece ter uma profissão definida.
- (18) Note-se que este depoimento parece ser contraditório com a alta utilização de mão de obra infantil.
- (19) Esta entrevistada tem, mais ou menos, 45 anos de idade.
- (20) O mucambo de Dona X tem, mais ou menos, 80 metros quadrados. In

cluindo o quintal, atinge 100 metros quadrados.

- (21) Nós não tivemos acesso à carteira.
- (22) Não sabemos, se Dona X sempre dividiu as chupetas com a mesma mulher ou também com outras. Do mesmo modo, não ficou claro se existem períodos em que ela divide as chupetas com mais de uma pessoa.
- (23) Muito pouco sabemos acêrca da montagem e embalagem das chupetas. Imaginamos que Dona X recebe da fábrica as peças soltas, sendo necessário juntá-las para formar a chupeta. Depois disso, a chupeta é posta num saquinho plástico que, provavelmente agrupados por dúzia, são colocados em embalagens maiores.
- (24) Esta líder confecciona e vende tapetes e almofadas, independentemente da fábrica. Soubemos que ela cobra em torno de Cr\$... 250,00 por almofada. Vimos uma delas que nos pareceu ser feita com agulha de crochê, não temos informações sobre o preço pelo qual vende os tapetes. Também não sabemos se a líder utiliza as bordadeiras do grupo na confecção das almofadas e tapetes e, se isto acontece, como as remunera.
- (25) Passagem de diário de campo em que o pesquisador tenta reproduzir as palavras do informante.
- (26) Passagem de diário de campo.
- (27) Passagem de diário de campo.
- (28) Trecho de entrevista.
- (29) Passagem de diário de campo em que se tenta reproduzir o discurso do informante.
- (30) Passagem de diário de campo.
- (31) Passagem de diário de campo.
- (32) Trecho de entrevista.
- (33) Passagem de diário de campo.
- (34) Trecho de entrevista.
- (35) Passagem de diário de campo.
- (36) Passagem de diário de campo.
- (37) Passagem de diário de campo.
- (38) Trecho de entrevista.
- (39) Passagem de diário de campo.

- (40) Passagem de diário de campo.
- (41) Todas as citações dessa página são passagens de diário de cam
po.
- (42) Todas as citações dessa página são passagens de diário de cam
po.
- (43) V. Ítem em que se fala de "sofrer dos nelvos" e perda de "juí
zo". Passagem de diário de campo, em que se tenta reproduzir as
palavras do informante.
- (44) Passagem de diário de campo.
- (45) As tres passagens acima referem-se a uma sô pessoa, que é filha
do Sr. Y, da citação anterior.
- (46) Passagem de diário de campo.
- (47) Passagem de diário de campo.
- (48) Passagem de diário de campo.
- (49) Passagem de diário de campo.
- (50) Tempo de migração: até o momento, nenhum dos entrevistados, é,
migrante recente, tendo os deslocamentos ocorrido em média há
dez anos. É provável que isso se deva ao tipo de entrada nos
bairros contactados (cf. Item do relatório relativo à entrada
em campo).

Como foi visto, esta se deu através de moradores que compõem a
"elite" do bairro, ou de instituições cujos dirigentes supomos
pertencer a esta "elite", de modo que a rede de contato a que
tiverem acesso os pesquisadores tende a constituir-se de morador
es já estabilizados. Além disso, é também significativo o fato
dos bairros contactados serem de ocupação antiga.

RELATÓRIO INTERMEDIÁRIO DE PESQUISA EM UM GRUPO OPERÁRIO NO GRANDE RECIFE

Maria Rosilene Barbosa Alvim
José Sergio Leite Lopes

Objetivos do relatório

O objetivo principal deste relatório é começar a colocar em discussão nosso trabalho de campo e nosso objeto de pesquisa, através da exposição de um mínimo de material que tínhamos registrado de memória ou por anotações (não sendo utilizados aqui entrevistas gravadas e outros documentos de pesquisa coletados). Numa primeira parte procuramos dar os elementos para que se possa visualizar nossa entrada em campo, o desenvolvimento de nossas relações com os informantes assim como uma caracterização desses informantes. E numa segunda parte procuramos falar alguma coisa da área e do grupo estudado através de um apanhado de relatos de nossos informantes a respeito do passado e da história da área.

Entrada em campo e desenvolvimento da relação com os informantes

A nossa experiência anterior de pesquisa vinculava-se ao estudo de operários de usina de açúcar e artesãos de pequenas manufaturas de jóias de ouro. Um dos pontos comuns destes dois estudos seria a ênfase na esfera do trabalho e especificamente a percepção que os trabalhadores têm de sua inserção no processo produtivo. Com a experiência adquirida no estudo desses trabalhadores industriais inseridos em dois tipos diversos de "indústria rural", tínhamos a intenção de convergir nossos interesses em torno de temas ligados a algum grupo de operários industriais na situação de "grande cidade". Outro ponto comum de nossos estudos anteriores seria a falta do tratamento da organização familiar desses grupos de trabalhadores, falta esta ressentida por nós quando da releitura de nossas teses, das discussões sobre elas e quando da volta ao nosso material empírico. Assim, a pesquisa atual se apresentava para nós, por um lado como continuidade de temas e problemas a serem "testados" em um novo grupo, e por outro lado explorar temas que não teriam sido devidamente percebidos em nossos estudos anteriores. Nos colocamos então o problema da escolha do grupo específico a ser estudado, como também a melhor forma de entrar em contato com ele.

Tínhamos idéia de que poderíamos encontrar a grosso modo dois sub-tipos dessa "situação tipo", a saber um grupo operário concentra

do em um bairro operário do tipo vila operária, e um grupo operário "dissolvido" em bairros populares de proletários predominantemente não operários. A escolha do primeiro "sub-tipo" nos era tentadora na medida em que haveria uma continuidade mais direta com a situação de usina, além de possivelmente haver uma especificidade da família deste grupo pelo fato da dominação da fábrica ultrapassar os limites do processo de produção imediato estendendo-se de forma concreta à moradia e ao bairro. O outro "sub-tipo" tinha seus encantos na medida em que teríamos acesso a uma maior diversidade de operários e a suas relações com proletários não operários, levando-nos, desta forma talvez a um conhecimento mais geral da situação do operário na grande cidade. Uma terceira possibilidade seria a comparação desses dois "sub-tipos" (1).

Nosso primeiro passo então foi a consulta ao material de pesquisa de Lygia Sigaud que nos forneceu informações a respeito de grupos operários existentes em tres municípios próximos a Recife, municípios estes que abrigam grandes contingentes de trabalhadores rurais ligados à cana. Tínhamos conhecimento também da existência de Navarro (2), cidade com vila operária, um exemplo do primeiro "sub-tipo". Certamente o contato com essas áreas possíveis de pesquisa nos traria informações mais concretas tipo "survey" que nos ajudariam a escolher a área de pesquisa.

A experiência aguda da "angústia de entrada em campo" em nossas pesquisas anteriores, nos levou a tentar criar condições para a entrada em campo se possível desde o Rio. Parece ser corolário da "angústia da entrada em campo" o fato da substantivação do campo que leva o pesquisador a só se sentir "em campo" no próprio local físico onde reside o grupo estudado e a menosprezar os passos anteriores que ele é levado a dar até chegar lá. Tendo clara esta preocupação e com um pouco de sorte travamos conhecimento, através de relações familiares, com uma pessoa que mora num bairro popular do Recife. Passando ela alguns dias no Rio discutimos então os objetivos de nosso trabalho e a possibilidade de contarmos com sua ajuda.

Informado de nossos interesses de pesquisa esse mediador nos sugeriu o estudo de Navarro dizendo que tratava-se de um caso interessante de vila operária e que teria alguém que poderia nos apresentar a alguns operários de lá. Referia-se a um vizinho seu, ex-funcionário da fábrica de Navarro cujos irmãos tinham pertencido ao quadro de operários da mesma fábrica. Além disso duas irmãs deste seu vizinho encontravam-se em vias de aposentarem-se e tinham como local de residência uma das casas da vila operária de Navarro. Segundo nosso mediador essas irmãs de seu vizinho propiciariam sem grandes dificuldades contatos com a parte feminina do grupo operário, importante para o estudo que Rosilene Alvim pretendia realizar sobre a "Família Ope-

rária". A relação do estudo da família com as mulheres será uma constante durante todo o desenrolar da pesquisa colocando-nos a questão da ligação entre família e área feminina, ao mesmo tempo em que nos indagamos se tal aproximação teria sido feita em função do fato de ser uma mulher, Rosilene Alvim, que teria a responsabilidade do estudo da família do grupo operário em questão (3).

Foi então, com a idéia de estudar os operários da vila operária têxtil de Navarro, que José Sergio Leite Lopes procurou nosso mediador na pesquisa, em Recife. Nesta ocasião o pesquisador participava juntamente com outros do projeto "Emprego e Mudança Sócio-Econômica no Nordeste" de um survey preliminar no interior de vários estados nordestinos. Nosso mediador apresentou José Sergio Leite Lopes a seu vizinho, aqui denominado intermediário de pesquisa, para que o mesmo o introduzisse entre os operários de Navarro.

Durante o tempo em que se desenvolvia o Survey, Maria Rosilene Alvim aguardava, por motivos operacionais, em Maceió com o filho do casal, então com um ano e seis meses (4) o momento de sua transferência para local de pesquisa. Como a abtenção de casa em Navarro revelou-se impossível, visto ser o mercado imobiliário inteiramente fechado e praticamente dominado pela fábrica, pensamos então na possibilidade de Maria Rosilene Alvim iniciar contatos com famílias operárias fora da área de Navarro, no bairro popular habitado por nosso mediador, situado no extremo oposto de Recife com relação a Navarro. Morando com a família deste mediador no bairro popular em que habita, o contato com famílias operárias seria então viável e Maria Rosilene Alvim poderia iniciar a pesquisa, ficando minimizado o fato de não ter com quem deixar o filho, problema que teria se tivesse que locomover-se até Navarro. Através dessas famílias operárias poderia se ter uma idéia de composição familiar e da divisão de autoridade dentro da área doméstica ao mesmo tempo em que a articulação da casa com o trabalho, a partir da área doméstica e tudo que isto pudesse representar, era de nosso interesse na medida em que aí se encontrariam as duas investigações, a de José Sergio Leite Lopes que versaria sobre o trabalho operário e a de Maria Rosilene Alvim sobre a família operária neste caso abre-se a possibilidade de realização da pesquisa dentro do que denominamos, no início do relatório, de segundo "sub-tipo". Depois de já combinada a permanência de Maria Rosilene Alvim em casa de nosso mediador, motivos de ordem profissional e familiar obrigou-nos a retornar ao Rio.

A pesquisa que deveria ter-se então iniciado em março só será retomada em fins de abril. A intenção inicial de nos estabelecermos na própria área em que estivéssemos realizando o estudo, de maneira a conviver da forma mais próxima possível do grupo operário, fazia

parte de uma estratégia de pesquisa onde o encargo de estarmos acompanhados por uma criança seria facilitado, ao mesmo tempo que pensávamos que a própria criança poderia nos facilitar o acesso às famílias operárias em função do acesso espontâneo e natural que as crianças mantêm com pessoas estranhas e entre si próprias. Desta forma contávamos que nosso filho facilitasse o acesso aos informantes. Foi com um certo pesar que vimos esta estratégia de pesquisa ser descartada não só em função da transferência da data da pesquisa como também pela impossibilidade de obtenção de moradia em Navarro, cujo mercado imobiliário permanece ainda controlado em larga escala pela fábrica de tecidos local.

Voltando pela segunda vez a Recife, buscamos outra estratégia de campo, hospedando-nos em casa de familiares, de onde partíamos diariamente para Navarro. A mudança da estratégia de pesquisa foi posteriormente avaliada de forma positiva, na medida em que a nossa relação com os informantes esbarrou em diversos problemas, apesar da atuação de nosso intermediário de pesquisa. Essa intermediação nunca foi por si só suficiente e a desconfiança em relação a nós revelava - se nas constantes perguntas sobre o significado da pesquisa e o porquê dela, além de perguntas de caráter pessoal sobre nossas vidas (em que trabalhávamos e o que fazíamos). Isto não era feito de forma sistemática, mas era veiculado no meio de uma conversa e muita atenção era dada quando espontaneamente nos referíamos à nossa vida profissional e familiar, neste momento várias perguntas eram feitas. A desconfiança aludida partiu dos informantes mais próximos, aqueles que nos tinham sido apresentados diretamente por nosso intermediário, vizinho de nosso mediador. Tivemos a surpresa de termos obtido uma resposta negativa de uma de nossas informantes-chaves quando foi solicitada a gravar uma entrevista (esse incidente é narrado em outra parte do relatório). Vimos portanto que morando de imediato no local de pesquisa, lado a lado com o grupo, talvez tivéssemos tido mais dificuldades em contornar a desconfiança que se colocou inicialmente em relação a nós. Causaria talvez maior estranheza morar de imediato junto ao grupo visto não estarmos apenas morando na mesma cidade que o grupo operário que pretendíamos estudar, mas ao morar junto a ele pretendíamos saber sobre suas vidas na casa e no trabalho. Ao mesmo tempo que nosso aparato doméstico, que dificilmente poderia ser simplificado além de determinados limites em função do filho menor, poderia ser outro ponto de curiosidade em relação a nós, ao mesmo tempo que outro campo de indagações a nosso respeito escapariam inteiramente ao nosso controle. Cabe observar aqui que estamos considerando que, pelo fato de morar-se no mesmo tipo de casa e local que os informantes, não decorre daí necessariamente uma situação de identificação de tal ordem

que as diferenças sociais sejam eliminadas, ao contrário, tal proximidade poderá levar até a uma delimitação ainda mais precisa a ser percebida tanto pelos pesquisadores quanto pelos informantes. No entanto, estando-se atento ao problema, esta pode ser uma via bastante frutífera para o conhecimento do objeto de pesquisa, ao mesmo tempo em que se evita o falso entendimento do que seja a chamada "observação participante". Não estamos querendo afirmar a ilegitimidade de uma pesquisa que se realizasse desta forma, mas apenas refletindo após a nossa experiência com o grupo, que um maior número de problemas estaria em jogo, sendo mais difícil construir a relação com os informantes. Somos portanto levados a crer que as vantagens de termos iniciado a pesquisa não morando na área foram inúmeras, estando ligadas a um menor risco de obtenção da confiança e da aceitação do grupo. Alguns informantes consultados sobre a possibilidade de morarmos na área concordaram em procurar casa para nós, incentivando-nos a voltarmos para Navarro no caso de uma segunda ida ao campo.

Os Informantes

A pesquisa contou com tres informantes chaves, mulheres ex-operárias, fiandeiras, da fábrica de tecidos local e que moram dentro da vila operária. Todas tendo uma idade que podemos situar em volta dos quarenta anos e que para efeito do relatório nomeamos enquanto Isaura, Odete e Guiomar. As tres podem ser vistas como constituindo famílias que não podem ser caracterizadas a partir do padrão ideal de família local, pelo fato de duas ao terem casado há pouco mais de cinco anos não terem filhos, e a terceira, solteira, morar com uma irmã também solteira que tem um filho já adulto. Isaura é casada com um viúvo que tem uma filha de oito anos aproximadamente sendo que uma tia se ocupa dela quando Isaura está no trabalho. Odete, a solteira, foi a única que conseguiu aposentar-se por tempo de serviço na fábrica têxtil local, ao mesmo tempo em que conseguiu uma casa da vila operária que passou a ser sua propriedade, através de indenização conseguida junto à fábrica. Parecia não valorizar em termos absolutos a obtenção da casa própria por esta via, dizendo sempre quando pensava sobre o fato "Dei os meus trinta anos de trabalho por esta casa". Já Isaura, para poder completar o tempo necessário à aposentadoria, trabalha atualmente em uma firma de prestação de serviços de limpeza em Recife. Guiomar, casada com um motorista e ex-barraqueiro, pagou ao INPS o tempo de trabalho restante que seria necessário à sua aposentadoria, com o dinheiro obtido através de indenização que a fábrica foi obrigada a lhe dar em virtude de tê-la demitido de seu quadro de operários. Essas tres informantes foram por nós consideradas "chaves" não só pela enorme quantidade de informações que nos prestaram como

também por termos desenvolvido com elas uma estreita relação de pesquisa a ponto de termos discutido com elas separadamente o andamento e continuidade do trabalho de pesquisa. Apesar de termos contado com a ajuda de outros informantes na obtenção de dados e de pessoas a serem entrevistadas, não podemos colocá-los no mesmo nível que as três mencionadas por não terem conosco a mesma relação que as informantes consideradas "chaves" tiveram. Podemos caracterizar portanto nossos informantes da seguinte maneira: Os informantes "chaves" (Odete, Guiomar e Isaura); os informantes "fundamentais," cujas casas frequentamos assiduamente e que apesar de não terem se interessado pela pesquisa com a mesma intensidade que as primeiras, nem por isso deixaram de prestar informações quando a isto foram solicitados ao mesmo tempo em que demonstravam grande satisfação em poderem estar nos ajudando: e em último lugar os informantes em cujas casas estivemos por ocasião da entrevista que nos concederam por mediação, quer das informantes chaves, quer dos informantes fundamentais.

O fato do envolvimento das tres informantes "chaves" ter se produzido poderia ser explicado em função de não contarem com uma família numerosa sob sua responsabilidade, ao mesmo tempo que duas delas encontravam-se em disponibilidade a maior parte do dia. O caso de Isaura relativiza o que foi dito em relação a Odete e Guiomar, por ela passar a maior parte do dia no trabalho e por ter que se ocupar em um período de tempo mínimo dos afazeres domésticos. No entanto, o tempo livre que podia dispor o utilizou para estreitar a relação conosco, chegando mesmo a sentir-se culpada por não estar nos ajudando como Guiomar e Odete. Isaura lamentava não poder nos arranjar informante, na medida em que trabalhava durante o dia. As outras duas aposentadas tinham mais tempo de sair conosco para os locais de entrevista, contando assim com maior disponibilidade de tempo para procurar pessoas que pudessem nos prestar informações. Isaura funcionou como esclarecedora de algumas informações sobre dados que tínhamos dificuldade em entender, assim como o funcionamento de uma máquina, uma palavra etc. Ao mesmo tempo em que quando trabalhamos com pessoas do bairro ao voltarmos sempre tomávamos um café com ela e batíamos um papo.

Por essa breve caracterização de nossas informantes "chaves", pode-se perceber que elas estão ligadas a um passado da fábrica e conseqüentemente a maioria das pessoas a quem nos levaram encontram-se também comprometidas com este passado (a ser reconstituído em outra parte do relatório).

As Primeiras Aproximações com os Informantes

Chegamos ao bairro onde moram Isaura, Odete e Guiomar num domínio

go à tarde. Este bairro fica situado perto da chamada Fábrica Velha (onde funciona as seções de preparação de algodão, fiação, tecelagem) no lado oposto à outra fábrica (onde funciona uma seção de tecelagem mecânica e estamperia) e cujo nome serve para caracterizar o bairro. Navarro é dividida em bairros e muitas de suas ruas recebem nomes de santos. No início da tarde, quando o sol é ainda muito forte, as casas que ficam do lado do sol encontram-se fechadas. Observamos que pela manhã as portas das casas estão abertas e pode-se ver da rua a movimentação de pessoas na cozinha. No final da tarde as portas também abrem-se, ou para seus ocupantes sentarem-se nas calçadas ou para verem televisão na sala, havendo desta forma uma relação de grande proximidade entre os vizinhos que passam pelas calçadas e as pessoas que estão dentro de suas casas. As crianças entram e saem continuamente das casas, ao mesmo tempo em que também brincam na rua.

A casa de Isaura, situada do lado do sol, estava fechada. Nosso intermediário, que estava conosco, empurrou a janela, apenas encostada e gritou pelo nome de Isaura que veio rindo dos fundos da casa, através do corredor até a sala. Nosso intermediário nos apresentou dizendo que éramos da universidade do Rio e que queríamos saber como "vivem os operários". Disse também que localizasse Odete e Guiomar e que as três arranjasse pessoas para que nós entrevistássemos. O marido de Isaura encontrava-se na cozinha bebendo com um amigo, Isaura nos mandou entrar e sentar na sala. A seguir chegou Odete e um irmão seu, Florêncio, junto com um compadre, Abílio, ambos ex-operários de Navarro, agora aposentados. Neste instante, Isaura nos levou para os fundos da casa, o terreiro, onde sentamos em cadeiras e bancos trazidos da cozinha. Não entramos então em contato com Guiomar na casa de Isaura. (Na volta a Recife paramos na porta da casa de Guiomar e falamos sobre a pesquisa e de um encontro combinado para segunda-feira em casa de Odete).

Na conversa realizada no terreiro de Isaura, as pessoas espontaneamente falaram sobre o custo de vida, medido pelos preços do feijão, farinha e café, casa e gás, e concluíam sempre dizendo "esta é que é a vida do operário". Referiram-se muito também à vinda de pessoas para Navarro no passado: "as pessoas vinham do interior pensando que aqui tinha chafariz de leite e montanha de cuscus". O coronel Augusto, mandava buscar e "pagava por cabeça", quanto maior fosse a família, mais gostava, era mais gente para trabalhar. A figura deste coronel é sempre lembrada salientando-se os aspectos jocosos e de forma também positiva na medida em que "naquele tempo havia emprego para todos" (ver parte do relatório sobre o passado de Navarro).

Desta visita de domingo à casa de Isaura resultou todo o desdobramento posterior da pesquisa. Saímos dali com uma entrevista marca

da em casa de Odete, onde iriam comparecer as tres informantes "chaves" e Florêncio, irmão de Odete. Esta entrevista "coletiva" foi de certa forma marcada à nossa revelia. Na realidade pretendíamos que ela fosse realizada somente com Odete que entendeu que seria com as tres, como também seu irmão se sentiu convidado (5).

O fato da nossa "primeira entrevista" vir a ser realizada coletivamente não foi vista positivamente por nós. Pensando agora o por que desta avaliação negativa o ligamos a diversos fatores que estão relacionados à pressa com que queríamos realizar a pesquisa, em virtude do tempo limitado que dispúnhamos.

Existindo porém uma outra pressa subjacente, ligada à ansiedade do pesquisador na "corrida aos dados", onde ele se coloca em causa, perguntando permanentemente a si próprio do sucesso da pesquisa, a qual está na dependência da relação que o pesquisador é capaz ou não de criar com os informantes. No entanto, muitas vezes essa pressa pode obscurecer o caráter de riqueza que pode estar contido nos chamados "foras" cometidos pelo pesquisador quando desenvolve seus contatos de pesquisa. Não teríamos percebido que a "entrevista coletiva" que nos pareceu ser uma imposição poderia significar entre outras coisas a pré-existência de uma relação estreita e de parentesco entre os informantes, ao mesmo tempo em que poderia ser uma forma de nos enfrentar coletivamente ao sermos avaliados conjuntamente por eles.

A Entrevista "Coletiva" e o Incidente do Gravador

Combinada a entrevista nos colocamos o problema de gravá-la. Por um lado pareceu-nos mais fácil registrar os dados por intermédio do gravador. Por outro, teríamos que a interferência do mesmo prejudicasse a relação com os informantes. Resolvemos que levaríamos o gravador e na hora veríamos como fazer.

Tínhamos também um outro receio: como os informantes veriam a nossa vinda em um carro? O que falariam os vizinhos, enfim o que ele poderia atrapalhar na relação que se tentava construir. Cercados por estas dúvidas é que nos dirigimos ao local da pesquisa.

Deixamos o gravador dentro do carro, pensamos que assim chamaríamos menos atenção dos vizinhos em relação a nós. Refletindo agora sobre esta tarde, percebemos que a insegurança e a pouca clareza que tínhamos em relação à entrevista, aliadas ao "medo" de não sermos bem recebidos, mediaram o tempo todo esta segunda ida a Navarro.

Estávamos portanto partindo para a casa de uma de nossas informantes sem legitimar para nós mesmos a pesquisa que fazíamos.

Começamos a entrevista com Odete e seu irmão que falaram sobre o passado de Navarro e a vinda de sua família para trabalhar na fábri

ca. Quando chegaram Isaura e Guiomar, as tres mulheres passaram a disputar as informações a nos dar. Tínhamos optado por dirigir as entrevistas através das estórias de vida, aprofundando os seguintes itens: I - origem da família; II - entrada na fábrica; III - aprendizado; IV - descrição do processo produtivo; V - horário de trabalho; VI - salário; VII - condições de trabalho; VIII - família, vizinhança, moradia; IX - sindicato. Esses itens nos ocorreram em função da conversa que tínhamos tido no domingo.

Quando estávamos atônitos com tantas informações sobre o trabalho na fábrica a partir de 36, trabalho de crianças, conflitos com contramestres, questões contra a fábrica e lutas sindicais, José Sergio Leite Lopes propôs gravar, alegando que não poderíamos guardar tantas informações. Odete falou que podia buscar o gravador que não se importava em gravar. Ficou um clima de conversa e Maria Rosilene Alvim percebeu que Guiomar e Isaura estavam assustadas com a possibilidade da gravação. Dando uma desculpa Rosilene Alvim foi até os fundos da casa para beber água, esperando que Isaura e Guiomar conversassem. Quando voltou Isaura falou que Guiomar não queria gravar, porque o marido não ia gostar. Estávamos nestas explicações quando o outro pesquisador entra com o gravador, quando então é colocado ao par da situação. Guiomar interrompe Isaura e nos questiona diretamente: "Mas, para que é esta pesquisa de vocês? O que vocês vão fazer com ela?" José Sergio Leite Lopes então discorre sobre nosso trabalho anterior e que a gente faz pesquisa para conhecer de perto como vivem as pessoas e depois escrever sobre o que nos foi dito. Voltamos a explicar que a gravação tem como finalidade apenas ajudar a guardar o que nos é dito, para que não esquecêssemos, mas se não quizessem não gravávamos, não tinha importância. Pedimos para anotar. A tensão se desfaz com o sorriso de Guiomar que diz "pode anotar". A seguir Isaura tenta desculpar Guiomar dizendo que o "povo está com medo, desconfiado".

Após o incidente a entrevista transcorreu normalmente sendo sempre liderada por Guiomar que nos relatou a sua estória de vida que foi praticamente a sua história de trabalhadora da fábrica (a vida das tres assim como de todos os outros informantes foi fundamentalmente verbalizada como a vida de seu trabalho).

Como se pode ver a intromissão do gravador não contribuiu naquele momento para nos ajudar, na realidade colocou de certa forma em perigo a nossa relação de pesquisa. Não soubemos como introduzi-lo, pensando que o fato de termos sido trazidos por nosso intermediário era suficiente para estarmos legitimados. Ao mesmo tempo não tínhamos conhecimento das experiências do grupo com o "mundo externo" e os seus temores em relação a ele. Vindos de duas pesquisas onde o gravador

não constituiu problema não fizemos as mediações necessárias no caso da pesquisa atual. Não contávamos também que Guiomar nos questionasse, tomamos as tres informantes como homogêneas em relação a nós. Es queccmos no entanto, que Guiomar não estava presente na casa de Isaura no domingo e que não necessariamente ela deveria reagir à nossa presença em Navarro como as outras duas. Foi esta falta de avaliação de nossa parte que fez com que fôssemos surpreendidos com a recusa ao gravador por parte de Guiomar.

Posteriormente chegamos a gravar entrevistas com Isaura e Odete e seu irmão, não propusemos, no entanto, gravar com Guiomar, ainda que tenhamos gravado entrevistas na sua presença com informantes arranjados por ela.

Posteriormente, após começarmos a gravar entrevistas, Florêncio e Abílio falaram que só consentiram em dar entrevistas e em gravá-las porque eram amigos de nosso intermediário de pesquisa.

O incidente com o gravador levou-nos a utilizar sistematicamente o caderno de campo. Isto facilitou a reflexão diária sobre os dados que obtínhamos. Percebemos isto mais claramente quando após um mês de pesquisa as ofertas de entrevistas trazidas por nossas informantes eram tantas que passamos a ir a Navarro, pela manhã, tarde e noite. Neste ritmo não tínhamos condições de levar as reflexões sobre os dados como fizemos no decorrer do primeiro mês.

O Carro e como Fomos Vistos pelos Informantes

Não conseguimos captar a visão do pessoal de Navarro em relação ao uso do carro. Procuramos minimizar o que houvesse de negativo em relação a ele através de oferecimento de caronas. Observamos também que nossas informantes que iam conosco de carro às casas dos entrevistados que elas arrumavam, procuravam "dividir" o carro, elas próprias oferecendo caronas a pessoas que conheciam.

Nos surpreendemos quando Abílio, compadre de Florêncio, perguntou a Rosilene Alvim se Sergio Lopes era seu vizinho. Rosilene Alvim ficou espantada, na medida em que durante aquela semana havia frequentado sua casa e realizado várias entrevistas, tendo mesmo mostrado uma foto de seu filho. Supôs que o fato de estar grávida e acompanhada de Sergio Lopes era o suficiente para as pessoas não duvidarem que fossem marido e mulher. Só então percebeu que a família de Abílio não sabia que Sergio Lopes e ela formavam um casal e que pensavam que este pesquisador era ou já tinha sido padre. Quando Rosilene Alvim respondeu que era casada com Sergio Lopes, Abílio ficou meio sem graça, pedindo desculpas; Rosilene Alvim falou que em outra pesquisa as pessoas pensavam que os dois eram irmãos, que não tinha importância.

Devia ter havido alguma polêmica em casa sobre a relação entre Sergio Lopes e Rosilene Alvim que fez com que Abílio a inquirisse diretamente. Em uma outra ocasião, na sala de sua casa perguntou a Sergio Lopes o que é que ele achava de padre casar. Sergio falou que era um problema complicado que a Igreja estava tentando resolver. No entanto a mulher de Abílio interrompeu-o criticando e dizendo, "que besteira, padre tem mesmo que casar, num é nada demais", discordando de Abílio que era contrário ao casamento de padres. Lembrando-nos destes incidentes é importante registrar como paralelamente à visão que vamos formando do grupo, este por sua vez elabora sua visão dos pesquisadores investigando-os e discutindo entre si sobre eles. Na medida em que não se tenha uma certa percepção de que isto ocorre, é bem provável que se perca o controle da relação e do trabalho de pesquisa.

Na própria casa de Abílio, Rosilene Alvim foi interpelada por uma vizinha sua que olhando-a disse: "Ah, já conheço a senhora, é a senhora que ia com um moço". Ao que Abílio interrompeu - "o marido dela". A vizinha não se dando por satisfeita, continuou "pensei que fosse um Padre e você irmã". O desentendimento foi então total, Rosilene Alvim traduzindo a palavra irmã como freira e perguntou então como é que podia ser uma freira assim, sugerindo a gravidez. A mulher então respondeu com uma pergunta: "Uma mulher só pode andar com seu marido? Depois um andando assim, longe do outro...". O diálogo acima denota falta de percepção do modelo que as pessoas têm de marido e mulher, como também dos hábitos que os envolvem, pode-se adiantar que não é comum que os casais se locomovam pelas ruas de Navarro durante o horário de trabalho. De qualquer forma nós deveríamos ser irmãos ou vizinhos, nossos hábitos denotavam proximidade e parentesco.

Ficamos durante a maior parte do primeiro mês neste bairro onde moram as três informantes. Trabalhamos muito em casa de Abílio com suas filhas e amigas. Aqui pudemos observar o vai e vem das vizinhas em seus afazeres diários com a casa e a troca de favores: entram pedindo para secar roupa no quintal, para tomar conta de criança (uma das filhas de Abílio se encontrava desempregada e era sempre acionada por uma vizinha para ficar com sua filha de meses, enquanto ela lavava roupa ou ia fazer algumas compras). Aos sábados o movimento era ainda maior em virtude da filha menor, ainda estudante, prestar serviços de manicure. Algumas operárias que entrevistamos, as conhecemos em uma de nossas visitas aos sábados. Sentados na cozinha, quando nos era oferecido um lanche, podíamos ver além das atividades da vizinhança, a preparação de marmitas para as filhas que trabalham na fábrica de Navarro, assim como a troca de favores entre os vizinhos que se revezam no levá-las ao portão da fábrica. Pela manhã Abílio levava marmitas para uma de suas filhas e para diversas moças vizinhas, à

tarde um rapaz passava e levava as marmitas de outra filha assim como de várias outras vizinhas.

Cabe ressaltar, ao concluir, que essas reflexões gerais sobre a nossa entrada em campo não são consideradas completas, procuramos ressaltar mais os problemas que tivemos, explorando o que se pode aproveitar dos incidentes de pesquisa.

Primeira Ida a Navarro, por Ocasão do Survey

A impressão que tive da minha primeira ida a Navarro foi a de que estava entrando em uma cidade de ex-operários. Acompanhando meu intermediário que ia tratar de assuntos particulares com diversos conhecidos, estivemos com vários ex-operários, aposentados, demitidos, etc., da companhia têxtil, que atualmente ocupavam-se de um pequeno comércio "estabelecido" ou que vendiam na feira ou no mercado da cidade. Desde o dono da funcrária, ex-mestre de tecelagem da fábrica, até os pequenos comerciantes que possuíam "boxes" no mercado municipal, ou os que vendiam em barracas na feira, que me espantava a qualidade de ex-operários dos protagonistas dos pequenos encontros que meu intermediário mantinha. Nesses encontros o assunto fluiu da política municipal para a política do sindicato dos tecelões local, o que indicava também a influência da fábrica e de seus operários sobre a vida e a política local.

O próprio aspecto físico da cidade, tal como me foi chamado à atenção pelo intermediário, mostrava as marcas não somente da presença desproporcionalmente grande dos ex-operários, como também do peso do passado sobre a vida da cidade. A presença dos ex-operários, dos "aposentados" sobressai-se pela própria divisão das casas da cidade - que não passa de uma grande "vila operária" - em casas de propriedade da fábrica, e em casas próprias dos operários, que as receberam como parte da indenização por demissão da fábrica. Essas casas próprias distinguem-se das outras por uma certa reforma de fachada que fazem seus habitantes assim que sobra algum dinheiro para saírem da uniformidade das casas da fábrica: a janela transforma-se em basculante, faz-se um pequeno jardim cercado na frente, muda-se a porta de entrada da casa (que normalmente são do tipo que tem uma meia abertura na parte superior, a qual transforma-se em janela), pinta-se a casa de uma cor inédita, colocam-se mais luzes na entrada da casa, colocam-se grades na porta. Parte somente dessas modificações já fazem distinguir essas casas próprias das outras, as quais não têm atualmente nenhuma manutenção assegurada pela fábrica.

As casas próprias dos operários indenizados vêm introduzir-se assim como nova marca "arqueológica" de fenômenos sociais que se pas

sam em uma vila operária, como um acréscimo às "marcas" reveladoras de uma estrutura social subjacente à própria vila operária, com suas diversas ruas de casas de operários para tamanho de família variadas, com suas ruas de casas de escriturários, com suas ruas de chefes de seção e gerentes (os "chalês").

Além de mostrar o peso da presença dos ex-operários, o aspecto físico da cidade também traz marcas visíveis da luta contra a monopolização de todas as terras do município pela fábrica, luta que se travou através de facções políticas municipais vinculadas ou herdeiras de Agamenon Magalhães e que tinham o apoio dos operários mais ativos. Um dos resultados dessa luta foi a conquista para a prefeitura de terras da companhia que foram loteadas livremente. Formou-se então aí uma nova parte da cidade, onde puderam construir suas casas os comerciantes locais (as casas melhores, situadas nos terrenos mais baixos e mais próximos à estrada) e operários ou ex-operários, nos terrenos mais para o alto dos morros. Essa nova parte da cidade, que se forma a partir dos anos 50, é como que um "território livre" com relação ao território da companhia, que rompe com as regras redistributivas da vila operária em benefício dos princípios de um mercado imobiliário, e que permite a existência de templos de "crentes", coisa proibida tradicionalmente pela companhia em suas terras.

Depois de falarmos com vários ex-operários agora transformados em feirantes, o intermediário teve a preocupação de levar-me para conhecer um operário ativo - mas o fato deste operário trabalhar em uma fábrica do distrito industrial do município e não na fábrica de tecidos ligada à vila operária, além de morar em um bairro afastado da sede do município (vila operária), veio coincidentemente reforçar como primeira impressão o peso do passado ligado a Navarro. Fomos então a um bairro de configuração bem diferente da vila operária, um bairro popular oriundo de loteamento e em que as casas são construídas pelos próprios moradores. Para decepção nossa esse operário não estava em casa: sua mulher informou-nos que ele tinha ido fazer feira num grande bairro situado em terrenos alagados e que tem uma enorme feira no fim da semana (estávamos no começo da noite de sábado). Mas pudemos deduzir juntando com informações de um senhor do bairro que tinha-se agregado a nós, que o operário tinha ido negociar na feira e não fazer compras, coisa que teria sido ocultado pela mulher por denotar uma situação de precisão. Voltamos então à sede do município em uma dessas kombis superlotadas que servem aos bairros de Navarro, em muitos casos de propriedade de ex-operários da fábrica que tiraram uma indenização.

Como saldo dessa primeira ida - além do estreitamento de relações com nosso intermediário de pesquisa, submetendo-me ao "teste" i

nicial da pesquisa que ele indiretamente me fazia - ficou a desorganização na minha mente de um estereótipo "obreiro" espontâneo que tendemos a cultivar em função das aparências de um grupo historicamente vinculado à vila operária de uma fábrica. Como primeira impressão, esses ex-operários feirantes a tempo integral e esses operários ativos feirantes de ocasião serviram de exemplo para chamar a atenção da teia de relações extra-industrial mais complexa em que se insere a vida de um grupo operário.

Apresentação da área estudada através de um abanado de informações históricas que obtivemos

Essa primeira impressão de Navarro, (tida por ocasião do primeiro "survey") no que se refere ao grande peso do passado sobre a vida de seus habitantes, confirmou-se durante nosso período de pesquisa posterior (estadia de dois meses). No entanto essa primeira impressão viu-se relativizada e ultrapassada por diversos outros aspectos da área, como o novo distrito industrial, como os novos distritos e bairros que colocam novos problemas, refletindo-se na política municipal. Por outro lado nosso maior acesso aos operários mais antigos e aposentados aumentou "distorcidamente" de certa forma as referências históricas. De qualquer maneira ainda assim o que se poderia ver de específico na área, por contraste com outras áreas operárias seria como as novas tendências da mudança social da área prendem-se a esse passado, que concentrou uma grande população operária, tendo uma história comum e acumulativa de setenta anos, e que agora serve como reservatório de força de trabalho operária para as novas indústrias dispersas, mas que continua a agrupar-se pelo lado da moradia e dos problemas municipais. Resolvemos por isso nesse relatório apresentar os dados relativos à área, para discussão, de uma maneira cronológica, para tentarmos uma primeira ordenação e montagem de dados dispersos que temos sobre a evolução da área. Embora dispondo de dados que viriam até a época atual, vamos nos limitar aqui, por razões de tempo, à formação da vila operária através de um sistema de recrutamento de mão de obra.

A lenda de Navarro, esse "eldorado" do capital, começa com o século. Segundo fontes apologéticas referentes à uma outra cidade tendo características muito semelhantes ao caso aqui estudado, (Gões, 1964) a família Lindenberg teria resolvido ampliar o campo de aplicação de seu capital entrando para o ramo têxtil entre 1900 e 1904, tentando durante esse período assumir o controle de alguma fábrica pré-existente. Depois de tentar o controle acionário da Companhia de Fiação e Tecidos Gaiamum, perdida pela família num golpe de generosidade honrosa diante do temor mesquinho dos antigos sócios principais que

viam a fábrica já perdida diante da investida dos "vikings", a família compra, quatro anos depois, a maioria das ações de uma empresa de situação financeira precária, possuidora da fábrica de Navarro. (Góes, 1964, p. 72).

Um velho ex-operário contou-nos a estória desse último lance, a compra da fábrica, com alguns acréscimos que fazem-nos relativizar a generosidade da renúncia à compra da fábrica Gaiamum. Segundo ele, repetindo versão corrente entre os operários mais antigos, a compra da fábrica Navarro teria duas etapas. Na primeira etapa o velho Lindenberg associa-se ao antigo dono. Na segunda etapa ele adquire o controle total dessa fábrica. E isso utilizando-se do seguinte estratagem. O velho teria confidenciado ao seu sócio que lamentava o rumo que tomavam os negócios e que se lhe aparecesse um comprador ele venderia imediatamente a sua parte. Ao que teria respondido o sócio jurando que o mesmo propósito lhe animava. Então o velho dá um xeque mate: o comprador era ele próprio e diante dessa confissão, o sócio teria que vender-lhe a sua parte. Esse acréscimo na versão dos operários ressalta a esperteza do patriarca da família dos patrões, como que a dizer, se ele era esperto com seus pares, imagine o que não faria conosco, ou ainda, para levar a melhor sobre essa família só sendo muito esperto, como alguns de nós.

A família dos vikings defronta-se então pela primeira vez com a população local: segundo a visão dos Lindenberg e da classe dominante ali existiria muita miséria e preguiça, naquele meio de operários trabalhando alugado para permitirem sua existência camponesa ou de pescadores.

"Distando do Recife (algumas poucas) léguas, (o lugar) a esse tempo apresentava-se ao observador como um lugar renegado do progresso, com a pequena fábrica de tecidos nos últimos arrancos de vida e uma miserável população, subnutrida e doente, alojada em palhoças". (Góes, 1964, p. 73).

As "palhoças" estão aí para ressaltar a solidez do proximamente futuro embrião da vila operária de hoje. Mais uma vez a generosidade despreendida dos vikings vem à tona: assim como foram generosos com os mesquinhos donos da fábrica Gaiamum, porque não o seriam com aqueles indolentes que em breve seriam suas abelhas?

"S. Lindenberg, ao ficar de posse (do lugar), com a quase desmantelada fábrica de tecidos, em 1904, tratou logo de melhorar as condições de vida daquela gente e determinou que seus filhos se pusessem à fren-

te do empreendimento, com a sua supervisão. A primeira medida foi a construção de uma vila de casas de tijolo e telha, em substituição às infectas e miseráveis palhoças que alojavam o operariado e suas famílias". (Góes, 1964, p. 73).

No entanto assim como omite a esperteza de Lindenberg em cima de seu sócio, Góes também separa, em seu livro, por um lado a referência ao início da construção da vila operária, um ato de generosidade e desprendimento para com os operários de Navarro, vindo a admitir por outro lado, várias páginas depois, a segunda intenção calculada dessa generosidade aparentemente sem cálculo pré-estabelecido.

"Passados alguns meses, já se podia observar (...) a ação tutelar e benfazeja da família Lindenberg. Os operários passaram a frequentar o trabalho com maior assiduidade, dando mostras de disposição e vigor". (Góes, 1964, p. 80).

Nem é necessário a Góes esconder essas segundas intenções, porque tudo se passa como se os operários, morando em casas mais "sólidas" e mais "saudáveis" adquirissem essas propriedades das casas, e livres da inanição, pudessem "frequentar o trabalho com assiduidade".

De qualquer maneira não parece ter sido tão fácil aos "vikings" resolver o problema da força de trabalho em Navarro, localidade não muito longínqua de Recife, mas inserida em meio rural - e um "meio rural" com habitantes camponeses e pescadores, as atividades da plantation tendo decaído há algum tempo na área. A "adaptação" dos operários da antiga fábrica de Navarro de ligações familiares com camponeses e pescadores, não teria sido rápida por vários indícios: primeiramente a luta da companhia relatada por vários operários antigos, contra a existência de "palhoças" no seu território luta que persiste até pelo menos a época de Agamenon. Em segundo lugar coloca-se a pergunta da razão do grande movimento de busca planejada de mão-de-obra no interior dos estados do Nordeste oriental assim que a fábrica se reorganiza e se amplia. E finalmente o testemunho de vários informantes que salientavam a dificuldade de recrutamento pela fábrica das famílias de pescadores da área, que só admitiam vender sua força de trabalho em caso do desaparecimento do chefe de família e dos filhos homens, a sobrevivência pela pesca tornando-se muito precária e as mulheres e filhos menores da família vindo empregar-se na fábrica.

O enorme sistema de aliciamento de mão-de-obra do interior montado pela companhia e que vai configurar o período de auge da fábrica

e da vila operária, constituindo a própria cidade, não se prende unicamente à insubordinação dos pescadores e camponeses da área circunvizinha a Navarro, mas também ao receio que tinham os "vikings" em trazer mão-de-obra do Recife devido à sua fama de "rebeldia". E não somente a ameaça indireta do movimento operário do Recife - que por esse início de século prepara-se para um primeiro auge em 1909 e continua ativo até um segundo surto de ebulição de 1917 a 1923 (cf. Manoel do O', 1971) - deve ter pesado nessa decisão dos "vikings" de evitar o recrutamento da mão-de-obra do Recife para sua nova fábrica têxtil, mas também a própria experiência direta com essa "rebeldia".

"Ao iniciar a sua direção geral no nascente empório têxtil da família (o filho Augusto do velho Lindenberg, que morrerá), a velha e pequena fábrica, que, foi adquirida deficitária e despreparada para as suas tarefas específicas assim como os seus escritórios instalados no Recife, tomaram novos rumos e um auspicioso ritmo de progresso. Mas como todas as revoluções, sejam políticas ou industriais, as medidas adotadas por Augusto encontraram obstinada reação dos descontentes. Os antigos servidores logo pretenderam opor uma resistência passiva, enquanto se entregavam a uma surda guerra de nervos contra o novo empresário investido da direção geral. Augusto, que nasceu para mandar e ser obedecido, era uma espécie de rolo compressor sobre aquelas resistências silenciosas mas tenazes. Os que se julgavam insubstituíveis foram de pronto substituídos. A mudança dos escritórios (do Recife para o Cabo) desencadeou nova onda de descontentamento e repulsa dos seus empregados, já agora insuflados à rebeldia pelo guarda-livros B. Torres. Mas o rolo compressor ia aplainando os obstáculos. Outras substituições foram determinadas. Como a onda de rebeldia se estendesse aos operários da Fábrica de Tecidos, lá também foram tomadas providências drásticas, substituindo-se os recalci trantes por novas turmas que assegurassem a normalização do trabalho. Para evitar uma

prejudicial descentralização administrativa, resolveu, ainda, Augusto transferir para (junto da fábrica) os escritórios que a empresa mantinha no Recife." (Cões, 1964, pp. 104/105).

Uma de nossas informantes chave nos fazia a análise que a citação acima pode vir a sugerir: para ela todo o sistema de aliciamento da mão-de-obra do interior era proveniente do temor do contágio em Navarro da "rebelião" dos operários de Recife, dos companheiros de Manoel do O', Dr. Pimenta (o Dr. Pestana do Moleque Ricardo) e de Cristiano Cordeiro (para essa "rebelião" cf. M. do O', 1971; Moleque Ricardo de J. Lins do Rego; Souza Barros, 1972; Pimenta, 1949).

A partir desse movimento de aliciamento de mão-de-obra, Navarro vai consolidando suas características semelhantes às das usinas açucareiras, ao mesmo tempo que inversamente serve também de modelo ao estilo de industrialização das usinas, contribuindo com um elaborado sistema de imobilização e recrutamento de trabalhadores.

Quanto ao recrutamento: diante de operários de outras fábricas, um operário de Navarro se referia ironicamente como algo de específico à sua fábrica ao chafariz de leite, à montanha de cuzeuz que os agentes aliciadores contratados pela companhia prometiam pelas cidades e feiras do interior, aos seus candidatos potenciais, geralmente famílias camponesas. Esses agentes ganhavam por cabeça de trabalhador trazido e tinham instruções para buscarem famílias com 4 a 6 membros em idade de trabalhar (informações de um ex-operário que, vindo do sertão pernambucano para Navarro, incorporou-se a uma família como "parente" para completar os seis trabalhadores por família exigidos pelo agente para trazê-los). Os agentes contavam assim com o trabalho gratuito de sub-aliamento dos próprios interessados na vinda para completarem o número de trabalhadores exigidos por família. É interessante notar o interesse, por parte da companhia, no aliciamento de famílias e não por trabalhadores individuais, tal interesse sendo ligado às práticas de imobilização da mão-de-obra preconizadas por esse estilo de industrialização. Além disso, a família tem uma capacidade de sub-aliamento espontâneo que auxilia o suprimento de mão-de-obra.

As regras de moradia na vila operária estimulam tal sub-aliamento espontâneo. Com efeito, o tamanho da casa oferecida a uma família que chega, está vinculada ao número de trabalhadores ativos na fábrica de maneira direta. Assim, para usufruir de uma casa de dois quartos, a família operária terá que possuir pelo menos dois de seus membros trabalhando na fábrica. Assim a companhia estimula a vinda

de famílias grandes (com um bom número de membros em idade de trabalhar) não somente dando instruções diretas aos seus agentes, mas também indiretamente pelas consequências das regras que estabeleceu para a habitação das casas: não somente a família grande tem todo interesse em recompor seus membros ativos chamando parentes de seu local de origem, como uma família pequena tem interesse em fazer o mesmo para adquirir um tamanho tal que possa habitar uma casa sozinha. Com efeito, as pequenas famílias arriscam-se a ter que compartilhar a mesma casa com outra família, por determinação da companhia. Para evitar essa co-habitação forçada, as famílias recorrem a seus parentes do local de origem para sair o quanto antes de uma situação considerada de privação quanto à não privacidade. O repartir a mesma cozinha, a partir da mesma feira, as brigas de criança que acabavam em briga dos pais, são os principais motivos de briga apontados pelos informantes, sendo que o primeiro motivo seria específico à co-habitação da casa, o segundo podendo ocorrer entre vizinhos de casas separadas. Assim também o barulho, a cantoria dos vizinhos é apontado como causa de briga - não haveria televisão, nem "televizinho" na época. Assim, o fato de nossos informantes falarem da maior desunião dos operários no passado em comparação com o presente ao nível da vizinhança seguramente está relacionada ao controle do "centro" redistributivo (cf. Polanyi) da companhia sobre a vida da vila operária, do qual a co-habitação de famílias diferentes, sem o menor conhecimento anterior, seria um importante gerador de conflitos, elemento extremo que é, da competição pela casa entre os operários.

Por outro lado, e inversamente, os informantes falam da união maior que haveria no passado ao nível do trabalho em comparação ao presente, o que parece estar ligado a uma intensidade menor das máquinas, a uma composição técnica do capital que privilegia um número maior de trabalhadores, propiciando uma maior segurança dos trabalhadores quanto ao emprego, uma menor concorrência entre eles, e uma maior liberdade de movimento dentro da fábrica. Diante do que sucedeu depois das demissões em massa, do espectro atual do desemprego ou pelo menos das dificuldades de emprego, o passado é visto retrospectivamente com olhos benevolentes: a idealização da antiga Navarro e dos antigos patrões, particularmente um ou outro dentre eles, tem por uma de suas ênfases a facilidade de emprego da época: "todos trabalhavam, até os aleijados". Dizem também os informantes que, sendo despedidos de uma das fábricas que compõem o conjunto têxtil de Navarro, os operários encontravam sem muitas dificuldades emprego na outra fábrica. Navarro estava então no auge de sua atividade produtiva, empregando nos seus diversos estabelecimentos cerca de vinte mil trabalhadores: dis-

tribuídos entre as duas fábricas têxteis, a cerâmica que fabricava os tijolos e telhas das casas da cidade, o porto particular que possuía a companhia em área próxima à cidade, a usina que produzia caldo para os cavalos que os patrões criavam além de possuir oficinas que trabalhavam parcialmente para as fábricas, as locomotivas e um pequeno estaleiro. Além disso, existiam os "trabalhos externos" que consistiam principalmente no abastecimento de lenha para as caldeiras, envolvendo o corte, transporte e as operações de colocação da lenha nas caldeiras das fábricas; e nas obras de construção civil que abriam periodicamente grandes "frentes de trabalho". Esses trabalhadores do "externo" não eram oficialmente fichados pela empresa, sendo chamados de trabalhadores clandestinos ou da "ficha amarela".

O que acontecia com as famílias que vinham do interior trazidas pelos agentes? Elas primeiro eram postas a "acampar" em um prédio chamado depósito, onde aguardavam serem examinadas pela administração da fábrica para terem seus membros alocados em diversos setores de atividade, e em função dessa alocação, terem tal ou qual tipo de casa concedida. Segundo o relato de alguns informantes, o patrão em pessoa encarregava-se dessa alocação por atividades dos trabalhadores recém-chegados ele próprio. Formava-se uma extensa fila e o "coronel", sentado em uma poltrona examinava as mãos e os olhos dos trabalhadores dirigindo-lhes por vezes algumas perguntas. Através dessa sistemática os trabalhadores eram já encaminhados a determinados setores de atividade segundo o conjunto de indícios que o coronel extraía de cada exame de mãos e olhos que fazia: as mulheres mais bonitas ou mais frágeis iam para a tecelagem, as outras para a fiação, os homens mais fortes poderiam ser escolhidos para algum serviço do externo ou para o trabalho nas caldeiras, outros que tivessem profissão iriam para as oficinas, e quem tivesse longa prática na agricultura, os pais de família mais velhos, viam-se concedidos com terras para botarem roçado, desde que tivessem muitos filhos para trabalharem na fábrica. Outros ainda poderiam ser escalados para o gatilho, para o batalhão de vigias que possuía a companhia, sendo suficiente que viessem de uma área sertaneja considerada "braba".

Notas

- (1) L.A. Machado da Silva, que formulou paralelamente a nós seu interesse nessa terceira possibilidade desenvolve juntamente com Amélia Rosa Sá Barreto Teixeira, nos quadros do Projeto Emprego e Mudança Sócio-Econômica no Nordeste, pesquisas em bairros populares de Recife, que seriam bairros do que aqui denominamos

de "segundo sub-tipo". (As pesquisas referidas nessa nota contaram ainda com a colaboração de Filipina Chinelli e Ademir Figueiredo).

- (2) Os nomes de cidades, bairros e locais, assim como de pessoas, referidos nesse relatório, são fictícios, conforme praxe de trabalho antropológico.
- (3) A importância da mão de obra feminina em função de seu largo emprego em uma fábrica têxtil poderia dar uma particularidade especial à organização familiar de um grupo operário que se encontrasse nesse caso. Tal era a situação em que estavam inseridos os operários que nos encaminhávamos para estudar. Desta forma o grupo de operários da vila operária têxtil de Navarro nos atraía como objeto de estudo e a possibilidade de contarmos com um intermediário que nos introduziria no grupo nos fez decidir, enfim, pela realização da pesquisa em Navarro.
- (4) A realização da pesquisa com filho nesta idade torna necessárias algumas providências anteriores ao estabelecimento familiar na área da pesquisa. A busca de alojamento que permita a alocação de uma criança e todos os cuidados a ela necessários nem sempre se coloca como uma tarefa de fácil execução. Desta forma é que se colocou também para nós a ida anterior de José Sergio Leite Lopes quando tomaria algumas providências para nossa permanência na área de pesquisa.
- (5) O compadre de Florêncio, Abílio, sendo pai de quatro filhas operárias ofereceu sua casa para que conversássemos com elas. Através desse contato tivemos acesso a Ambrósia, mulher de Abílio e que se revelou uma informante fundamental, principalmente no que diz respeito aos dados relativos à organização familiar. As filhas participavam da atualidade do trabalho na fábrica, na medida em que todas eram operárias (com exceção de uma estudante e outra operária em uma fábrica de móveis todas trabalhavam ou já tinham trabalhado em Navarro). Através das filhas de Abílio entrevistamos outras moças operárias de Navarro.

Bibliografia

Cões, Raul de

1964 - Um sueco emigra para o Nordeste. Rio de Janeiro, Ed. José Olympo

O', Manoel do

1971 - Cem anos de suor e sangue. Petrópolis, Ed. Vozes

Pimenta, J.

1949 - Retalhos do passado. Rio de Janeiro, Departamento de Imprensa Nacional

Rego, José Lins do

1974 - Moleque Ricardo. Rio de Janeiro, Ed. José Olympio

Souza Barros

1970 - A década de 20 em Pernambuco. Rio de Janeiro, sem editor, gráfica da Academia Brasileira de Letras

UM ESTUDO DE REPRESENTAÇÃO OPERÁRIA NUMA GRANDE
CIDADE REGIONAL

Jorge Eduardo Saavedra Durão

Problemática teórica e objeto de pesquisa

O objetivo desta parte inicial é a confrontação entre a pro
blemática teórica que deveria orientar o nosso trabalho de campo e o
produto deste, para tentarmos verificar até que ponto houve incapaci
dade ou impossibilidade de produzirmos as mediações necessárias en
tre o objeto da pesquisa e as questões que foram dirigidas aos infor
mantes. Portanto, ao fazê-lo, temos em mente duas considerações que
estiveram presentes no trabalho de campo e que estão implícitas na
formulação da questão acima. A primeira nos previne contra a confu
são entre as questões que nos são sugeridas pela nossa problemática
teórica e aquelas que são dirigidas imediatamente aos informantes.
Da compreensão dessa distância decorre a própria exigência de encon
trarmos as mediações entre estas últimas e o nosso objeto. A segunda
consideração, que talvez tenha mais implicações no tocante a este
trabalho, diz respeito à própria idéia de construção do objeto. Aqui,
quando falamos em objeto de pesquisa, em definição e construção do
objeto, temos em mente apenas "... uma problemática teórica que per
mite submeter a um questionamento sistemático os aspectos da realida
de postos em relação pela questão que lhes é colocada". (H. Marcuse,
in Bourdieu, 1968, pg. 61). Entendemos assim que, na relação entre o
objeto de pesquisa e os fatos que procuramos construir através da ob
servação e das questões dirigidas aos informantes, aquele não consti
tui um ponto de referência fixo. Pelo contrário, nossa problemática
antes delimitaria um espaço dentro do qual estão por se construir as
hipóteses capazes de nos apontar a rigor o nosso próprio objeto teó
rico e as próprias mutações por que deve passar essa problemática

teórica.

Entretanto é preciso ter presente que a matéria-prima para este trabalho não é o produto de um trabalho de campo prolongado, no qual a relação com os informantes houvesse se aprofundado e consolidado. Portanto, no desenvolvimento deste trabalho teremos de levar em conta as circunstâncias práticas que qualificam as questões que pudemos dirigir aos informantes bem como o nível de aproximação entre estas e o objeto da pesquisa.

O objetivo que nos propusemos foi o de desenvolver nossa pesquisa junto a um grupo de proletários industriais, visando a estudar sua ideologia e a formação de sua consciência política. Nossas preocupações estavam referidas também às formulações correntes que pretendem explicar a suposta inadequação da consciência do proletariado industrial à sua condição de classe, como resultante da origem rural da classe operária no Brasil. Para tanto seria necessário estudarmos um grupo com relação ao qual se colocasse, como um aspecto passível de ser considerado, o problema da origem rural.

Tentaremos distinguir sumariamente os termos em que definimos inicialmente o nosso objeto de pesquisa da temática um pouco mais amadurecida que orientou o nosso trabalho de campo.

Em primeiro lugar, relendo a nossa proposta de trabalho inicial, verificamos que a própria maneira de formular as questões estava bastante presa ao tema da origem rural dos trabalhadores. Daí a sugestão de um enfoque comparativo que permitisse romper com "os modelos abstratos sobre as 'sociedades tradicionais'", para retomar o estudo dos operários industriais a partir do "conhecimento concreto das condições de vida e das tradições de lutas das classes sociais de que são oriundos esses contingentes de trabalhadores". Da posição ocupada por essa questão na abordagem de nosso objeto derivava tam

bém uma preocupação com o questionamento de categorias utilizadas pelos autores com os quais pretendíamos dialogar, a qual nos parece agora, no mínimo, desproporcional ao estágio em que nos encontrávamos no processo de pesquisa.

Outra questão presente na nossa proposta inicial e que conserva, a nosso ver, um alcance teórico e uma virtualidade explicativa bem maiores era a da relação entre espontaneidade e consciência, sendo que caracterizamos então esta última como a introdução junto à classe operária, num processo de mudança social, do elemento consciente correspondente ao seu ser de classe. Estávamos alerta para a necessidade de refletir sobre as difíceis implicações desse tipo de abordagem. Tínhamos desde o início presente como uma das falácias das teorias correntes sobre a classe operária no Brasil o recurso a modelos arbitrários do comportamento e dos traços ideológicos que constituiriam na opinião desses autores, paradigmas das atitudes operárias. Na nossa proposta de trabalho fazíamos menção ao sentido ideológico de certas noções como a de "ajustamento do trabalhador à indústria" que, a nosso ver, estavam totalmente impregnadas por uma projeção da racionalidade capitalista sobre o modelo ideal de comportamento operário (1). No entanto, ao considerarmos a relação entre a consciência espontânea dos trabalhadores estudados e o que seria uma consciência correspondente à sua condição de classe - dito de outro modo, a

(1) Seria interessante para a continuidade da pesquisa, embora estranho aos limites deste trabalho, tentar sistematizar os elementos constitutivos desses modelos de comportamento operário. Numa primeira e superficial abordagem ressalta o fato de que o que é tomado por alguns autores como indicativo da falta de identificação com a condição de operários industriais (por exemplo, orientação para atividades independentes fora da indústria, a instabilidade da mão-de-obra e o alto índice de turnover) pode ser tomado, numa outra perspectiva, como formas ou efeitos da luta de classes, que não implica numa aceitação e muito menos numa valoração positiva, pelos trabalhadores, de sua condição proletária.

consciência relativa aos seus interesses históricos e permanentes -,
vemo-nos face aos riscos da substantivação de um ou de ambos os ter
mos dessa relação, o que nos conduziria por outra via ao tipo de
démarche teórica que criticamos acima, ao invés de nos fazer avançar
na análise concreta das condições de vida e de consciência do grupo
que nos propusemos estudar.

Ora, se, por um lado, para cumprir uma etapa lógica deste tra-
balho, bastaria a colocação do problema nos termos em que está pos
to acima, por outro lado cabe observar que com isso não eliminamos o
risco, que é inerente ao objeto da pesquisa, de tendermos inconscien
temente a substituir o levantamento da prática do grupo estudado e
de suas relações com as outras classes por uma avaliação da distân
cia entre o nosso modelo e a realidade. Aliás, essa dificuldade reme
te a um risco real que é o de tomarmos as formas atuais pelas quais
os trabalhadores vivem e tomam consciência das suas condições de exis
tência como se fossem inerentes à sua natureza de classe, idealizan
do-as, e ignorando assim problemas reais relativos à formação da cons
ciência de classe proletária em circunstâncias históricas em que não
está sendo posta em cheque a dominação ideológica a que está sujeito
o proletariado.

Como foi proposto acima, tentaremos a seguir identificar o de
senvolvimento de nossas reflexões sobre essas questões nas etapas sub
sequentes do processo de pesquisa, principalmente até a entrada no
campo, uma vez que uma das possibilidades aqui consideradas é a de
que tenha havido de nossa parte uma certa perda de perspectiva teóri
ca durante o trabalho de campo propriamente dito.

Possivelmente a modificação mais relevante do nosso enfoque
inicial terá sido uma redução da ênfase dada anteriormente ao proble-
ma da origem rural dos trabalhadores e à implícita oposição rural-
urbano, inclusive em virtude das advertências de outros pesquisadores

com relação aos riscos de substantivarmos o "urbano" como uma das armadilhas contidas naquela problemática.

A alternativa então seria a de investigar, através da observação e das formulações dos informantes, o significado atual da condição operária para o grupo estudado, procurando identificar as alternativas efetivamente presentes nessas formulações - o que poderia mostrar, por exemplo, uma eficácia ideológica muito maior da aspiração ao trabalho "por conta própria" do que de uma alternativa referida ao retorno a situações rurais -, e tentando distinguir essas alternativas enquanto formulações ideológicas, das estratégias individuais, ou de classe, efetivamente postas em prática por esses trabalhadores. A abordagem dos informantes através de um bairro fabril e de moradia operária teria o valor, enquanto "estratégia de pesquisa", de permitir o levantamento da rede de relações desses operários industriais, as oposições e identificações entre o grupo estudado e as demais classes em presença. Desse modo tentaríamos também nos aproximar de uma questão recorrente que é a da existência ou não de uma fronteira consciente entre a condição operária e a de "trabalhadores" em geral, ou a de "pobres" por oposição aos "ricos".

Pouco antes de partirmos para o campo, procuramos arrolar alguns itens para um roteiro de pesquisa, o que fizemos tomando por base uma leitura do PROJETO e inspirados pela leitura da tese de mestrado de José Sérgio Leite Lopes (1974). É interessante observar que os pontos constantes desse roteiro - diferenciação interna dos operários, limites da jornada de trabalho, mercado de trabalho, trajetórias sociais dos operários em direção às fábricas (com a preocupação de precisar ao máximo a origem social de cada informante nos termos das situações-tipos previstas no PROJETO), etc. - guardavam uma razoável distância com relação à problemática teórica exposta acima e, num certo sentido, ficavam ao nível de generalidades aplicáveis a

qualquer abordagem de um grupo operário. Além disso, integrando-se o nosso trabalho de campo no quadro abrangente de uma pesquisa mais ampla, e tendo sido ele precedido pela participação no esforço coletivo do survey temos de considerar a inércia que poderia nos manter presos a essa etapa anterior e a possibilidade de não termos avançado na prática, com as questões que dirigimos aos informantes, além das hipóteses que são colocadas pelo PROJETO e haviam sido reelaboradas ou concretizadas no survey.

Temos de considerar também aqui a questão da etapa da pesquisa que nos havíamos proposto a realizar e que, embora não fosse determinante com relação aos problemas abordados neste trabalho, explica uma aparente retração dos resultados. Isto é, tendo em vista o tempo efetivamente disponível para essa primeira parte do trabalho de campo, estabelecemos pessoalmente como prioridade a consolidação de nossas condições de acesso aos informantes, a partir de um contato inicial bastante precário e aleatório, estabelecido sem nenhum tipo de mediação.

Isso posto, tentaremos a seguir levantar, com base em algumas entrevistas, as questões nelas recorrentes, visando a tornar explícita a lógica - interna ou externa - que presidiu à elaboração dos roteiros das mesmas ou à formulação das questões, confrontando o resultado, por um lado, com as exigências teóricas da pesquisa e, por outro, com as circunstâncias práticas de cada entrevista considerada.

Para essa avaliação dos passos dados no trabalho de campo, selecionamos algumas entrevistas dando preferência àquelas obtidas dos informantes com os quais foi possível desenvolver mais a relação observador-observado, tendo em vista a preocupação de evitar assim a distorção que sofreriam os resultados deste trabalho se tomássemos como referência apenas entrevistas resultantes de um primeiro contato com os informantes, em que a preocupação maior com a definição da relação, e a pouca familiaridade com as categorias dos informantes,

poderiam justificar os resultados precários da entrevista. De certo este é um critério de alcance relativo tendo em vista o tempo da pesquisa, quando até mesmo os contatos mais aprofundados foram bastante superficiais, mas ainda assim é adequado aos limites da avaliação que podemos fazer neste trabalho.

Nesse sentido tomamos por base duas entrevistas com o sr. C. (2), mecânico de manutenção da usina descaroçadora de algodão de uma fábrica têxtil (uma delas gravada, a outra não), e duas outras entrevistas gravadas, uma com o sr. M., ex-operário, atualmente dono de uma bodega no bairro em que concentramos o nosso trabalho, e a outra com a dona L., mulher do sr. M., ex-operária têxtil, que atualmente com ele compartilha as tarefas do pequeno negócio do casal. Seria um pouco artificial tentar definir nesse começo de pesquisa a importância relativa de cada um desses informantes. Dificilmente um deles poderia ser apontado como informante principal, apesar do que algumas distinções podem ser feitas. Assim, o sr. C. converteu-se num elo importante para o estabelecimento da relação entre o pesquisador e o grupo estudado, quase um mediador, na medida em que o pesquisador manteve um número maior de contatos com ele e por seu intermédio e de sua esposa obteve um certo respaldo para sua aproximação com outros informantes. Foi o sr. C. que nos apresentou aos donos da bodega e a alguns dos seus frequentadores. Foi ele também que chegou a nos transmitir alguns comentários que expressavam a desconfiança do grupo com relação ao pesquisador, uma pessoa desconhecida que talvez não merecesse confiança. Acredito que, ao nos contar isso, ele estivesse ainda nos testando, observando a nossa reação. De qualquer forma estamos convencidos da importância decisiva de termos conquistado a sua confiança. Por outro lado, o sr. C. não parece ter um nível de

(2) Os nomes de cidades, bairros, fábricas e informantes aqui mencionados são fictícios, de acordo com as normas habituais do trabalho etnográfico. men
do

reflexão sobre as condições de existência dos trabalhadores superior ao da média das pessoas contatadas por nós, nem qualquer outra característica que faça dele um informante privilegiado. Com relação ao sr. M. e dona L., ambos parecem particularmente inteligentes e observadores. A mulher sobretudo revelou uma perspicácia muito grande pela facilidade com que captou os interesses do pesquisador. Tanto ela quanto o sr. M. ocupam uma posição propícia ao conhecimento da vida do bairro, e, ao contrário do que parece ocorrer com o sr. C., dispõem de uma massa de informações muito grande sobre os trabalhadores da vizinhança.

Para procedermos à análise dos supostos impasses em nossa pesquisa, decidimos elaborar um quadro (ver fls. seguintes) que contivesse as questões formuladas nas entrevistas, dando margem a uma comparação entre elas. Deve-se observar que houve uma certa dificuldade em isolar as questões do pesquisador das questões propostas ou sugeridas pelos próprios informantes, não só porque os temas em torno dos quais se desenvolveram as entrevistas não poderiam ser, como, de fato, não foram, determinados exclusivamente pelas questões dirigidas aos informantes, mas também porque a dinâmica espontânea de cada entrevista admite desdobramentos fora do controle absoluto do pesquisador e que, no entanto, propiciam resultados mais ricos do que se poderia esperar de uma entrevista que se prendesse rigidamente às suas questões. Daí o caráter dos itens que compõem o quadro acima, correspondentes não apenas às questões do pesquisador, mas também às aquelas suscitadas pelos próprios informantes. Desse modo, na avaliação do quadro está em jogo não apenas a nossa capacidade de efetuar uma mediação apropriada entre as questões pertinentes ao objeto e as que dirigimos aos informantes, mas também a natureza das respostas obtidas e a sua maior ou menor aproximação e interesse do ponto de vista das nossas preocupações teóricas.

Observando o quadro das entrevistas, verificamos que os temas das mesmas prendem-se, com bastante uniformidade de uma para outra, nos seguintes pontos principais:

- 1º - origem social do informante (lugar de nascimento, ocupação dos pais), particularmente com vistas à possível origem rural do mesmo;
- 2º - ocupação dos parentes (possível ligação com a agricultura);
- 3º - dados biográficos do informante (idade, nº de filhos, etc.) com ênfase na sua história de vida ocupacional (idade com que chegou à cidade, idade com que começou a trabalhar, ocupações anteriores);
- 4º - moradia, padrões de consumo e de "acumulação";
- 5º - descrição dos processos de trabalho em que estão inseridos;
- 6º - jornada de trabalho dos informantes;
- 7º - relações de trabalho (salários, pagamento por produção, pagamento de horas-extras, carteira de trabalho e direitos);
- 8º - diferenciação interna dos operários (profissão, arte, ajudantes, trabalho grosseiro x trabalho qualificado, etc.);
- 9º - trabalho por conta própria e negócio;
- 10º - retorno de trabalhadores da indústria para a agricultura;
- 11º - visão do mercado de trabalho: problemas de emprego na região; migrações para o sul;
- 12º - questões sobre as indústrias locais não pertinentes especificamente aos informantes.

Nosso primeiro impulso é o de admitir que não haveria outra forma de dar início a uma pesquisa com operários a não ser abordando as questões acima, ou outras correlatas. Embora não pretendamos firmar necessariamente uma posição diametralmente oposta a essa, nosso objetivo obriga-nos a procurar distinguir os acertos casuais daqueles que derivam de um esforço consciente, dirigido para a obtenção dos dados necessários à construção do objeto.

Q U A D R O

<p><u>1ª. entrevista:</u> sr. C. (mecânico de manutenção de uma usina descaçoadora de algodão)</p>	<p><u>2ª. entrevista:</u> sr. C. (mecânico de manutenção de uma usina descaçoadora de algodão). (Entrevista gravada).</p>
<ul style="list-style-type: none"> - ponto de vista dos donos das fábricas: "sô mostram as vantagens deles". O trabalhador não representa nada; - incerteza do informante quanto ao futuro; - o informante é operário há 16 anos; - empregos anteriores do informante; - o informante está <u>tirando</u> <u>aviso</u> <u>prêvio</u>; - mudança de emprego; - se o informante gostaria de trabalhar na Wallig (uma empresa do "setor moderno"); - salário no emprego atual e no novo emprego; - salário e aluguel de casa, se este era descontado; - valor dos alugueis no bairro operário em que mora o informante; - como conseguiu sua casa própria? - formas de acumulação para aquisição da casa; - origem do informante; - época em que veio para Serra Azul; - quando começou a trabalhar na cidade; - comparação entre a cidade e a área rural em que nasceu o informante; - se há falta de empregos em Serra Azul; - indústrias; Distrito Industrial; - demissões na fábrica; 	<ul style="list-style-type: none"> - origem do informante; - ligação com a agricultura; - ocupação dos parentes; - ocupação de um irmão; - <u>negôcio</u> X emprego; - experiência profissional; - aprendizagem e experiência profissional; - suas funções no processo de trabalho; - tecnologia da fábrica em que trabalha (máquinas); - trabalho dos outros operários; - suas funções no processo de trabalho em outros períodos do ano; - ritmo da produção; - jornada de trabalho; - aspectos do processo de trabalho; - trabalho "pesado" e trabalho qualificado; - trabalho em casa (reforma da casa); - ajuda de outro trabalhador no trabalho de reforma da casa; - relações no bairro; - relações com a vizinhança; - papel da <u>bodega</u> na vida social da vizinhança; - descanso aos domingos; - mudança de emprego voluntária: suas contas; - salário; - relação <u>salário/profissão</u>; - valorização da <u>profissão</u>; <p style="text-align: right;">(cont.)</p>

1ª. entrevista (continuação)

- direitos;
- ricos e pobres; patrões e em pregados;
- diferença entre torneiros e me cânicos;
- aspectos do trabalho de reparos na usina;
- resistência do patrão à sua saí da do emprego; ameaças;
- parada anual da usina; se isso se chama "apontamento";
- trabalho sem interrupção anual da fiação e da tecelagem;
- como aprendeu a fazer o servi ço;
- detalhes do seu trabalho na usina;
- seções da fábrica (reconstitui ção);
- seu horário de trabalho;
- se o algodão desprende muita poeira e se o informante traba lha de máscara;
- se isso acarreta problemas de saúde;
- quantas pessoas trabalham na usina?
- composição do pessoal da fábric a por sexo e idades;
- horários de trabalho na fábric a;
- aproveitamento do algodão;
- horas-extras; se a fábrica pa ga direito;
- horas-extras e domingos; paga mento;
- pagamento em dobro?
- problema da anotação da quali ficação na carteira de traba lho;
- se ninguém reclamava a falta dessa anotação;
- dados sobre os seus irmãos;
- sobre o roçado atrás da casa;

2ª. entrevista (continuação)

- salários em Serra Azul;
- emprego e "rotatividade" da mão-de-obra (pergunta feita nos ter mos patronais;
- relação salário/profissão;
- sem profissão = salário míni mo;
- profissão X ajudante;
- salários: diferenças regionais;
- profissão X serviços grosseiros;
- quem não tem profissão, se tem dificuldade para arranjar em- prego;
- profissão e salário; merecimen to;
- horas-extras;
- pagamento das horas-extras e do trabalho aos domingos;
- retorno à agricultura;
- migração para o sul;
- saída e readmissão de trabalha dor na fábrica;
- "bom operário"... "não é demi tido";
- mudança de seção dos operários na entressafra;
- demissões e estabilidade;
- FGTS;
- casas da vila operária;
- vila operária;
- casa própria;
- a vila vai ser demolida;
- previsão para o futuro - uma preocupação do informante;
- estratégia familiar: acumula ção para construir a casa pró pria;
- o problema do aluguel;
- como construir sua casa;
- gastos "supérfluos": a diferen ça entre ricos e pobres;

3ª. entrevista dona L. (mulher do sr. M., ex-operária têxtil). (Entrevista gravada)

- origem (lugar de nascimento) da informante;
- idade com que veio do Sertão;
- idade atual da informante;
- trabalho anterior da informante num contonifício;
- se a informante era solteira nessa época;
- se trabalhou noutras fábricas;
- quantidade de trabalhadores na fábrica;
- se essa fábrica agora está no Distrito Industrial;
- expansão da fábrica;
- aonde está localizada a fábrica atualmente;
- seção em que a informante trabalhava;
- aspectos do processo de trabalho;
- jornada de trabalho;
- trabalho por produção;
- documento assinado: a informante não tinha;
- pagamento do trabalho por produção;
- se ainda existe esse sistema;
- trabalho da irmã da informante;
- dados sobre a irmã da informante;
- horário de trabalho da informante;
- horas-extras se eram "voluntárias";
- se os pais da informante eram operários ou gente do campo;
- horários de trabalho na fiação onde sua irmã trabalha;
- se é fácil obter emprego na fiação;

4ª. entrevista: sr. M. (dono de uma bodega, ex-operário, (pedreiro). (Entrevista gravada)

- origem do informante;
- se sua família era da agricultura;
- idade do informante;
- qual o trabalho inicial do informante na cidade?
- trabalho e aprendizagem;
- empregos anteriores do informante;
- o informante "botou um negócio";
- se o negócio está dando certo;
- estada do informante no sul;
- comparação sul/nordeste;
- trabalho no sul: manutenção do informante e da família no NE;
- diferença entre a situação do migrante solteiro e a do casado;
- profissão e migração;
- valorização da profissão;
- oportunidades de emprego em Serra Azul;
- há trabalho para quem aceita ganhar pouco;
- se há empregos para quem não tem profissão;
- salários em Serra Azul;
- como conseguiu o negócio;
- número de filhos do informante;
- retorno à agricultura;

(cont.)

3ª. entrevista (continuação)

- arte;
- como aprendeu a arte;
- se o trabalho era muito difícil;
- detalhes do processo de trabalho;
- processo de trabalho;
- produto;
- se o marido não quis que a informante continuasse na fábrica;
- salário;
- gratificação que recebeu ao sair da fábrica;
- documentos e direitos;
- se a informante esteve no Rio;
- estada do marido no sul;
- indústria X trabalho por conta trabalho;
- trabalho por conta: em que profissão?
- onde o marido trabalhou como pedreiro?
- outros empregos do marido;
- se a informante conhece bem o bairro;

O primeiro obstáculo a essa distinção deriva do caráter algo subjetivo do problema, uma vez que o que se pretende questionar é justamente o fato dessas questões terem sido dirigidas de forma mais ou menos inconsciente e, sobretudo, não controlada do ponto de vista teórico. Podemos no entanto dar algumas indicações no sentido de corroborar uma ou outra das alternativas sugeridas acima.

Com relação às circunstâncias das entrevistas, poderíamos considerar o fato de que, mesmo no caso das duas primeiras, obtidas do mesmo informante, tratava-se de uma tomada de contato inicial com as pessoas entrevistadas, em que estava muito presente a preocupação de reunir elementos que permitissem o desdobramento subsequente da relação com os informantes. A primeira entrevista (ver quadro) foi a única que teve lugar num primeiro contato com o informante, embora o pesquisador já tivesse dados a seu respeito; pois havia entrevistado antes a sua mulher. Em todas as entrevistas havia uma preocupação muito grande com relação à necessidade de assegurar a confiança dos informantes e uma certa dose de ansiedade pela premência do tempo disponível para a pesquisa, tudo isso se refletindo sobre o estado emocional do pesquisador. No entanto, nem mesmo as dificuldades derivadas da pequena disponibilidade de tempo dos informantes para atender às solicitações do pesquisador determinaram os rumos das entrevistas ou contribuíram para comprometer os seus resultados, ainda que a quarta entrevista tenha sido abreviada por essa razão.

Tentando buscar razões mais substantivas para resolver a questão, revemos o diário de campo e nele encontramos um roteiro de pontos que foi preparado para a primeira entrevista com o sr. C., roteiro este que nos parece agora bastante confuso. Acreditamos que a sua transcrição documenta em parte o espontaneísmo e o empirismo por que nos deixamos levar no curso do trabalho.

Roteiro: 1 - Sobre a sua arte. Fêz curso no SENAI? Mecânico: é fresador? 2 - Se na fábrica há muitos ajudantes ou se a maioria tem uma arte como ele? 3 - Perguntar algo sobre o processo produtivo na T. - Se o algodão já chega em pluma ou se vem com caroço? 4 - Falar sobre a fábrica e assim puxar o assunto da insalubridade; 5 - Se há outras indústrias têxteis importantes em Serra Azul? 6 - Se para ele não seria interessante trabalhar numa empresa como (empresa metalúrgica do setor moderno)? 7 - Se os salários na Têxtil Serra Azul S.A. são muito baixos? 8 - Por que o interesse dele em se estabelecer por conta própria? 9 - Se no bairro tem muita gente que tenha vindo há pouco tempo do interior? - 10 - Se, quando falta a matéria-prima, o pessoal é despedido? Os que são demitidos, se fôr o caso, para onde vão? Alguns voltam para os roçados? 11 - Sobre os roçados que há atrás das casas. Se eles pesam na manutenção das famílias?

Fica evidente pela simples leitura que o roteiro acima carece de um princípio coerente que tivesse guiado a sua elaboração. As perguntas foram reunidas a esmo, remetendo umas a preocupações muito presentes no survey, outras ao nosso senso comum acadêmico, mas refletindo todas a nossa indefinição na condução da pesquisa.

Retomando agora o quadro das entrevistas, de acordo com a relação acima dos pontos principais das mesmas, dificilmente poderíamos concluir outra coisa senão que o trabalho ficou ao nível do inventário e da constatação. Com isso não queremos negar a necessidade de recolhermos os dados biográficos dos informantes, de procurarmos identificar as categorias que estes manipulam e os problemas que dominam o seu cotidiano. Tampouco ignoramos as injunções práticas que justificavam uma certa ênfase dada aos temas relacionados a emprego e migração, e a algumas questões genéricas relativas à área onde estávamos realizando a pesquisa. Mas o que queremos apontar como problema central é a ausência de hipóteses que guardassem uma relação clara e consciente com a problemática teórica que expusemos no início deste

trabalho. Sem essas hipóteses resta-nos a sensação de termos procedido a um trabalho do tipo do que Bourdieu chamou de "sociologia espontânea", ou talvez mais precisamente, para usar uma imagem que também não é nossa, um trabalho semelhante ao dos inspetores de fábricas ao investigarem as condições de trabalho na Inglaterra do século XIX.

Talvez mais em outras entrevistas do que nas selecionadas para este trabalho, mas também nestas, pode-se notar uma preocupação sensível com o nível de exploração dos operários, suas condições de vida e de trabalho, cumprimento ou não da legislação trabalhista pelas empresas, insalubridade das fábricas, etc., sem que estas questões fossem se articulando teoricamente de modo a adquirirem um caráter significativo do ponto de vista de hipóteses formuladas pela pesquisa.

Tudo isso leva à questão final que é a de se tentar localizar a origem do problema. Estaríamos diante de uma incapacidade relativa ao como perguntar ou então a questão deveria ser deslocada para o nível do que perguntar, ou seja, para a própria definição do objeto. Caberia aplicar aqui, num sentido amplo, a formulação de Bourdieu, segundo a qual "as operações da prática valem o que vale a teoria que as funda". (Bourdieu, 1968, pg. 95). Teríamos então que relativisar as dificuldades do trabalho de campo e a própria inexperiência do pesquisador e verificar se os limites dos resultados até agora alcançados no trabalho de pesquisa não estavam dados pelo caráter abstrato do objeto da pesquisa. Neste caso o esforço despendido para abarcar o universo prático e das representações dos informantes deveria ser tomado como um "desvio" necessário para concretizarmos nossa problemática teórica. Assim sendo, o material bruto escolhido no trabalho de campo poderá servir à construção dos dados à medida em que o amadurecimento dessa problemática permita uma reapropriação desse material à luz de pressupostos teóricos devidamente explicitados, enquanto os passos até agora dados no processo de pesquisa nos dariam

elementos sem os quais não poderíamos avançar na própria consti
tuição do objeto.

A situação do grupo estudado e as representações de suas con-
dições de existência

A Entrada pelos Bairros e suas Implicações

Ao resumirmos na parte inicial deste relatório nossas preocu
pações teóricas e nossos objetivos na primeira etapa do trabalho
de campo em Serra Azul dissemos que a abordagem dos informantes a
través de um bairro fabril e de moradia operária teria o valor, en
quanto "estratégia de pesquisa", de permitir o levantamento da rede
de relações desses operários industriais, as oposições e identificaç
ões entre o grupo estudado e as demais classes em presença. Ret
mando a questão, que é particularmente importante para a definição
da próxima etapa do trabalho de campo, é preciso reconhecer prelimi
narmente que o limite da observação acima é dado pelo fato de que a
alternativa de acesso aos informantes diretamente através da(s) fá
brica(s) seria dificilmente realizável. Isso no entanto não invali
da a constatação das possibilidades e da flexibilidade das alterna
tivas de pesquisa propiciadas pela entrada através dos bairros. Pa
ra abordarmos o problema de forma concreta e levando em conta espe
cificidade da nossa situação de pesquisa, já que não se trata aqui
de discutir aprioristicamente o problema da pesquisa através de
bairros, faremos uma caracterização sucinta dos bairros em que se
desenvolveu a nossa pesquisa. Cabem antes dois esclarecimentos. O
primeiro, talvez supérfluo, é o de que pretendíamos atingir o grupo
que se encontra no foco de nossas preocupações teóricas dos bairros
e não tomar estes últimos como unidade de análise. O segundo é pa
ra explicar a menção a bairros, e não simplesmente a um determinado
bairro. Isso se deve a que, a certa altura do trabalho de campo,
fomos atingidos pelo temor de que a entrada pelo bairro que havia

sido escolhido para o nosso trabalho, a Cidade Nova, não nos desse nenhum acesso aos trabalhadores do "setor moderno", isto é, das indústrias situadas no Distrito Industrial de Serra Azul. Havia além disso uma certa ansiedade de nossa parte com relação à consolidação da relação com os informantes, o que nos levava a procurar assegurar uma alternativa de pesquisa noutra bairro. Se bem que aqueles temores nos pareçam agora provavelmente infundados e, mais do que isso, teoricamente discutíveis pelo apriorismo que revelam com relação ao privilegiamento de um sub-grupo dentro do grupo estudado, não encontramos nenhuma razão teórica que nos leve a abandonar os contatos abertos nesse outro bairro e a perspectiva de desenvolver nosso trabalho de campo simultaneamente nos bairros de Cidade Nova e Barreiro.

Cidade Nova

A escolha deste bairro como área de pesquisa se deu a partir das informações colhidas no survey em que ficou evidente tratar-se de um bairro simultaneamente de concentração fabril e de moradia de operários.

A Cidade Nova situa-se na extremidade da cidade atravessada pelas vias de acesso ao sertão, logo depois de uma área ocupada por uma Universidade.

Logo depois do campus universitário atravessamos uma ponte, após a qual encontra-se a vila operária, fundada na década de 1930, destinada à moradia de pequena parte dos operários da S.A. Têxtil Industrial de Serra Azul. São cerca de 40 casas, sendo que entre elas, numa das extremidades da Vila, encontram-se a sede do time de futebol da fábrica, o Têxteis Esporte Clube, e a sede do centro social do SESI. A vila é separada, por outra ponte, do trecho posterior da avenida que a atravessa, no qual se encontram três

residências amplas e de aspecto confortável que se destacam no conjunto do bairro. São as casas do proprietário, de um irmão do proprietário e do gerente da fábrica. Estas últimas bem como a própria fábrica que a ela se segue, são pintadas de branco e cinza, as mesmas cores da vila operária, o que marca distintamente os domínios da empresa. Nos fundos das duas alas de casas da vila, há terras de cultivo, de propriedade da empresa que são utilizadas por alguns trabalhadores (ou por suas mulheres) para o plantio de pequenos roçados, como podemos observar. Segundo um informante, as terras são da companhia e os roçados são de quem planta. Há indicações também da criação de alguns animais nessas terras da companhia. Há atualmente rumores de que parte das casas da vila seria derrubada e os terrenos anexos loteados. As informações são contraditórias, o que se explica, segundo um informante pelo fato de que "essas notícias de coisa de rico é difícil a gente saber".

Mais adiante, em frente à fábrica há uma igreja e um colégio, e, estendendo-se à direita, desde os fundos da fábrica, por um largo espaço, o açude que serve a várias indústrias do bairro. Na cidade de Nova situam-se, além da Têxtil, uma indústria de papel, uma refinaria de óleos vegetais e também uma fábrica de sabão e, um curtume. No bairro há ainda outros curtumes menores, e um matadouro.

À margem da avenida em que estão localizadas essas indústrias estende-se a parte mais residencial do bairro do qual a vila operária parece apenas um apêndice, embora a ele possa ter dado origem. Há referências a uma parte "mais nova e mais bonita" do bairro que talvez indique uma presença de classe média no mesmo que, no entanto, ainda não foi possível verificar.

Os informantes em geral respondem que os moradores do bairro trabalham no próprio bairro ou vice-versa, embora tenhamos obtido exemplos numerosos de moradores da Cidade Nova que trabalham no Distrito Industrial e em outros bairros de Serra Azul. A Cidade Nova esta situada na periferia da zona urbana, havendo propriedades agrícolas

las e roçados nas suas imediações. Existe também uma faixa de terras próxima ao bairro, entre este e o Barreiro que estaria sendo "invadida", nela se dando a construção e a venda de barracos.

Apesar de sô a avenida principal, onde se localizam as principais fábricas, ser calçada, a Cidade Nova, é um bairro dotado de um mínimo de urbanização, com uma razoável organização espacial, a maior parte das casas de alvenaria, não apresentando um quadro de miséria impressionante. Não dispõe no entanto de um comércio desenvolvido, e este é representado basicamente pelas bodegas que parecem ocupar um papel importante na vida do bairro, o que se refletiu, como se verá a seguir, em nossa entrada na área.

O contato prévio de que dispúnhamos na área restringia-se a uma informante que havia sido abordada em frente a sua casa, na vila operária, durante o survey, por Beatriz Herédia e por mim. Essa informante é casada com um operário que, até então, era mecânico de manutenção da usina de algodão da fábrica têxtil e que, nesse período, estava justamente tirando o aviso prévio para empregar-se noutra fábrica. Isso implicava numa extensão ainda maior de sua jornada de trabalho o que veio a dificultar a retomada do contato. Esta se deu com as devidas precauções, tendo em vista que o contato havia sido feito inicialmente com a mulher, o que poderia acarretar problemas, dado o sexo do pesquisador. Assim houve o cuidado de não penetrar na casa e restringir esse encontro ao tempo necessário para marcar um outro com a presença do marido da informante. Nosso esforço de consolidar a relação com casal foi bem sucedido e por meio dele fomos introduzidos numa bodega (ou mercearia) que se tornou para nós um lugar estratégico de observação das relações sociais existentes no bairro e da própria rede de relações do informante acima. De acordo com este, a casa ocupa um lugar restrito na sua sociabilidade, o que talvez se deva generalizar para todo o grupo estudado:

"P - E aqui, sobre a vila, o sr. mora aqui desde que está trabalhando na Têxtil?

C - É, faz... vai completar 8 anos no dia 2 de setembro.

P - Então, o sr., além de tudo, o sr. deve ser um bom conhecedor do bairro?

C - Oi, é o seguinte, eu mesmo não conheço quase ninguém aqui, quer dizer, conheço de vista. Mas tem gente aqui, nesse tempo todinho que, parece até admiração, pelo nome eu não conheço quase ninguém. E tem gente aqui que eu não conheço de nenhum jeito, que quando eu saio daqui é direto pra fábrica, quando chego já é tarde, pronto. Ou eu vou dormir ou vou pra outro canto, sair. Não conheço quase ninguém, só conheço um vizinho, esse daqui, esse daqui, um em frente a ele, mas já desse pra ali não conheço mais ninguém. Eu não procuro. Uma que eu não gosto de ir em casa de ninguém. Não gosto. Eu não gosto de visitar ninguém, sou uma pessoa assim. Agora, não é porque eu queria ser melhor do que o vizinho, não é essas coisas, é porque não tenho o hábito e não gosto".

Já a bodega é vista como o lugar adequado para as pessoas se encontrarem e conversarem, nela permanecendo por vezes um par de horas como um comportamento corriqueiro. Foi aí que vimos desfilar a "sociedade" ou as "sociedades" do bairro, pois a bodega em questão é frequentada por operários industriais, trabalhadores por conta própria, trabalhadores nas construções vizinhas, trabalhadores agrícolas, pelos donos de uma pequena fábrica de mosaicos do bairro; e não só pelos homens, mas também pelas mulheres e por um grande número de crianças, cujos trocados pingam sem cessar na caixinha do bodegueiro. Este e sua mulher também se tornaram nossos informantes e acreditamos que eles possam representar um papel importante para o andamento da pesquisa, sobretudo pelo seu conhecimento dos moradores das vizinhanças.

Finalmente, cabe registrar aqui nossa decisão nessa 1ª etapa do trabalho de campo de não explorarmos as possibilidades de coleta de informações e de abertura de contatos no bairro através da Sociedade dos Amigos do Bairro (SAB), da Cidade Nova nem através do SEST. Além de termos demorado a verificar a existência ativa do SAB da Cidade Nova, o que limitaria o desenvolvimento dos contatos eventual

mente obtidos, decidimos reservar estas duas entidades como "entradas oficiais" para o nosso próximo período de campo.

Barreiro

O acesso a este bairro, cuja motivação já foi mencionada acima, deu-se de forma inteiramente aleatória. Num dia em que o pesquisador ia de carro para a Cidade Nova, perdeu-se e pediu informações a um morador do bairro aonde tinha ido parar, a quem acabou dando uma carona. Esse morador é empregado numa empresa de transportes de carga de Serra Azul, e foi através dele e de sua mulher que obtivemos as primeiras informações sobre o bairro bem como os contatos com os outros informantes. O bairro é bem afastado para os padrões e distâncias de Serra Azul e, como a Cidade Nova, fica na periferia da área construída da cidade. É vizinho de um outro bairro também de aspecto bem popular, chamado Vila Santa Helena, suas ruas não são pavimentadas e o conjunto oferece um aspecto de crescimento recente. Predominam as casas de alvenaria e as ruas têm um traçado bem definido. A casa do informante com quem tivemos o primeiro contato tem a aparência de uma casa de classe média inferior dos subúrbios do Rio de Janeiro.

Esse casal dispôs-se a ajudar-me na pesquisa mas esclareceu que tinha poucos conhecimentos no bairro, para o qual haviam se mudado há apenas um ano. Sobretudo diziam conhecer poucos operários. Afinal a esposa levou-me a uma casa, na mesma rua em que moravam, cuja frente era ocupada por uma espécie de bodega. A bodega e a casa pertencem a uma mulher cujo marido é inválido e pensionista do INPS e cujas três filhas são operárias e já trabalharam, como costureiras, em inúmeras fábricas de confecções e outras assemelhadas. Essas informantes revelam uma experiência variada pelo número de fábricas em que trabalharam e apresentam também a peculiaridade de serem referidas de uma forma quase absoluta e exclusiva à condição operária, sendo sensível que a própria alternativa de trabalho autônomo era muito nebulosa para

elas. Por se tratar de trabalhadores sem nenhuma qualificação e ao mesmo tempo com pertencimento bem marcado à classe operária parecem informantes com uma importância específica no contexto da pesquisa.

Conclusão

A título de conclusão tentaremos sistematizar as alternativas de pesquisa que poderiam orientar a próxima etapa do trabalho de campo.

A primeira delas seria a de concentrar o trabalho de pesquisa numa fábrica, no caso a Têxtil, que seria tomada como o universo empírico da pesquisa. Nesse caso o trabalho de campo deveria centrar-se na vila operária, tentando-se multiplicar os informantes a partir dos contatos já existentes. Entendemos que essa decisão implicaria em que o recorte do grupo estudado seria dado operacionalmente sem que isso nos ajudasse a perceber as determinações específicas do grupo que desejamos estudar.

A outra possibilidade é a de prosseguir a coleta de informações explorando a rede de relações dos informantes atuais, sem a preocupação de privilegiar a priori os informantes que supomos integram o grupo que desejamos estudar, uma vez que os próprios contornos desse grupo vão se definir no trabalho de pesquisa. Teríamos assim uma visão mais relacional do grupo estudado, isto é, desse modo ser-nos-ia permitido analisar até que ponto os operários se pensam como um grupo distinto, por exemplo, com relação àqueles que trabalham por conta própria, ou se são difusos esses limites na consciência operária. Seria possível assim também contrapor os discursos dos diferentes grupos e sub-grupos e compará-los. Veríamos assim o sentido diferencial que certos fenômenos assumem para os grupos aí relacionados, como, por exemplo, o problema da qualificação no trabalho industrial e fora dele, o trabalho por conta própria como ocupação princi-

pal ou acessória, etc. Além disso, dados os objetivos teóricos da pesquisa, esta segunda alternativa parece favorecer a que a coleta de informações não se restrinja à esfera da produção, atendendo à necessidade de romper com um certo economicismo dessa primeira ida ao campo, que levou um informante a definir o pesquisador como alguém interessado "nas condições financeiras do operário de Serra Azul".

Finalmente, com relação à alternativa de entrada através dos sindicatos, apesar de nossa opção pelos bairros, chegamos a entrevistar alguns presidentes de sindicatos (metalúrgicos, construção civil, calçados). A perspectiva de explorar essa via parece-nos pouco promissora, sobretudo por não termos conseguido contato com os sindicatos dos têxteis e dos trabalhadores em curiumes, nem maiores informações sobre eles. Quanto ao sindicato dos trabalhadores em indústrias extrativas de produtos vegetais (refinarias de algodão, no caso) parece mesmo não existir. Assim, no que se refere aos operários das "indústrias tradicionais", como é o caso das principais indústrias instaladas na Cidade Nova, os sindicatos não oferecem uma alternativa de pesquisa, e com relação ao sindicato dos metalúrgicos essa via de abertura de contatos poderá ou não ser explorada na pesquisa que está sendo desenvolvida paralelamente à nossa.

As Condições de Vida e de Trabalho dos Operários de Serra Azul e suas Concepções Acerca Delas

Os Salários

Os baixos níveis salariais ocupam uma posição central no discurso dos trabalhadores que colaboraram com a pesquisa, sejam estes operários industriais ou não, operários qualificados ou simples ajudantes, empregados ou trabalhadores por conta própria. As formulações acerca do salário articulam-se com a visão dos trabalhadores acerca de suas diferenciações internas e constituem um dos elementos

mais recorrentes na oposição, sempre presente entre o Nordeste e o Sul, além de serem decisivas na avaliação feita pelos trabalhadores das vantagens relativas do emprego e do trabalho por conta própria.

Em determinados contextos salário designa apenas o salário mínimo:

"J - Um operário aqui, sabe quanto meu irmão, sabe quanto meu irmão faz, trabalhando numa indústria, numa , trabalhando na indústria de fazer material elétrico, entendeu, esse material elétrico, ele ganha o salário, repare bem o salário.

J.P.-Quinhentos e quarenta e quatro contos é o salário de (nome do Estado) ...

"J - É, ele ganha o salário, quer dizer que uma base de cento e pouco por semana. Repare, cento e pouco por semana".

Noutros contextos salário pode ser a remuneração do operário qualificado que ganha mais do que o salário mínimo:

"Os salários daqui é fraco, um salário fraco, porque aqui não tem profissão. Aqui, o salário daqui de Serra Azul é fraco, um salário que..., acho que é devido o lugar, não, o salário daqui é pouco. A profissão daqui não prova, não vale quase nada".

Não deve nos surpreender o fato de que o salário mínimo, o salário de Cr\$544,00, não seja de fato o menor preço que os operários recebem pela venda de sua força de trabalho. Sem nos referirmos aos ínfimos salários (Cr\$100,00 por semana, no caso da Têxtil) pagos aos menores, devemos levar em conta que nem sempre esse salário corresponde a uma jornada de oito horas de trabalho e que são frequentes as referências ao não pagamento de horas extras ainda que por vezes essas referências remetam ao não pagamento do adicional de 20,0% previsto em lei e não à pura e simples extensão gratuita da jornada de trabalho:

"Às vezes, às vezes acontece o seguinte: Podem, às vezes, na semana, podem não querer pagar a hora extra, mas no domingo é obrigado, pagar, a hora extra, porque no domingo vamos dizer que o cabra trabalha domingo, é dois, dois, remunerado, remunerado, é dobrado, como aqui, é dobrado". (ri).

Em geral os informantes se mobilizavam diante do problema, esforçando-se pacientemente para reconstituir com o pesquisador as dificuldades insuperáveis de um trabalhador condenado a viver com o salário mínimo, com os descontos previstos, para atender às suas necessidades de subsistência; a insuficiência do salário para assegurar-lhes um padrão de existência que não implique em privação do mínimo socialmente desejado, como "o feijão da manutenção daqui", ou a injunção de atravessar, como em alguns casos observados, a cidade a pé, para poupar o dinheiro da condução:

"Porque o meu ordenado não dá para manter minha família, às vezes, sendo empregado. Eu era empregado ali na marmoaria, sozinho ali, sabe quanto o patrão pagava por semana? - Com cruzeiros. Aí eu abandonei o emprego, abandonei tudo, deixei, abandonei até o meu instituto, que não dava pra viver. Fiquei trabalhando por minha conta né, sem instituto, sem nada, pra ver se dá para eu viver, porque o emprego aqui num dá, não dá".

O baixo nível dos salários é alvo da insatisfação de ajudantes e operários qualificados ou especializados indistintamente, e é visto tanto em termos absolutos quanto em termos relativos ao nível de qualificação do trabalhador. Além da prática difundida, por parte das empresas, de admitirem trabalhadores para uma determinada função e não anotarem essa classificação em sua carteira de trabalho, registrando-os como ajudantes, são também generalizadas as referências às disparidades entre a "competência" do trabalhador e seu nível de remuneração:

"... aqui tem profissional bom mesmo, mecânico, soldador, que vive por aí se aperreando, sem necessidade, eles ganham aqui, os homens aqui não dá, não dá cobertura aos empregados".

O problema salarial tem ainda no discurso dos trabalhadores o

poder de explicar certos fatos, para os quais aponta esse mesmo discurso, como "a carência de mão-de-obra especializada", já que as empresas "abusam" pagando salários muito baixos, o que levaria o pessoal mais especializado a ir para o sul. Aliás, também operários sem nenhuma qualificação vão justificar a ida para o Sul em função dos salários pois "o ganho daqui é muito pouco". É também a alegação de que "o salário não compensa" e por isso "as pessoas não ficam" que resume as explicações de uma operária de uma confecção a respeito de suas constantes mudanças de emprego de uma fábrica para outra.

Finalmente cabe registrar as informações disponíveis acerca da relação entre hierarquia salarial e a diferenciação interna dos operários.

Do ponto de vista dos operários qualificados, que têm uma profissão, o pagamento do salário mínimo àqueles que não têm profissão pode ser visto como natural, ainda que em termos absolutos compartilhem a visão sobre a brutal insuficiência e injustiça do mesmo:

"É, quem trabalha como ajudante, quem trabalha como ajudante. Quer dizer que não tem profissão. Quem trabalha como ajudante esse num tem, esse só pode ganhar o salário, é aqui, é no Rio, é aonde fôr, esse tem de ganhar o mínimo, o salário "mínimo". (Mecânico de manutenção).

A lógica dessa afirmativa que, à primeira vista, introduz uma contradição no discurso dos operários está em reforçar o valor da profissão, como parece explícito na continuação da entrevista acima:

"Agora tem muitos que quer ganhar muito mas não tem capacidade de ganhar bem. O industrial tem razão de pagar pelo que merece, ver a profissão dele, né. Se o cabra tem capacidade de ganhar somente o salário, ele paga só o salário, direitinho né, paga o abono da família, né...".

Dessa justificação do pagamento do salário mínimo aos ajudantes, por parte dos que têm profissão, não se deve depreender como uma contrapartida necessária a ilegitimação das diferenças salariais

por parte dos ajudantes, podendo-se formular a hipótese de que seja outra a explicação que dão a elas, como sugere a seguinte passagem de nosso diário de campo:

Ela disse que ganhava Cr\$136,00 por semana (o salário menos os descontos segundo ela). Eu perguntei se todos os trabalhadores da- ganhavam o mesmo. A mãe interrompeu dizendo que era difícil saber, que os outros não diziam e elas não iam fi car perguntando.

M.J. disse então que tinha as cortadeiras que ganhavam mais o a chefe que ganha o dobro, o que justificou dizendo que ela mesma não ia querer ser chefe, ter a responsabilidade de toda aquela gente (a seção, acho eu), se não fosse para ganhar mais. Eu perguntei se a chefe ganhava mesmo o dobro ou era maneira de falar. Ela respondeu que não sabia exatamente quanto ela ga nhava, que era maneira de falar.

A Jornada de Trabalho

Todas as informações obtidas, tanto dos trabalhadores quanto dos patrões entrevistados durante o survey, configuram um quadro pró prio dos primórdios do capitalismo no que toca aos limites das jorna das de trabalho em Serra Azul.

Já mencionamos o fato de que é comum encontrarmos uma jornada normal de trabalho superior a oito horas, possivelmente servindo de base para o pagamento do salário mínimo, sem nenhum respeito pela le gislação trabalhista, que às vezes temos a impressão de ainda não ter sido introduzida em Serra Azul. Aqui vamos acrescentar apenas al gumas observações com relação aos extremos a que chega o prolonga mento das jornadas de trabalho, a par de algumas práticas que ampli am o controle da fábrica sobre a vida do trabalhador fora de seu pe ríodo de trabalho. Este é o caso da Têxtil, em que os trabalhadores da fiação e tecelagem se revezam em dois períodos, alternadamente, de 6 horas às 10 horas, 10 horas às 16 horas, 16 horas às 21 horas e 21 horas às 02 horas, assegurando à fábrica uma força de trabalho re composta, ao mesmo tempo em que impede os trabalhadores de terem ou tras ocupações regulares. Carecemos de dados para tentar estabelecer

alguma relação entre esse sistema de períodos alternados de trabalho e o recurso às horas-extras. Já numa indústria "moderna", localizada no Distrito Industrial, vigora um sistema de revezamento semanal que funciona conforme o quadro abaixo:

Horário	1ª. semana	2ª. semana	3ª. semana
06 hs. às 14 hs.	ego		
14 hs. às 22 hs.		ego	
22 hs. às 06 hs.			ego

A nosso ver esse sistema pode ser explicado, do ponto de vista da lógica empresarial por uma das seguintes hipóteses:

1 - impedir que os operários possam ter outras atividades regulares fora da fábrica, o que reduziria a sua produtividade e relativizaria a sua subordinação;

2 - talvez esse sistema vigore porque alguns desses horários não são suportáveis por tempo contínuo e prolongado.

Se esses mecanismos operam no sentido de subordinar integralmente a vida do operário às exigências do capital, esse domínio completo pode-se dar de forma mais direta pelo prolongamento da jornada de trabalho até um ponto em que o operário divida as suas horas de vida entre o trabalho na fábrica e o sono necessário à reposição de sua força de trabalho, reduzindo-se a um mínimo insignificante o tempo de lazer:

"p - E nesse período, depois que vira a usina, o sr. trabalha quantas horas na usina?

C - Na usina? Fu pego de 6 da manhã às 6 da noite, venho jantar, e pego de 7 às 10 da noite. O rojão é esse".

Este mesmo informante, que por vezes trabalhava também nos domingos, de 6hs. às 11hs., acrescenta noutro trecho da entrevista:

"Nos domingos, é. Sô me encontra em casa é nos dias de domingo. Dia de semana não me encontra não. Sô de noite, de noite se encontra, mas, quer dizer não toda noite porque eu não sei, porque agora eu vou trabalhar noutra firma, não sei como é que vai ser né. Não tou sabendo como é que vai ser os horários de lá, né. Posso fazer serão até 10, 11 horas da noite, não sei".

Encontramos também referências ao prolongamento da jornada de trabalho em função do pagamento por produção:

P - E a sra. trabalhava quantas horas lá?

L - Era oito horas, né. Era de normal. Mas eu como trabalhava produção sempre, sempre eu virava horário das outras prá aumentar meu ganho.

P - Mas que que a sra. diz que é trabalhar por produção?

L - Porque eu não tinha documento assinado, nada.

P - Ah, não tinha?

L - Tinha não, meu trabalho era... (breve interrupção)

P - Eles pagavam...

L - Eles pagavam por peso

P - Ah! Por peso...

L - Por peso!

P - Sem documento assinado e por peso?

L - Sem documento assinado. Era por peso.

P - E será que ainda continua nesse sistema até hoje?

L - Agora é tudo assinado, agora eles não querem mais, não têm mais essa parte não. Tudo lá, trabalha lá, tudo assinado. Minha irmã trabalhava lá, na fiação". (Ex-operária têxtil, enroladora).

Apesar da ressalva da informante de que nessa fábrica (Cotoní fício Nordestino) foi abolida a prática do trabalho por produção, pa rece-nos conveniente levar em conta a possibilidade de que esse sis tema ainda se encontre em algumas indústrias ou oficinas locais. É interessante observar, no exemplo acima, a única menção que encontra

mos às oito horas como sendo a jornada normal de trabalho, justamente no caso em que é quebrada a relação direta entre a duração da jornada de trabalho e o ganho do trabalhador.

A Diferenciação Interna dos Trabalhadores

Ao iniciarmos este item de nosso relatório de pesquisa devemos fazer uma advertência que, se é válida para o relatório como um todo, deve ser enfatizada aqui. Ao tentarmos analisar a diferenciação interna dos operários de Serra Azul, recorreremos a um material limitado, produto de um trabalho incipiente de pesquisa e ainda insuficiente explorado. Daí os riscos de uma certa confusão dos níveis de análise, a possibilidade de cairmos numa identificação prematura das categorias dos informantes e de erigirmos um sistema de autoclassificação dos informantes em bases bastante precárias. Tentaremos contornar essas dificuldades dando apenas algumas indicações sobre o discurso dos trabalhadores estudados, principalmente com relação à valorização da profissão no discurso desses trabalhadores.

Profissional e profissão são categorias locais que não marcam apenas o discurso dos operários industriais, mas integram também o pensamento de outras categorias sociais próximas daqueles, como trabalhadores por conta própria, operários em construção etc. Não estamos em condição de estabelecer ou negar uma relação necessária entre essa primeira constatação e a de que essas categorias têm mais de uma acepção nos discursos analisados. Quanto a isto uma primeira oposição parece-nos dever ser feita entre dois significados básicos dessas categorias:

a) profissional é o trabalhador que tem uma certa qualificação, que domina um ofício, para o que foi necessária uma determinada aprendizagem, que pode ter sido realizada na própria fábrica ou em cursos como os do SENAI; Ex.: mecânico de manutenção, torneiro mecânico, fresador.

b) São também profissionais os operários especializados, treinados para servir a uma máquina parcial, e que podem ter o seu cargo ou profissão anotados na carteira de trabalho. Ex.: montador, enrolador, "cargo assinado de costureira" (neste exemplo, as funções da informante resumem-se a pregar os bolsos nos uniformes que a fábrica produz).

Essa primeira distinção foi traduzida para as categorias dos pesquisadores por um informante que estabeleceu explicitamente os sentidos diversos com que respondia às nossas perguntas sobre o número de trabalhadores qualificados ou especializados da fábrica em que o informante trabalha (indústria metalúrgica). Neste caso, excluídos todos os operários que dominam um ofício, como o de ajustador mecânico, soldador, e os que têm uma função determinada anotada em suas carteiras de trabalho, a empresa em questão teria, segundo o informante, apenas 33,0% de "ajudantes gerais".

O ofício, cujo domínio dá conteúdo ao primeiro sentido de profissão, acima indicado, pode estar ou não inserido na organização fabril do trabalho:

"Mas o operário aqui no Nordeste não tem conforto não, vive sofrendo. Agora que aqui tem profissional tem. Tem bons profissionais, em muitas partes... pedreiro, mecânico, soldador". (Mecânico trabalhando por conta própria, ex. operário).

Em alguns contextos a categoria profissão parece chegar a perder quase todo o seu conteúdo específico e tornar-se uma forma bastante abrangente:

"M - Eu quando vim pr'aqui fui primeiro fazer... pegar feira de balaio, com balaio. Depois enjoei do trabalho de balaio, aí fui vender saco de papel na feira. Aí me abusci. Aí fui trabalhar em oficina de mola. Trabalhei seis anos em oficina, depois de seis anos abandonei a profissão, aí fui trabalhar em oficina de mola pra ver se aprendia alguma coisa.

P - Mas na oficina o sr. já sabia fazer alguma coisa?

- M - Já, já. Na oficina é tirar de mola e botar, embuchar jumelo, tirar montoneira, que é o suporte...
- P - Então da oficina o sr. foi ...?
- M - Aí saí da oficina pra trabalhar em pintura de casa, aí aprendi a fazer, sentar o tijolinho. Que eu não sabia, nê. Aí tive de mudar a profissão pra ver se dava mais certo, nê. E deu. Deu mais certo. De pintura e pedreiro. Que de tudo eu aprendi. Pouco mas aprendi". (Bodegueiro)

Em todos os sentidos com que aparece a profissão remete a um aprendizado, ou pelo menos um certo treinamento, que dá ao trabalhador uma capacidade particular, e é a ausência dessa capacidade, da aptidão específica para um serviço determinado, que caracteriza o ajudante:

"É, tão procurando, porque eu tenho profissão, tenho capacidade de de tomar conta de uma indústria, de um serviço mecânico, quer dizer que um tem capacidade de tomar conta... de um serviço, e outros não, trabalha, coitados, não sabem da profissão, têm de trabalhar em serviço grosseiro mesmo, esse só pode ganhar o salário mesmo, mas o que tem profissão, como eu e outros, tem que trabalhar e ganhar o que merece, procurar o (que merece), nê". (Mecânico de manutenção).

Às vezes ajudante aparece não apenas como a categoria que abarca todos os trabalhadores não qualificados, mas com um sentido específico por oposição a um trabalhador principal do qual o primeiro é ajudante. Essa relação entre um profissional e seu ajudante corresponde às vezes a uma relação de aprendizagem, como no caso do informante acima que começou como ajudante e aprendiz de um velho trabalhador que o antecedeu como responsável pela manutenção e reparos anuais da usina. Nem sempre porém, a aprendizagem se dá na própria fábrica, sendo a alternativa principal os cursos do SENAI de especialização e de aperfeiçoamento. No caso das costureiras que entrevistamos, empregadas de fábricas de confecções, o seu aprendizado se deu em casa, com sua mãe, mas elas fizeram menção também à existência de cursos que foram logo desvalorizando:

"Tem poucas que têm curso, mas é um curso tão miado..." (costurreira, operária de uma fábrica de sandálias japonesas).

Para os profissionais são extremamente negativas as situações que envolvem a desvalorização ou o não reconhecimento de sua profissão. Assim o sr. C. (mecânico de manutenção citado acima) se queixou do fato de que após trabalhar 8 anos na fábrica ainda constasse em sua carteira de trabalho o registro como ajudante. Para o informante, isso era "uma vergonha" e poderia levar os seus novos empregadores a pensarem que ele não sabia trabalhar. Finalmente este trabalhador conseguiu ver atendida a sua reivindicação e ser classificado como mecânico de manutenção. Outro informante denunciou a prática de muitas empresas que contratam como ajudante operários que no emprego anterior tinham outra classificação na carteira de trabalho, dizendo que ele jamais permitiria que isso fosse feito em sua própria carteira de trabalho.

A valorização da profissão, associada a um determinado saber, que apenas num caso vimos ser designado como arte (tratava-se de uma operária têxtil, que trabalhava no enrolador), é diretamente relacionada ao problema salarial. Um salário condigno deve ser a contrapartida da capacitação profissional e a percepção de um salário inadequado é vista igualmente como uma quebra do auto-respeito do trabalhador:

"É eu sobre o meu trabalho, eu sei que vai dar certo que eu gosto de trabalhar e sei trabalhar. Agora pra não ganhar dinheiro eu num trabalho, na minha profissão, sendo pra não ganhar dinheiro, eu não trabalho mais, eu vou trabalhar noutro serviço, mas nesse não. Posso trabalhar noutro mais ruim. Mas... a gente tem que dar valor ao que sabe né..." (mecânico de manutenção).

Essa valorização da profissão pode ser expressa afirmativamente ou em termos negativos, implicitamente, como pressuposto do questionamento da situação do trabalhador nordestino, por oposição ao sul, onde os salários são bons, porque no sul se dá valor à profissão:

"J - Mas o operário aqui no Nordeste não tem conforto não, vive sofrendo. Agora que aqui tem profissionais tem. Tem bons profissionais, em muitas partes... pedreiro, mecânico, soldador.

J.P - Mas que adianta, se a gente num ganhar". (diálogo entre um mecânico por conta própria e um carpinteiro).

Finalmente, essa valorização da profissão implica também no reconhecimento de que esses trabalhadores se distinguem dos demais pela natureza do serviço que se espera deles e que não há de ser o serviço "grosseiro" ou "pesado" dos ajudantes.

"P - É o jeito de pegar?

R - É o jeito. Às vezes chegava gente assim estranha, ficava olhando assim, cabra forte, ficava olhando assim, eu pegava 120 quilos, montava na cabeça, subia uma prancha, com 120 quilos. Às vezes tinha, o encarregado de manutenção: "mas, rapaz, não faz isso não, que você não é homem, você não é pra trabalhar num serviço desses, você é um mecânico, encarregado de usina, não é...".

Restando para os demais, pra os que não têm profissão, a possibilidade de vender sua força de trabalho nas piores circunstâncias e pelos menores salários:

"P - Aqui em Serra Azul como é que é? O sr. acha que tem facilidade de emprego?

M - Bom, pra uns tem: pra quem quer trabalhar. Pra quem quer trabalhar tem.

P - Tendo ou não tendo profissão?

M - Embora que não tendo profissão, mas tem, porque, vamos dizer, cavar uma vala pra fazer uma encanação qualquer, né, no solzão quente, aparece, né, tem, mas muitos num querem, enfrentar, né". (Bodegueiro).

Trabalho Industrial e a Percepção das Alternativas Pelos Trabalhadores

Emprego X Trabalho Por Conta Própria

Percebemos que há um problema no fato de as seções referentes a questões como salário, jornada de trabalho, e diferenciação interna dos operários industriais que desejamos estudar, não serem precedidas neste relatório pela prévia delimitação desse grupo como um grupo específico em relação a outras categorias sociais. No entanto se pode haver aí uma falta de lógica na ordem de exposição, é que essa seqüência deriva do próprio curso da pesquisa e da maneira pela qual estamos tentando perceber através das formulações dos informantes o seu próprio sistema de referências, isto é, como é percebida pelos operários a sua condição por oposição a outros grupos, como esses operários vêem as vantagens e desvantagens da sua situação, se ao nível de sua consciência existem ou não alternativas ao trabalho na fábrica, e se estas constituem uma aspiração dos trabalhadores. Não dispomos ainda de certas referências objetivas - como a visão dos problemas de emprego e desemprego, indicações mais concretas sobre o mercado formal e informal de trabalho, conhecimento dos requisitos práticos para o trabalho por conta própria, o valor de certos tipos de qualificação profissional fora da fábrica - às quais possamos contrapor as formulações e a prática observada dos trabalhadores estudados.

Esperamos avançar um pouco na delimitação do grupo estudado através da sistematização das informações acerca da oposição entre emprego e trabalho por conta própria tal como esta aparece no discurso dos operários e dos outros trabalhadores que formam a rede de relações na qual os operários estão inseridos.

Como primeiro passo, podemos adiantar que não vimos no discurso dos informantes nenhuma indicação de que a alternativa de traba

lho por conta própria fosse percebida pelos trabalhadores como uma imposição de uma situação objetiva de falta de empregos, sejam eles industriais ou não, apesar de que por vezes o desemprego aparece nas formulações dos informantes. Aliás, estamos longe de dar conta da articulação das informações relativas ao tema de desemprego, e as que temos são poucas e contraditórias. Um informante, dirigente sindical dos trabalhadores da construção civil, apontou expressamente o problema, dizendo que de nada adiantava ter o salário mínimo se o sujeito passa uma semana trabalhando e na seguinte já está desempregado e que o importante era ter trabalho e não aumento de salário.

Apenas um outro informante, um carpinteiro, também empregado na construção civil, fez uma referência direta ao problema, menção nando seus frequentes deslocamentos de Serra Azul para Natal, João Pessoa e outras cidades da região onde houvesse oportunidades de trabalho. Outro dirigente sindical aludiu ao pequeno número de indústrias de Serra Azul para explicar porque razão trabalhadores que perdiam seus empregos numa fábrica em que tinham uma classificação na carteira de trabalho aceitavam ser admitidos como ajudantes noutra fábrica em que iam desempenhar a mesma função que na primeira.

Entretanto a maioria dos informantes, tanto operários como os que vivem por conta própria, biscateiros ou que têm um negócio, se não chegam a dizer como um deles que "aqui o cara não para, só se for preguiçoso", só apontam o problema do desemprego, ou melhor, a existência de desempregados, mediatizado pela afirmação da impossibilidade de o trabalhador assegurar sua subsistência com o salário que recebe no emprego:

"Por isso que muitos vive desempregado, prefere trabalhar (...) fazendo biscates aqui e acolá, por que se se empregar numa firma, num dá pra viver". (Mecânico que trabalha por conta própria, ex-operário).

Se aqueles que trabalham por conta própria negam a possibilida

de de viver como empregado de uma firma, no discurso dos operários a afirmativa generalizada de que "emprego não dá certo" vai aparecer com um sentido diverso e mais relativizado:

"P - E como é que ele conseguiu essas oficinas?

R - Ele começou o seguinte: ele trabalhando como empregado e depois que viu que emprego não dava certo como eu, né. Ele tinha inteligência como eu, né. Quer dizer que eu posso deixar o emprego e começar, não é. Mas eu não quero. Foi como ele, ele começou. Trabalhou de empregado uns tempos aí, viu que num dava certo, começou a trabalhar por conta dele. Por conta dele. Trabalhando, e coisa, e lávai. E você sabe que o negócio sempre é melhor do que emprego, né". (Mecânico de manutenção).

Aparentemente, se na primeira formulação emprego está associada a privação, no caso do operário acima, e mesmo na visão de não-operários, mas num contexto diferente daquele, remete a um ganho que não permite nenhum tipo de acumulação:

"P - E foi aí que ele juntou dinheiro pra abrir essa merca-ria?

R - Aqui, mas com outros esforços, não de indústria nem de trabalho. Só ele trabalhando por conta, num sabe?

P - Mas trabalhando por conta como, em que?

R - Em construção". (Mulher de bodegueiro, ex-operária têxtil)

Examinando-se agora a situação do ponto de vista oposto ao que vimos acima, isto é, daquele em que prevalece a alternativa do emprego, julgamos necessário ir além do pressuposto de que permanece subordinado ao capital trabalhador "livre", no sentido de estar "inteiramente despojado de todas as coisas necessárias à materialização de sua força de trabalho, não tendo além desta outra mercadoria para vender". (K. Marx, "O Capital", Civilização Brasileira, Volume 1, pg. 189). Ressalvada a precariedade das informações com relação à situação dos ajudantes, o fato é que a decisão de permanecer no emprego não é percebida como resultando imediatamente da pressão da neces

cidade; ora os informantes admitem as vantagens do trabalho "como autônomo", mas alegam que nunca tentaram, ora o informante afirma já estar acostumado ao emprego:

"É eu tenho capacidade de... Portanto que eu não quero negociar. Eu quero trabalhar, ficar trabalhando mesmo. Porque já estou acostumado. Já estou acostumado. Acho que num vou deixar mais. Vou morrer sendo empregado mesmo. Pode ser que eu, bem eu estou pensando assim que vou trabalhar, se der certo quando eu estiver velho eu vou inventando um negócio, porque já fui do negócio, já fui motorista de praça um bocadinho de ano, vivi por minha conta..." (mecânico de manutenção).

Além dessas formas tautológicas de expressão das razões de permanência no emprego, há também no discurso das diferentes categorias de informantes certos elementos recorrentes de valorização do emprego como a cobertura do INPS, os direitos, as férias remuneradas, o 13º salário etc., ainda que no caso dos que abandonaram o emprego para trabalhar por conta própria a menção à perda do Instituto sirva mais de contraponto à denúncia da situação extrema que levou a essa decisão.

Para finalizar esta parte do relatório devemos ainda registrar os sentidos diferentes com que aparecem as expressões viver por conta própria e trabalho por conta própria (ou, simplesmente, por conta, por minha conta).

A primeira acepção é a de biscate, não sendo possível afirmar neste caso se existe uma diferença entre trabalho por conta própria, visto como uma atividade econômica paralela de um trabalhador que tem um emprego regular, e viver por conta própria, entendido como ocupação exclusiva de um trabalhador que não mantém de fato nenhum vínculo empregatício que lhe assegure uma parte de sua subsistência. A hipótese portanto seria de que todos os que vivem por conta própria trabalham por conta própria, mas nem todos os que trabalham por conta própria vivem por conta própria. Nos contextos em que aparece a categoria biscate não foi possível perceber se havia alguma restri

ção do sentido do trabalho por conta própria à prestação de servi-
ços. Nesse primeiro sentido de expressão por conta própria incluem-
se atividades como o trabalho em construção e o trabalho em oficinas
(não sabemos se de reparos ou não) sem vínculo empregatício (este
exemplo deve ser averiguado, pois a informante disse que tinha um
compadre que era mecânico e trabalhava numa oficina, lá para o lado
do Distrito Industrial; que a oficina tinha um dono, mas seu compa-
dre trabalha "por conta").

O outro sentido dessas expressões é o negócio:

"I - E esse meu irmão que eu digo que ele, J.M., ele vive por
conta própria. Ele vive bem de vida, né.

P - Esse é o que tem oficina?

I - Tem, tem oficina, tem duas oficinas, tem. Vive por conta
dele, tem uma propriedade aí perto do Distrito Indus-
trial, sabe onde é o Distrito Industrial? (mecânico de ma-
nutenção).

O negócio na maior parte das vezes não aparece com a mesma ên-
fase na acumulação que tem no exemplo acima, a qual talvez reflita
uma certa intenção de impressionar o pesquisador. O exemplo mais co-
mum é o de abrir uma bodega (ou mercearia), ou senão a referência ge-
ral a "abrir uma portinha". Vimos também uma referência a ser moto-
rista de praça como negócio.

A Alternativa do Trabalho na Agricultura

Como vimos antes, a própria forma como evoluíram as nossas in-
dagações teóricas fez com que insistíssemos nas questões relativas
à possível origem rural dos informantes e à sua visão do trabalho no
campo. Apesar disso não podemos dizer que as informações obtidas te-
nham favorecido a formação de qualquer hipótese que atribuísse maior
importância a esses aspectos na determinação das relações sociais in-
vestigadas. Tendemos, portanto, a extrair como um dos frutos dessa
primeira ida ao campo uma clareza maior sobre a necessidade de nos

desvencilharmos do problema da "origem rural" dos operários, no sentido de que a discussão dessa questão poderá ser um sub-produto de nossa pesquisa, mas não deve ser imposta arbitrariamente ao objeto.

Vamos pois sistematizar as informações pertinentes à relação rural-urbano no que diz respeito ao grupo estudado sem perder de vista o que está dito acima.

Com relação aos movimentos de trabalhadores do campo para a cidade e vice-versa, a indicação mais importante, principalmente do ponto de vista das preocupações globais do PROJETO, é a de que grande parte dos trabalhadores na construção civil trabalharia também em roçados nas imediações de Serra Azul (cerca de 6 léguas; a uma pergunta minha se era no Brejo, o informante respondeu afirmativamente). O mesmo informante que nos deu essa indicação (líder sindical dos trabalhadores da construção civil) disse que no inverno diminui a procura de empregos porque os trabalhadores voltam para os roçados e que no verão há uma quantidade enorme de trabalhadores que chegam dos roçados e vão procurar empregos na cidade. Houve também referência a que a maioria dos ajudantes gerais seriam da roça e que às vezes retornavam para o campo, mas neste caso sem se caracterizar o caráter de sazonalidade desses deslocamentos (informação dada por um metalúrgico). No entanto, com relação a esse movimento de retorno à agricultura, a questão, por vezes, parece não colocar para os informantes como no seguinte exemplo, em que há um deslocamento da questão:

"P - E tem gente que sai, por exemplo, que deixa de trabalhar na Têxtil pra voltar assim pro roçado, pra agricultura?"

R - Bem, acontece, acontece de sair, mas às vezes volta de novo, né. Tem muitos daqui mesmo que bate pro Rio, São Paulo, daqui um pouco chega aí pra arrumar um emprego, né".
(Mecânico de manutenção).

Ou então a resposta negativa pode vir impregnada de um claro sentido valorativo como no seguinte trecho da entrevista:

"P - O sr. acha muito comum, por exemplo, a pessoa voltar, a pessoa que vem do interior depois voltar para a agricultura? Que que o sr. acha disso?

R - Tou achando que a pessoa saindo da agricultura não deve voltar mais não. Que não está dando mais não. A agricultura não está dando nada. Tã não, com toda ruindade é melhor o trabalho aqui (...)

P - Mas o sr. sabe de muitos casos, de gente que tenha voltado, ou isso não é comum?

R - Não, não sei de muitos não. Às vezes é, duas pessoas, três, conversa comigo e diz a situação, né. Diz a situação, que veio, vamos dizer, veio da agricultura, o lugar é a rua mesmo, não é. Muitos diz assim, que o lugar é a rua". (Bodegueiro, veio do Sertão para Serra Azul quando ainda era criança).

Com relação às informações sobre o retorno de pessoas para o campo é preciso distinguir, nas formulações dos informantes, o caso dos trabalhadores que voltam para a agricultura do caso dos trabalhadores rurais que chegam a Serra Azul em épocas de secas e depois retornam para o Sertão. Este ponto apareceu claramente nas informações dadas pela mulher do bodegueiro acima, ex-operária têxtil e filha de trabalhadores urbanos, que numa oportunidade começou a prever uma seca, usando curiosamente algumas categorias dos pequenos produtores. Assim disse que quem vivia da agricultura esse ano não ia lucrar na da, pois o milho que ainda estava crescendo ia amarelar todo. Que quem lucrasse seria só pra comer, não ia dar para vender nada. Disse que em dezembro ninguém ia ter mais o que comer e que aí o pessoal da agricultura do Sertão, que não tivesse lucrado, vinha todo para Serra Azul e era aquele peditório. Neste contexto a informante admitiu o fato do retorno de trabalhadores para a agricultura.

Obtivemos também umas poucas indicações sobre a visão comparativa que os informantes têm da vida em Serra Azul e no campo. Assim um informante, natural de uma localidade rural comentou: "lá é que não tem vida", acrescentando que o pessoal vinha de lá e achava que "aqui é que é bom", e completando: "e de fato que é". A mulher desse mesmo trabalhador salientou que "na rua tudo é mais caro", tendo se oposto a que seu pai, pequeno produtor, vendesse o sítio que possui,

pois "dinheiro é coisa que some facilmente".

Outro aspecto que procuramos investigar foi o da possível existência de uma atividade agrícola complementar ao trabalho na fábrica, no caso dos operários que moram na vila operária da fábrica têxtil. Como dissemos ao descrever os bairros, há uma área disponível para roçados junto das casas da vila, mas pelo que pudemos constatar esta área é sub-utilizada, provavelmente porque os trabalhadores dispõem de pouco tempo para dedicar-se a esse trabalho. Vimos também um homem entrar nessa área com uma vaca, e o nosso informante principal aí se referiu a uma criação de porcos que, juntamente com uns 13º salários, o teria ajudado na construção de sua casa própria. Entretanto o informante se referiu ao fato sempre jocosamente, e não foi possível averiguar em geral a importância que esses roçados têm na manutenção dos operários da Têxtil.

A Imagem Idealizada do Sul e Seus Efeitos Sobre a Consciência Operária(*)

No trabalho de campo nossa atenção foi despertada pelas referências constantes às excelências da vida do trabalhador do Sul, como padrão de comparação para as reclamações relativas às condições de vida dos trabalhadores locais. Achamos importante explorar essa questão no desenvolvimento de nossa pesquisa, porque acreditamos que a imagem idealizada do Sul, em particular da vida dos operários no Rio e em São Paulo, revela um deslocamento, na visão dos trabalhadores estudados, dos problemas que os afligem, que não são percebidos como decorrentes da natureza das relações sociais em que estão inseridos, mas são pensados nos marcos da ideologia do desenvolvimento,

(*) No prosseguimento de nosso trabalho, julgamos possível obter importantes subsídios teóricos para a compreensão deste problema a partir da leitura de "A Questão Meridional", de Gramsci, conforme indicação do Prof. Moacir Palmeira.

como resultantes do atraso industrial de Serra Azul.

A reclamação dos trabalhadores contra a insuficiência dos seus salários está quase sempre referida a esse paralelo entre o Nordeste e o Sul:

"Os salários daqui é fraco, um salário fraco, porque aqui não tem profissão. Aqui, o salário daqui de Serra Azul é fraco, um salário que..., acho que é devido o lugar, né, o salário daqui é pouco. A profissão daqui não prova, não vale quase nada, eu acho que, eu não sei não porque eu nunca fui ao Sul, né, mas eu acho que a gente que sai daqui, quando chega no sul diz que ganha bem, quer dizer que lá dão valor, à profissão, né. Dão valor à profissão". (Mecânico de manutenção).

No Sul haveria a possibilidade de arranjar com facilidade em pregos com uma remuneração condizente com o nível de qualificação do trabalhador:

"Aqui tem profissional bom mesmo, mecânico, soldador, que vive por aí se aperreando, sem necessidade, eles ganham aqui..., os homens aqui não dá..., não dá cobertura aos empregados. Vai vi ver em São Paulo, sai correndo pra São Paulo, tem profissão, agora há pouco mesmo saiu um rapaz, um colega meu, ele traba lha de solda elétrica, faz tudo em solda elétrica, trabalha em fábricas de caldeiras, em tanque de indústrias, tudo sabe nes se serviço. Vivia aqui, coitado, aperreado, passando necessidã de, com os colegas ajudando a ele. Foi pra São Paulo, foi seis meses. Arrumou um emprego lá numa metalúrgica, já mandou bus car a mulher dele". (Mecânico por conta própria).

Essas diferenças salariais, que dão a base objetiva à consti tuição dessa imagem idealizada do Sul, materializam-se, nas elabora ções dos informantes, num determinado padrão de consumo que é por eles atribuídos aos operários do Sul:

"A gente vê, em São Paulo, no Rio, um operário, qualquer ope rariozinho mora num barraco, tem uma televisão, tem sua gelã deira, né. Tem seus confortos. Tá certo. Ele vive naquela vida de sacrifícios, tal, trabalhando pra (...), mas tem seus con fortos". (Continuação da entrevista acima).

Essas diferenças de salários, de padrão de consumo e de oportu nidades de trabalho parecem estar associados também à idéia de que no Sul existe uma situação em que o operário goza de maior prestígio

social, em que, por exemplo, há confiança na sua capacidade de contrair dívidas e saldã-las e até um servente pode servir de fiador pa-
ra a compra de certos bens de consumo duráveis, enquanto que, em Ser
ra Azul, um trabalhador para adquirir uma geladeira teria até de apre-
sentar os documentos de sua casa em garantia.

A oposição Nordeste/Sul explica também a fraqueza dos sindica
tos locais face ao poderio, inclusive econômico, dos sindicatos pau
listas. Por outro lado, certos abusos das indústrias de Serra Azul,
que na verdade podem ser práticas generalizadas nacionalmente, são
vistas como características locais, atribuídas não só a "sabedoria"
das classes dominantes da região, mas também ao pequeno número de in
dústrias ali existente.

Tudo isso é às vezes relativizado pelos trabalhadores que já
estiveram no Sul e aí trabalharam, que contrapõem a essas vantagens
uma visão mais concreta da relação entre os salários e o custo de vi
da, as dificuldades e o custo dos transportes, nas grandes cidades o
ritmo de vida, o controle repressivo sobre a massa de trabalhadores
(por exemplo, a obrigação de não andar sem documentos), as distân
cias entre os locais de trabalho e de moradia, etc. Essa relativiza
ção foi ainda mais acentuada num caso de um trabalhador que incluiu
em seu cálculo da diferença relativa de salários entre Serra Azul e
Niterói (onde se empregou, no Sul) o acréscimo de despesas acarreta
do pela necessidade de manter separadamente ele próprio e a família.

Bibliografia

BOURDIEU, P; CHAMBOREDON, J.C.; PASSERON, J.C.

1968 - Le Métier de Sociologue. Paris, Mouton

GRAMSCI, A.

1974 - Quelques thèmes sur la Question Méridionale. In: Macciocchi, M.A.. Pour Gramsci, Paris, Sevil

LEITE LOPES, J. Sérgio

1976 - O Vapor do Diabo, o trabalho dos operários do açúcar, Rio de Janeiro, Paz e Terra

MARCUSE, H.

1964 - One Dimensional Man, Studies in the Ideology of Advanced Industrial Societies. In: Bourdieu, P.: Chamboredon, J.C.; Passeron, J.C. Le Métier de Sociologue, Paris, Mouton, 1968

MARX, K

1975 - O Capital. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira